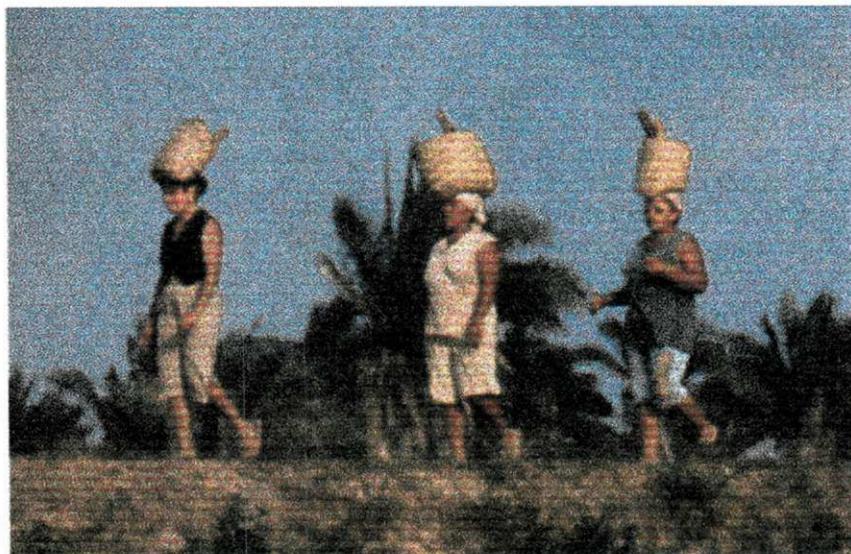


**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**



**Gênero e Trabalho: um estudo sobre as quebradeiras de coco babaçu -
Jatobá/Ma.**

Jaciara Almeida Castro

Campina Grande, Junho de 2003

Jaciara Almeida Castro

**Gênero e Trabalho: um estudo sobre as quebradeiras de coco babaçu -
Jatobá/Ma.**

Dissertação de mestrado, apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia das Universidades Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Campina Grande, Junho de 2003



C355g Castro, Jaciara Almeida.
Gênero e trabalho : um estudo sobre as quebradeiras de coco babaçu - Jatobá/MA / Jaciara Almeida Castro. - Campina Grande, 2003.
133 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, 2003.
"Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Deolinda Maria de Sousa Ramalho".
Referências.

1. Sociologia do Trabalho Feminino. 2. Trabalho Feminino. 3. Trabalho e Gênero. 4. Dissertação - Sociologia. I. Ramalho, Deolinda Maria de Sousa. II. Universidade Federal da Paraíba - Campina Grande (PB). III. Título

CDU 316.334.22-055.2(043)

Jaciara Almeida Castro

**Gênero e Trabalho: um estudo sobre as quebradeiras de coco babaçu -
Jatobá/Ma.**

COMISSÃO EXAMINADORA

Dr^a. Deolinda Maria de Sousa Ramalho
(Orientadora)

Dr. Lemuel Guerra
(Examinador)

Dr^a. Marcionila Fernandes
(Examinadora)



Gênero e Trabalho: um estudo sobre as quebradeiras de coco babaçu - Jatobá/Ma.

Orientadora:

Deolinda Maria de Sousa Ramalho

PhD em Sociologia pela Mississippi State University - Starkville/USA.

Apoio:

CAPES

Aos meus pais Raimundo e Francisca; minhas irmãs queridas: Alé, Mara e Goreth.

A meu filho *João Victor*, minha maior conquista, **DEDICO**.

AGRADECIMENTOS

Acredito que toda trajetória acadêmica, assim como nossa trajetória de vida tem momentos marcados de altos e baixos, mas que de alguma forma deixam marcas profundas que moldam a nossa maneira de pensar e agir, transformando e forjando um novo ser. Somos alegres, tristes, rancorosos, bondosos, humildes, arrogantes, contraditórios, enfim, somos seres mutáveis, dinâmicos e essa é a nossa natureza. No percorrer de minha trajetória acadêmica no curso de Pós- Graduação em Sociologia, vivenciei plenamente essas transformações e algumas pessoas fizeram parte desse processo, ajudando-me principalmente nos momentos mais difíceis. A estes a minha gratidão.

- Aos meus pais, Raimundo de Sousa Castro e Francisca Almeida Castro, os maiores responsáveis, pois me deram a vida e toda minha formação;
- A minha querida irmã Goreth, meu cunhado Narcelio e sobrinhos, Júnio, Nássaro e Nairo. Sem o apoio deles esse trabalho não teria se concretizado;
- Em especial, a minha maior amiga, companheira de todas as horas, que sempre me incentivou e acreditou na minha capacidade, e como benção divina Deus a fez minha irmã. A você, Alessandra, agradeço;
- Ao meu cunhado German, pela ajuda e pelos momentos de paciência e compreensão;
- A David, pelo seu incentivo, carinho e apoio, e por me mostrar o quanto a vida pode ser difícil quando não nos curvamos as normas da sociedade;
- As minhas amigas Diana, Etiene e Elizeth, pela ajuda e por me agüentarem nas horas tristes.
- A homens, mulheres e crianças quebradeiras de coco da comunidade de Jatobá, sem eles este estudo não seria possível, como também a família de Neide, a qual me acolheu em sua casa.
- À professora Deolinda, pela orientação, paciência e incentivo;
- Aos professores, Xangai, Edgard, Norma, Jacob, Ghislaine, Lemuel, Bolivar, que me ajudaram com seus ensinamentos acadêmicos;
- Ao professor Lemuel, por ter lido meu trabalho pacientemente, dando suas sugestões.
- Aos meus colegas de turma, Josilene, Marcio, Irlanda, Brandão, Raimundo, Else, Paulo, Edjane e Simone, que também experimentaram os prazeres e os sabores de fazer ciência;
- A Joãozinho, Rosicléa e Rinaldo, amigos que estavam sempre dispostos a me ajudar;
- A CAPES, que através da bolsa possibilitou a maior parte do desenvolvimento deste estudo;
- Á Deus sobre todas as coisas.

“O meu sonho é que nós possa ter tudo o que gente pobre precisa, né? Nós somos pobres, mas nós temos direito de viver uma vida digna e essa vida digna se encontra junto com todos, a gente sozinho não pode fazer nada”. (S.F)

As quebradeiras de coco de Jatobá/Ma, a minha HOMENAGEM.

RESUMO

O presente estudo focaliza um grupo de mulheres de uma comunidade denominada Jatobá, localizada no estado do Maranhão, que vive da atividade extrativa do coco babaçu e que se autodenominam “Quebradeiras de Coco Babaçu”. O mesmo tem por objetivo compreender o modo de vida e trabalho destas mulheres, através de uma perspectiva das relações sociais de gênero. Com os dados levantados em campo, através de técnicas como entrevistas semi-estruturadas, observação direta, relatos, histórias de vida e fotos como complementação de dados, verificamos que a quebra do coco babaçu, devido a posição como é realizada, é subjetivada no imaginário social de Jatobá como uma atividade especificamente feminina, tendo se constituído numa barreira para os homens se inserirem nesta atividade. Apesar de existir um número expressivo de homens que quebram o coco, eles preferem manter-se invisíveis. Constatamos que apesar da renda principal para a reprodução da família advir da quebra do coco - realizada por mulheres - o homem continua mantendo sua posição de provedor dentro do grupo doméstico sendo o trabalho da mulher visto como complementar. Concluimos que a posição que a mulher e homem ocupam dentro da família, nesta comunidade, é basicamente determinada pelo sexo a que pertence.

ABSTRACT

This study focuses upon a group of women of a community called Jatobá, located in the state of Maranhão, that lives off the extraction of the babassu coconut and who call themselves “babassu coconut breakers.” The objective is to understand the life and work of these women, by means of a perspective of the social relationships of gender. With the field data, and using techniques such as semi-structured interviews, direct observation, reports, life histories and pictures as additions to the data, we verified that the breaking of the babassu coconut, due to position with which it is accomplished, is subjective in the social imagination of Jatobá as an activity specifically feminine, having been created barriers for the men to insert themselves into this activity. In spite of an expressive number of men that break the coconut, they prefer to maintain unseen. We verified that in spite of the main income for the reproduction of the family coming from the breaking of the coconut - accomplished by women - the man continues maintaining his provider position inside of the domestic group, the woman's work being seen as supplementary. We concluded that the position that the woman and man occupy inside of the family, in this community, is basically determined by the sex that they belong to.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Posto dos Kombeiros	27
Figura 2: Região do Médio Mearim	40
Figura 3: Palmeiras de coco Babaçu.....	41
Figura 4: D. Raimunda com o Currú	43
Figura 5: D. Maria Pereira moradora mais antiga do povoado	45
Figura 6: Jatobá às margens esquerda e direita da MA-245	48
Figura 7: Croqui de Jatobá	49
Figura 8: Casinha da quebra do coco.....	50
Figura 9: Início da construção de uma casa	50
Figura 10: Banheiro	51
Figura 11: Gamela para guardar água para o banho	52
Figura 12: Poço de onde retiram água para o consumo	53
Figura 13: Casa de uma quebradeira de coco.....	54
Figura 14: Processo de extração da massa do coco	60
Figura 15: Quebradeira de Coco vestida para coletar e quebrar o coco na mata	61
Figura 16: Homem fugindo para não ser visto quebrando coco	74
Figura 17: Posição tradicional da quebra do coco.....	76
Figura 18: Mãe quebrando o coco com o filho ao lado	78
Figura 19: Crianças sendo iniciadas na quebra do coco	79
Figura 20: Mulher quebrando coco com o fogão de barro ao lado	83
Figura 21: Homem retirando os jacás de coco do lombo do animal	87
Figura 22: Caieira aberta para queimar a casca do coco para fazer o carvão	89
Figura 23: Casas cobertas com a palha da palmeira babaçu	96
Figura 24: Quebradeira de Coco na mata.....	101
Figura 25: Posição do homem quebrando coco.....	103
Figura 26: Quebradeira de coco envolta pela fumaça da caieira no quintal de sua casa.....	105
Figura 27: Quebradeiras de coco na atividade extrativa.....	110
Figura 28: Cocos acumulados para serem quebrados no inverno.....	111

Figura 29: Palmeira derrubada em uma das fazendas	115
Figura 30: D. Isabel, filha de índios	120
Figura 31: Quebradeira de coco entre palmeiras novas que estão sendo preservadas	124

INTRODUÇÃO

O Brasil por ser rico em termos de recursos naturais possibilita, através do extrativismo, a sobrevivência de muitas famílias em várias regiões do país. Todavia, com o desenvolver dos debates ambientalistas, tem-se colocado que as atividades denominadas extrativas estariam em vias de desaparecimento em decorrência do uso irracional dos recursos naturais, ocasionando uma série de problemas aos trabalhadores (a) rurais, os (a) quais, dependem deste tipo específico de atividade.

Contraopondo-se a essa idéia do *fim do extrativismo*¹, os novos movimentos de determinadas populações tradicionais² extrativas emergidos na Amazonia em defesa do uso cotidiano das atividades extrativas a partir dos anos 80 trouxeram à tona um novo debate, o da reconceituação do extrativismo, ocasionando uma ruptura com o discurso ideológico até então corrente. De acordo com Shiraishi (1997:54), esse campo de oposições em se tratando de extrativismo parece indicar muitas situações de consenso em meio às divergências e polêmicas. Mas, nota-se uma dificuldade de investigar de maneira mais criteriosa situações sociais empiricamente detectáveis, levando em consideração o que pensam os próprios produtores diretos, ou seja, os atores sociais, suas práticas e relações sociais³ no contexto de suas atividades. Assim, os discursos tonam invisível a presença das populações que sobrevivem de atividades extrativa, e que possuem um saber tradicional construído através do tempo por gerações, permitindo viverem uma relação harmoniosa com a natureza.

¹ Para um maior aprofundamento sobre o debate do fim do extrativismo; leia-se: Shiraishi, Joaquim – “A reconceituação do extrativismo na Amazônia: práticas de uso comum dos recursos naturais e normas de direito construídas pelas quebradeiras de coco”. Dissertação de Mestrado. NAEA. Belém. 1997 pp. 33-55.

² São os denominados grupos sociais (seringueiros, castanheiros, quebradores de coco etc.) que há várias gerações sobrevivem da atividade extrativa de um determinado recurso natural, sem contudo prejudicar a natureza.

³ Esta definida pela contradição e antagonismos entre os grupos sociais. Uma dinâmica que está sempre em vias de modificação e recriação (KERGOAT, 1997: 82).

Dessa forma, as ciências sociais não poderiam ficar de fora desse debate, enfatizando as condições concretas desses trabalhadores (as), isto é, seu modo de vida e trabalho, tão presente na sociedade, que envolve grupos sociais que desempenham esse tipo específico de atividade, como a extrativa.

Diante desse contexto, esperando modestamente participar desse debate sobre as populações tradicionais que vivem diretamente dos recursos das florestas e que com estas possuem uma relação harmoniosa é que descrevemos neste estudo o modo de vida e trabalho de um determinado grupo de mulheres autodenominadas "*Quebradeiras de coco babaçu*"⁴, objetivando, principalmente, compreender como se dão as relações de trabalho estabelecidas no decorrer de todo o processo extrativo do coco babaçu⁵ através de uma perspectiva das relações sociais de gênero. Para tanto, as nossas questões de pesquisa podem ser assim formuladas: primeiro, de que maneira as relações de gênero se define no processo produtivo da extração do coco babaçu para mulheres e homens? Segundo, qual a percepção que os atores envolvidos nesse processo da atividade extrativa do coco tem do seu trabalho? E por último, qual a relação do homem e da mulher com a natureza? Essas são questões que procuramos responder nesse estudo.

No decorrer da construção deste texto, procuraremos fazer uma descrição e interpretação dos dados colhidos durante a realização da pesquisa de campo buscando atingir o objetivo acima proposto pelo presente trabalho.

⁴ As quebradeiras de coco babaçu são mulheres que vivem da atividade extrativa da quebra de coco babaçu, não só na região do estado do Maranhão mas também em outras regiões do país e que na sua maioria esta atividade constitui a sua principal fonte de renda dentro da família, seja de caráter complementar ou não. Embora as quebradeiras sejam o nosso objeto principal de investigação, como se trata de um estudo das relações de gênero implícitas no trabalho extrativo da quebra do coco, os homens também estão incluídos neste estudo.

⁵ O babaçu (*orbgmia ssp*) é uma palmeira nativa que se concentra na região Nordeste, Norte e Centro-Oeste, merecendo maior destaque a região Nordeste, que detém, atualmente, a maior produção de amêndoa e a maior área em cocais. O Maranhão destaca-se dentre os Estados do Nordeste, pois possui a maior área de babaçuais e é a primeira riqueza extrativa deste Estado. Cabe ao Maranhão mais de 70% da produção existente do coco babaçu no Brasil.

Gostaríamos de ressaltar que, ao descrever o modo de vida e trabalho dessas mulheres quebradeiras de coco aqui investigadas não estarei fazendo generalizações em relação as outras comunidades que vivem da atividade extrativa da quebra do coco, visto que, cada uma tem a sua especificidade.

Portanto, esta dissertação consiste em um estudo sobre um grupo de trabalhadoras rurais extrativistas, as quebradeiras de coco babaçu, que há várias gerações vivem da atividade indicada. O nosso *locus* de pesquisa foi uma comunidade rural denominada Jatobá, que fica localizada no interior do Estado do Maranhão a aproximadamente 300 km da capital São Luís.

Vale salientar, que a escolha dessa comunidade como campo de estudo se deu por esta possuir um número considerável de mulheres e homens⁶ que vivem da extração do coco babaçu, sendo esta a principal atividade econômica da comunidade e também, por ser uma região conhecida pela pesquisadora, viabilizando assim, o processo de investigação.

A motivação para a realização do referente estudo, ou seja, a escolha do trabalho dessas mulheres como objeto de investigação se deu em decorrência de que: primeiro, fomos motivadas pela curiosidade de compreender o porquê da quebra do coco ser realizado na sua maioria por mulheres, levando esta atividade de maneira geral a ser considerada "trabalho de mulher", ou seja, o que pretendemos analisar é como as relações de trabalho são subjetivadas tanto por mulheres e homens da comunidade em estudo; segundo, por considerarmos o trabalho delas de grande relevância tanto para a suas famílias, como para a economia regional. Finalmente, porque, através de uma pesquisa exploratória no mês de janeiro de 2001 às bibliotecas das Universidades Estadual e Federal do Maranhão em São Luís,(UEMA e UFMA, respectivamente) visando colher dados para a

⁶ Nessa comunidade, há um número expressivo de homens que têm como atividade principal, a coleta e quebra do coco.

elaboração do projeto de pesquisa, pudemos perceber a ausência de estudos que enfatizassem a importância do trabalho dessas mulheres no decorrer do processo produtivo da extração do coco babaçu, seu modo de vida e as relações sociais de gênero implícitas neles. Os estudos, que tratam da atividade extrativa do coco babaçu no Maranhão, privilegiam os aspectos econômicos (ALMEIDA, 2000; CARIOCA, 1981; BEZERRA, 1994; AMARAL, 1990), abordando as vezes, ligeiramente, o lado sociabilidade envolvida.

Como o foco de análise desse estudo está em compreender as relações sociais de gênero inseridas no desenvolver do trabalho realizado pelas quebradeiras de coco, utilizaremos das contribuições de alguns autores que abordam essas duas categorias, a saber, gênero e trabalho.

Quando tratamos das relações sociais de gênero uma das autoras em que nos fundamentamos foi Joan Scott (1990). Segundo ela, o gênero é uma categoria relacional, histórica e social, que se insere nas relações sociais, fundamentando as diferenças entre os gêneros masculinos e femininos e dando significado às relações de poder. O gênero aqui deve ser entendido como uma construção social, ou seja, a atribuição cultural de funções e papéis a mulheres e homens, a partir do sexo. É nessa perspectiva que procuramos compreender as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres de Jatobá, a partir da atividade extrativa do coco.

Sabemos que as relações de trabalho, seja na zona rural ou urbana, quando se trata de relações sociais de gênero, são permeadas por desigualdades, refletidas na divisão de trabalho por sexo, um tema bastante discutido, mas que retomaremos neste estudo, buscando compreender todo o processo de trabalho das quebradeiras de coco babaçu, como também, o papel dos homens, que de alguma forma estão inseridos neste processo que vai desde a coleta até a venda do coco.

Além de Scott (1990) embasamos nosso estudo em outras autoras que discutem o trabalho no contexto das relações sociais de gênero, tais como Silva (1992), Kergoat (1987) Lobo (1991), dentre outros.

É importante salientar que o trabalho aqui utilizado deve ser entendido enquanto uma dimensão totalizadora, ou seja, como um acontecimento fundamental da realidade humana, através do qual a mulher e homem garantem os meios de sua sobrevivência. Sabemos que, o trabalho é o instrumento que viabiliza a vida familiar. Trabalhar para si aparece, tanto para a mulher quanto para o homem, como uma atividade sem razão de ser. O trabalho para ambos, é concebido como parte complementar das atribuições familiares, segundo "a lógica de obrigações que caracteriza as relações na família" (SARTI, 1996:76) O trabalho é uma condição natural eterna da existência humana. Sem o trabalho não haveria a produção e reprodução da vida humana, já dizia Marx.

Diante disso, o objetivo central desse estudo está em compreender o processo de divisão, organização e percepção do trabalho realizado pelas quebradeiras de coco babaçu da comunidade de Jatobá/MA, em referência as relações sociais de gênero. Pretendemos analisar as maneiras pelas quais são percebidas as relações estabelecidas entre mulheres e homens no decorrer do processo do trabalho extrativo do coco babaçu, uma vez que esta atividade é considerada tradicionalmente como "feminina".

No desenvolver do trabalho de campo pudemos levantar algumas questões pertinentes ao presente estudo, tais como: 1º) Dada a importância dessa atividade – a quebra do coco - para o provimento doméstico, como o seu trabalho é visto pelas mulheres e por sua família? 2º) Como elas conciliam a quebra do coco com as tarefas domésticas? 3º) Quais os problemas de saúde relacionados às atividades extrativas do coco babaçu? 4º) Como os homens e mulheres de Jatobá reagem as modificações ecológicas decorrentes das queimadas e derrubadas das palmeiras? 5º) Os

atores envolvidos na extração do coco têm consciência de que esses danos ecológicos provocados podem modificar o processo do trabalho realizado? Estas são questões que procuramos compreender através dos depoimentos dos próprios atores sociais envolvidos na pesquisa, isto é, as mulheres e homens de Jatobá.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro, trata basicamente das questões metodológicas, isto é, da inserção da pesquisadora na comunidade, os caminhos percorridos, dúvidas, dificuldades e descobertas no desenvolver do trabalho de coleta de dados. No segundo, procuramos descrever a comunidade com seus aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e históricos.

O terceiro capítulo aborda as relações de gênero implícitas nas relações de trabalho no decorrer de todo o processo produtivo do coco babaçu, ou seja, suas formas de divisão, organização e percepção da atividade por mulheres e homens envolvidos. Procuramos, também, enfatizar, mesmo de forma sucinta, os problemas de saúde decorrentes da atividade da quebra do coco.

Finalmente, o quarto e último capítulo está voltado para os problemas ambientais enfrentados pela comunidade, bem como as formas de manejo dos recursos naturais como estratégias de preservar a floresta, uma vez que a principal atividade econômica da comunidade depende diretamente dos recursos da natureza, ou seja, dos babaçuais ali existentes. Na última parte desse estudo, as considerações finais, apresentamos o resultado da pesquisa, enfatizando os dados relativos ao trabalho e modo de vida das mulheres "Quebradeiras de Coco Babaçu".

CAPÍTULO 1: A Domésticação do Olhar: questões metodológicas

1.1. O Pesquisador no Campo: como ser objetivo?

Desenvolver um trabalho de pesquisa no campo das ciências sociais não é uma tarefa simples. Por um lado, porque o seu objeto de estudo se constitui de sujeitos, dotados de características individuais que envolvem valores, ambiente e personalidade e, por outro, sabemos que o trabalho de um cientista social também é permeado por incertezas e pré – julgamentos dos quais acreditamos ser difícil nos desprendermos ao longo da trajetória da pesquisa.

Velho (1978), no início de seu artigo " Observando o familiar" chama ligeiramente atenção para essa questão da objetividade do conhecimento. Segundo ele, a necessidade de manter uma distancia mínima para garantir a objetividade como uma das premissas tradicionais exigidas pela ciência social, é uma tarefa complexa, uma vez que sempre haverá um certo envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo.

Lowy também partilha dessa idéia da subjetividade do conhecimento, quando argumenta que:

“(…) na prática, não se pode evitar, impedir ou eliminar a **interferência de juízos de valor**, então não adianta formular uma teoria de objetividade científica baseada no imperativo “não cometerás juízo de valor”. Não adianta fazer esse chamado, esse apelo, essa ordem que ninguém vai cumprir”. (1995, p. 35)

Continuando nessa linha de pensamento, Geertz (1987) destaca que o processo de conhecimento da vida social sempre implica em um grau de subjetividade e que, portanto, tem um

caráter aproximativo e não definitivo. Isso significa que a realidade sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, sendo portanto, percebida de maneira diferenciada.

Entretanto, não queremos aqui iniciar uma discussão sobre a objetividade na construção do conhecimento científico, e nem tão pouco justificar os eventuais “pecados” que por ventura existirão no desenvolver desse texto. Mesmo porque esse não é o objetivo desse trabalho. No entanto, procuramos apenas enfatizar o quanto é complexo interpretar uma dada realidade⁷ na qual existem dois personagens que por um determinado período interagem, como ocorre em uma pesquisa de campo: um que observa (o informado) e outro que é observado (o informante).

Esta relação entre observador (informado) e observado (informante), quando nos propomos a compreender seja um grupo social ou uma comunidade, é marcada por diferenças culturais que para um principiante na área de pesquisa social se torna complexo no sentido de que os resultados do estudo vão depender diretamente dessa relação. Temple (apud MENEZES, 2000) em seu trabalho coloca:

“Penso que os dados produzidos no trabalho de campo não são exatamente ‘o ponto de vista do outro’, mas resultam do relacionamento entre pesquisador, informantes e audiência. Não importa a duração do trabalho de campo, nem a proximidade do pesquisador com as pessoas estudadas, haverá sempre algumas diferenças de classe, gênero, idade, cultura, poder e outros componentes sociais relacionados”.

No nosso olhar, portanto, estarão sempre implícitos essas diferenças. Outro ponto relevante a ser considerado, é a maneira como “olhamos” para o nosso objeto de estudo, ou melhor, como a

⁷ De acordo com Minayo (1994:15) “a realidade social só se apreende por aproximação”. portanto, não existe a “realidade” mas construções ou modelos de “realidade”.

nossa “bagagem teórica” vai influenciar esse olhar . Nesse sentido, Oliveira (1996) vem corroborar com esse pensamento quando coloca que:

“Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo (...) ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade”. (op cit, p. 15)

É imprescindível que quando nos propomos a realizar uma pesquisa, seja ela qual for, se faça um estudo sobre o que já se foi dito teoricamente a respeito do objeto a ser investigado para melhor abordá-lo, mas devemos levar em consideração que quando se trata de sujeitos sociais, devemos estar abertos para “olhar” e “ouvir” esses sujeitos, evitando o determinismo de conceitos já formados. Segundo Bronislaw Malinowski (1976) as idéias pré-concebidas são perniciosas em qualquer tarefa científica, mas os problemas antevistos constituem a principal qualidade de um pensador científico e esses problemas são revelados pela primeira vez ao observador por seus estudos teóricos.

Durante nossa permanência no campo, procuramos sermos o menos etnocêntricos possível, pois sem dúvida isso prejudicaria o processo de interação com as pessoas envolvidas na pesquisa. Da Matta (1978:34) enfatiza essa problemática da interação , quando coloca que “ só há dados quando há um processo de empatia correndo de lado a lado”.

Embora que, durante todo o processo de investigação, passamos por vários momentos de insegurança, o trabalho de campo foi sem dúvida esclarecedor, o qual constou de períodos intercalados entre os meses de dezembro de 2000 a janeiro de 2002. A ida ao campo em períodos intercalados decorreu da necessidade de obtermos mais dados. Ter ido em estações diferentes (verão/inverno) foi fundamental para compreendermos as diferenças existentes na dinâmica do

trabalho das quebradeiras de coco, e obviamente, as alterações no seu cotidiano. Essa ida intercalada ao campo, portanto, acabou constituindo-se em um meio importante para que nós pudéssemos perceber as mudanças na comunidade, pois estas duas estações não só regem as mudanças de clima, como também, determinam todo o ritmo de trabalho que envolve a atividade extrativa do coco babaçu.

A primeira ida ao campo objetivando colher alguns dados preliminares para a realização do projeto de pesquisa, se deu em dezembro de 2000. A mesma foi marcada por um misto de tensão e ansiedade, uma vez que já havia bastante tempo em que lá estivera e, também, por não saber como seria a receptividade da comunidade. Nessa época fiz poucos contatos, mas foram muito úteis para a elaboração do projeto de pesquisa.

Após a defesa do projeto voltei ao campo no mês de julho de 2001, onde permaneci até a segunda semana do mês de agosto. Nesse período realizei as entrevistas, ouvi histórias de vida, relatos, tirei algumas fotos a serem utilizadas no corpo do trabalho e observei o cotidiano de homens e mulheres da comunidade. No corrente mês se iniciava o verão, o que facilitou o estudo, pois no inverno, com a chegada das chuvas, o acesso às casas se tomava bem mais difícil, em consequência do alagamento dos caminhos a serem percorridos.

Em janeiro de 2002 retornei ao campo, indo diariamente a Jatobá por um período de três semanas. Tirei algumas fotos complementares e conversei com as pessoas com as quais desenvolvi laços de amizade. Entreguei cópias das fotos tiradas, como lhes havia prometido. Todos fizeram uma festa quando receberam suas fotos, indicando o quanto isso era importante para eles. Cheguei até me emocionar com tanta alegria que vi expresso em cada rosto.

Nesta ocasião, por se tratar do início do inverno, pude observar as mudanças ocorridas na dinâmica do trabalho⁸ de coleta e quebra. O inverno é caracterizado por freqüentes e fortes chuvas, que se intensificam ainda mais nos meses de março e abril, alterando assim, todo o processo do trabalho que vai desde a coleta até a venda do produto. A imagem dos amontoados de cocos em frente às casas, deixava visível o quanto a coleta foi intensificada no período de safra, sendo guardados para serem quebradas no período chuvoso que se iniciava.

Queremos frisar de antemão, que reconstruir o universo, seja de uma comunidade ou de um determinado grupo social não é uma tarefa fácil e colocar isto no papel, objetivando construir um texto de dimensões limitadas, com toda sua riqueza de detalhes, descobertas, caminhos a serem trilhados, decisões, arrependimentos e intuições, torna-se um processo mais complexo ainda. No entanto, essa tem sido minha aventura sociológica e antropológica.

1.2. Minha chegada em Jatobá: descobrindo o ambiente

“ (...) imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próximo a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista (...) Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar (...) Isso descreve exatamente minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral sul da nova Guiné”. (MALINOWSKI,1976:23)

Apesar de não se tratar de nenhuma ilha deserta e desconhecida, foi assim que me identifiquei com Malinowski, quando retornei ao povoado de Jatobá no mês de julho de 2001 para a realização

⁸ Explicaremos com mais detalhes essas mudanças no segundo capítulo.

da pesquisa de campo e, acredito que muitos iniciantes na área de pesquisa social quando vão realizar uma pesquisa, assim se sentem.

O povoado de Jatobá já era um espaço conhecido desde minha infância, mas devido a minha trajetória de vida, raras vezes lá retornei. Muita coisa mudou desde a última vez em que lá estivera. As mudanças são visíveis, principalmente em relação ao meio físico. As densas florestas de cocais hoje dão espaço aos grandes pastos, fruto do desmatamento feito pelos fazendeiros locais.

A própria estrada que dá acesso ao povoado que antes era de “chão”⁹, hoje apesar dos buracos existentes, é asfaltada. Segundo o relato de alguns moradores esse fato veio beneficiar a comunidade, pois o acesso ao médico e aos bens materiais de consumo que só poderiam ser adquiridas na cidade “grande” mais próxima, ficou mais acessível. Veja a seguir os relatos de alguns moradores que corroboram essa afirmativa:

“Jatobá é um lugar bom de se morar, pois fica perto da cidade...aqui é mió que na cidade...é sossegado...antes não, mas agora com a estrada nova, tem carro toda hora...é pertim. Quando quero alguma coisa que aqui não tem, dá pra mim ir na cidade e voltar logo” (V.P. 39 anos) (sic).

“Antigamente era ruim ir pra cidade comprar coisa...agora com a estrada mió, eles vem na porta da gente vender...” (M.P. 72 anos) (sic).

“Antes pra levar meu pai que já tá véio pra buscar o dinheiro dele em Babacal, era uma luta...tinha que acordar de madrugada pra pegar um carro...nesse tempo carro era difícil. Mas agora com a pista, tem carro toda hora...” (M.L. 47 anos) (sic).

Esses relatos convergem com a opinião de todas as pessoas as quais tive contato durante a minha permanência na comunidade, confirmando assim, a importância do melhoramento da rodovia para a região.

⁹ Esse termo é utilizado pelos moradores da região para denominar as estradas que não são asfaltadas, podendo ser de terra batida ou piçarra.

É importante frisar que Jatobá está localizada entre dois grandes pontos comerciais de referência para a região, sendo as cidades de Bacabal e Lago da Pedra. Para se ter acesso a esta comunidade, temos duas opções de meio de transporte: a primeira é através de uma empresa de ônibus que faz “linha” em dois horários diferentes do dia. O ônibus sai da rodoviária de Bacabal com destino à cidade de Lago da Pedra nos horários das 6:00 horas e às 11:30, de segunda a domingo.

A segunda opção, são as Kombis ou “Vãs” que ficam no chamado “Posto dos kombeiros”, e saem aproximadamente de meia em meia hora, todos os dias da semana, com destino também à cidade de Lago da Pedra. Mas, este horário está condicionado à chamada “lotação”¹⁰, que varia de acordo com o “bom senso”¹¹ do motorista.

Na primeira vez em que me direcionei à Jatobá, pegamos uma dessas Vãs. Tive que esperar uns 25 minutos para que o veículo superlotasse. A lotação era composta de 19 passageiros, dois deles foram no bagageiro do carro. Tinha uma senhora que gritava para o motorista que ia dá um “chilique” se ele não corresse, pois dentro do carro, devido a superlotação o calor era insuportável. Apesar da superlotação, pude observar que alguns passageiros até se divertiam com a situação.

Durante o dia é fácil se pegar um transporte com destino àquela localidade, mas quando passa das 18:30 horas, torna-se difícil chegar ou sair de lá com destino a outra localidade, uma vez que, segundo os moradores e os motoristas com quem conversei, tanto os kombeiros, como a empresa de ônibus não operam à noite devido aos perigos decorrentes das precárias condições em que se encontram as estradas e também aos constantes assaltos ocorridos na região, seguidos, às vezes de morte.

¹⁰ Lotação é a quantidade de passageiros permitidos no veículo, mas apesar do veículo só caber 10 passageiros, a maioria dos motoristas só segue viagem depois que tem mais de 16 passageiros.

¹¹ Esse termo “bom senso” utilizo ironicamente, pois todas as vezes que tive de pegar uma dessas kombis, o motorista superlotava o veículo, chegando a colocar 10 passageiros a mais do que o permitido pela lotação. Isso causava muitas discussões entre os passageiros. O veículo não era fiscalizado no Posto da Polícia.



Figura 1: Posto dos Kombeiros

Minha ida ao campo no mês de julho de 2001, não se deu como havia planejado, pois esperava ir acompanhada por uma das funcionárias da Secretaria de Ação Social de Bacabal, a qual se prontificou a apresentar-me para algumas mulheres e homens da comunidade. O motivo que me levou a aceitar a ajuda dessa funcionária é que a Secretaria de Ação Social de Bacabal desenvolve um trabalho com as crianças filhas (os) das quebradeiras de coco babaçu da comunidade, o que possibilitaria um melhor contato com a comunidade.

O programa desenvolvido pela referida Secretaria, é o denominado PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), um programa do Governo Federal com parceria com as esferas Estaduais e Municipais, tendo como objetivo afastar as crianças do trabalho cotidiano a qual são submetidas – neste caso específico a quebra do coco – levando-as de volta às salas de aulas. Cada criança inscrita no programa tem direito a uma bolsa de R\$ 25,00 reais mensais para mantê-las

afastadas do trabalho da quebra de coco. No programa há um limite de crianças inscritas por família, sendo no máximo três, o que contabilizaria uma ajuda de R\$ 75, 00 reais por mês.

Com a permanência em campo pude observar que a comunidade não estava satisfeita com o programa, pois a bolsa estava atrasada já há alguns meses. Um fato curioso é que por este motivo, no início do processo das entrevistas senti uma certa hostilidade por parte de algumas mulheres, que achavam que eu fazia parte do programa e estava ali para “vigiá-los”, apesar de ter anteriormente explicado o objetivo do trabalho.

O fato é que mais tarde ficou esclarecido quando expliquei que o meu trabalho não tinha nenhum vínculo com a prefeitura de Bacabal e nem com nenhum partido político. Um exemplo dessa hostilidade ficou explícito no comportamento e na fala da primeira mulher que entrevistei. Ao adentrar na palhoça¹² onde a mesma se encontrava quebrando coco, localizada ao lado da sua casa principal, ela foi logo dizendo:

“Eu não tenho nada pra dizer, nem adianta ficar aqui, pois ocês só serve pra vim aqui perguntar, tirar foto e vão embora (...) não traz nem um quilo de farinha (...) eu vou ficar calada e não vou dizer nada. Tenho que trabaiá...” (A.C. S. 18 anos) (sic).

Mesmo assim continuamos em sua casa e lhe explicamos com detalhes o objetivo do nosso estudo. Em seguida, ela me concedeu a entrevista, enfatizando os problemas enfrentados por sua família. Esse fato nos faz retomar a idéia de Cicourel (1975:90), quando coloca que:

“ todo artigo sobre o trabalho de campo menciona o problema de como o pesquisador vem a ser definido pelos nativos, ou seja, o bom desempenho da investigação vai depender das relações que mantiver com o grupo estudado. A maioria dos autores chamam ‘ser aceito’ pelos nativos”.

¹² A maioria das casas possuem ao lado da casa principal uma pequena palhoça na qual elas quebram o coco.

O povoado de Jatobá não é grande em se tratando de espaço territorial¹³, possibilitando assim a pesquisadora percorrer toda sua extensão com a ajuda do líder comunitário, o senhor “Petisco”, como é conhecido na região e também de uma jovem senhora, Neide, professora do único grupo escolar do povoado. Foi esta jovem senhora que me acolheu em sua casa durante o período de investigação. Esses foram os nossos mediadores dentro da comunidade.

“ É oportuno, e algumas vezes até mesmo essencial, fazer contatos iniciais com as pessoas que controlam a comunidade. Estas pessoas podem ser homem com status na hierarquia de poder ou pessoas em posições informais que impõem respeito. O apoio delas ao projeto pode ser crucial, e eles podem ser úteis para se fazer outros contatos” (CICOUREL, op cit: 89).

O meu contato com o grupo estudado se deu primeiro através da ajuda de Neide, a qual nos apresentou a algumas famílias no segundo dia em que estive em Jatobá. pois como era respeitada na comunidade isso facilitou o nosso contato posteriormente com os outros informantes. O senhor “Petisco” também ajudou nesse contato. Eles, ao me apresentarem às mulheres e homens da comunidade, explicavam que eu era uma estudante¹⁴ da Universidade Federal da Paraíba e que estava ali para fazer um estudo sobre o modo de vida e trabalho delas e que, portanto, precisaria conversar com algumas pessoas. Posteriormente, eu explicava com mais detalhes sobre como seria o estudo e as entrevistas e com que objetivos eu estaria ali, então marcava o dia e a hora em que retomaria para fazer a entrevista.

¹³ Não posso precisar a extensão territorial da comunidade, pois apesar de ter ido ao órgão federal da região (IBGE) com sede em Bacabal/Ma, que seria o responsável por esses dados, deram-me a informação de que era inviável, pois eles não tinham esses dados.

¹⁴ Anteriormente eu expliquei para esses dois mediadores quem eu era e como seria realizado o trabalho na comunidade e com que objetivo.

1.3. Métodos e Técnicas: caminhos trilhados

Os procedimentos metodológicos de uma investigação consubstanciam-se com a fase de operacionalização da mesma. Aqui a metodologia é entendida como caminho para se chegar a determinado fim, ou seja “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicas para se atingir o conhecimento” (Gil, 1994:27), no qual se incluem as concepções teóricas da abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador, de acordo com Minayo (1994:16).

Compreende-se com Minayo (op. cit:15), que a realidade social só se apreende por aproximação e que esta é mais rica que qualquer teoria ou qualquer pensamento que se possa ter sobre ela. Quer dizer, não existe a “realidade”, mas construções ou modelos de “realidade”. Nesta perspectiva, esta será uma pesquisa de cunho qualitativo, que terá por objetivo desvendar a prática empírica para além dos dados estatísticos, levando em consideração o universo de significações, aspirações, crenças, valores e atitudes inerentes ao nosso objeto de estudo.

Como se sabe, o uso de metodologia qualitativa é considerado um caminho apropriado para compreender a vida de indivíduos, cuja história interessa a pesquisa, portanto, os sujeitos priorizados nesta pesquisa, como já foi anteriormente colocado, serão mulheres e homens que moram em Jatobá/Ma e que estão diretamente envolvidos com a atividade extrativa do coco babaçu.

Para atingir o objetivo proposto pelo presente estudo, utilizamos para a coleta de dados diferentes técnicas. Estas técnicas combinadas entre si, têm como finalidade “captar as expressões da vida cotidiana em sua dimensão contraditória e múltipla, dimensão que reflete as tradições do passado, as normas do presente e as esperanças do futuro”. (PANDERCES, 1989:8)

As técnicas utilizadas em campo foram: entrevistas semi-estruturadas¹⁵, relatos orais, histórias de vida e observação direta. Adicionalmente, utilizamos fotografias para complementação dos dados, pois o recurso fotográfico significa um ganho documental para a pesquisa, possibilitando um implemento visual e interpretativo da área pesquisada. Os instrumentos utilizados, como a máquina fotográfica, o gravador e um caderno de anotações foram imprescindíveis no processo de investigação e interpretação dos dados coletados.

Vale salientar que essas técnicas não seguiram um padrão rígido de utilização, ou seja, elas foram utilizadas de acordo com as necessidades imediatas. Um exemplo é que na maioria das vezes durante o processo de entrevista, os informantes acabavam contando sua história de vida, misturando relatos de acontecimentos presentes e passados. Isso nos faz retomar o que Menezes afirma:

“É importante dizer que os depoimentos orais podem ser classificados como entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida. A fronteira entre essas duas formas não são facilmente demarcadas”. (MENEZES, 1992:167)

Penso que, foi produtivo para o estudo, pois os informantes se sentiam livres para auto-expressarem seus sentimentos e emoções a respeito de sua vida e de seu trabalho. Esse fato possibilitou a pesquisadora uma aproximação mais íntima com o informante, obtendo assim dados com qualidade. Algumas técnicas utilizadas na coleta de dados nos reservou algumas surpresas que achamos relevante explicitar nesse trabalho.

Para a realização das entrevistas seguir um roteiro com perguntas abertas. Procurei intervir o mínimo possível, deixando às pessoas a possibilidade de organizar sua narrativa, uma vez que na

¹⁵ Para que as entrevistas não fugissem do tema investigado, fizemos um roteiro de perguntas abertas (em anexo) que permitiu orientar as entrevistas, permitindo um diálogo entre entrevistado e entrevistador.

interpretação dos dados, foi usado o próprio conteúdo do discurso do entrevistado para ampliar a temática investigada. Antes das entrevistas foi necessário um certo período de aproximação, onde procuramos primeiro manter um diálogo informal, o qual foi precedido de momentos de rejeição e aceitação.

Como estive diariamente no campo das oito da manhã as seis da tarde e em alguns dias à noite também, as entrevistas foram feitas de acordo com a disponibilidade de cada informante em sua própria casa, uma vez que, as mulheres e homens (estes últimos eram poucos) estavam trabalhando em pequenas casas construídas para a quebra do coco, anexas às suas residências principais.

A escolha dos informantes se deu de acordo com a aceitabilidade de cada um, não seguindo critérios específicos, uma vez que todos que moram na comunidade tem uma relação direta ou indireta com a extração do coco babaçu.

A aproximação com as mulheres da comunidade não foi difícil, talvez por ter sido intermediada pelos moradores da comunidade acima já citados. Com exceção da quebradeira de coco anteriormente citada, que foi hostil, todos que entrevistei me receberam muito bem. Depois descobri o motivo da rejeição, que seria por achar que eu era funcionária da prefeitura de Bacabal e, estava ali para delatá-los, caso não mandassem seus filhos para a escola.

A segunda dificuldade que encontrei foi com os homens – excetuando alguns – que, na maioria, não gostavam de falar muito, se negando a dar entrevista. Apesar da resistência, com minha presença diária, eles acabaram se aproximando, conseguindo então, entrevistar dez deles.

Outra dificuldade encontrada foi na linguagem, isto é, o desconhecimento de expressões ou termos regionais utilizados por elas/eles, dificultando assim a compreensão do que falavam. Entretanto, quando isso ocorria elas/eles prontamente me explicavam, sendo o significado muitas vezes conhecido da pesquisadora, o que foi no final bastante enriquecedor. Gilberto Velho (1978), já

dizia que significados e interpretações diferentes podem ser dadas às palavras, categorias ou expressões aparentemente idênticas, mas isso não quer dizer que somos diferentes.

Após as entrevistas, com as devidas autorizações, foram tiradas fotos dos entrevistados durante o processo do trabalho¹⁶, e em alguns casos de suas respectivas casas também. Esse era o momento que eles mais gostavam. No entanto, posavam somente depois de arrumarem o cabelo e de me fazerem prometer dar-lhes uma cópia das fotos tiradas.

No total foram feitas vinte e seis entrevistas, sendo 16 mulheres na faixa etária dos 13 aos 86 anos e 10 homens na faixa etária dos 16 aos 74 anos. O fato das entrevistas terem sido feitas na maioria com mulheres é porque as quebradeiras de coco babaçu são os sujeitos centrais deste estudo, apesar de saber que o estudo trata das relações sociais de gênero, e que isso implica, também, o estudo do homem.

A variação de idade dos entrevistados permitiu à pesquisadora perceber que existe uma diferenciação no que se refere à disponibilidade para realizar o trabalho, tanto para as mulheres quanto para os homens. Ou seja, os jovens do sexo masculino apesar de não gostarem de quebrar o coco, num momento de necessidade ajudam sua mãe ou esposa a quebrar. Já os mais velhos, com idade igual ou superior aos 45 anos preferem apenas coletar o coco, indicando que para estes, a quebra do coco é definitivamente uma atividade de "mulher".

Entretanto, foi possível observar que entre as mulheres existe uma inversão no que se refere ao valor do trabalho por elas realizadas. As quebradeiras de coco mais jovens não valorizam muito o seu trabalho enquanto as mulheres de idade adulta consideram o seu "ofício" uma arte. Isso foi percebido durante as entrevistas.

¹⁶ As entrevistas em grande parte foram feitas durante a execução da quebra do coco, não prejudicando o processo da atividade.

O relato oral de mulheres e homens da comunidade com vasta experiência de vida e que sempre estiveram direta ou indiretamente envolvidos com a atividade da extração do coco babaçu foi uma das fontes de informação que utilizamos. Através dos relatos foi possível verificar como mulheres e homens organizam e percebem o cotidiano de seu trabalho em função dos recursos disponíveis e de sua cultura¹⁷, que configura papéis diferenciados aos atores sociais. Neste sentido, seguimos os passos de Michel de Certeau quando afirma que:

“...os relatos de que compõe esta obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde estas narrações vão abrindo caminho, significará delimitar um campo”. (1997: 35)

Os relatos foram esclarecedores, no sentido de que tomaram possível compreender a divisão do trabalho entre os sexos, formas e significados do trabalho, a condição da mulher, seu saber-fazer, sua organização e experiências vivenciadas e guardadas em suas memórias.

É importante colocar que, através das minhas incursões pela comunidade, ouvi relatos de histórias interessantes sobre conflitos entre fazendeiros e agricultores da região que envolviam disputas por terra, acesso ao coco, derrubada das palmeiras, etc. Esses relatos foram imprescindíveis para que eu conhecesse um pouco da história da comunidade e das pessoas que ali viviam e vivem.

A utilização da história de vida dos sujeitos envolvidos no estudo foi bastante enriquecedora, não apenas como uma técnica para obtenção de dados, mas principalmente porque através de seus depoimentos, eu como mulher, vi nas quebradeiras de coco um exemplo de vida, de coragem e determinação. Suas histórias de vida se confundiam com a história da comunidade, sendo possível delinear os contornos socioculturais dessas mulheres e resgatar um pouco a história da comunidade.

¹⁷ Ver Geertz (1989:15).

Permanecendo no campo, através da observação direta pude captar vários aspectos da vida cotidiana dessas mulheres/homens, como o trabalho em suas casas e também na mata, na qual me aventurei para conhecer o ambiente de trabalho e a devastação feita pelos fazendeiros locais.

Na mata encontrei palmeiras derrubadas e homens coletando coco e enxotando seus jumentos, com seus jacás¹⁸ abarrotados de cocos. Vivenciei alguns dos perigos existentes quando vão quebrar o coco na mata, pois vi uma cobra - segundo elas era venenosa - se escondendo na moita quando nos aproximávamos; corri de "vaca parida", ficando quase sem minha máquina fotográfica, que ficou presa no arame da cerca quando fugia da vaca enfurecida com minha presença; cortei meus braços em uma planta cheia de espinhos chamada por elas de "unha de gato". Só então entendi o sorriso maroto de D. Anastácia, quando disse que iria com elas pra mata.

Elas recomendaram que eu me vestisse de calça comprida e blusa de mangas compridas, mas acabei indo sem a blusa recomendada e acabei me ferindo. Outro fato que guardei na memória foi de uma briga na comunidade numa manhã de domingo, entre um fazendeiro e um dos moradores do povoado.

O fazendeiro estava inspecionando o rebanho de ovelhas quando um morador, alheio a sua presença, adentrou no portão da sua fazenda com cinco jumentos para alimentá-los no pasto sem a devida autorização. O fazendeiro ao perceber, o surpreendeu, proibido-o de passar. Mas, mesmo com os protestos e ameaças ele passou.

O fazendeiro com raiva ameaçou de morte tanto os jumentos, como também o dono deles, dizendo: " por aqui eles não saem mais vivos e se você insistir, morre também" (sic). Naquele momento fiquei um pouco apreensiva, mas a dona da casa em que estava, disse que essas discussões

¹⁸ Espécie de cesto retangular feita do próprio talo das folhagens da palmeira do coco babaçu.

eram corriqueiras, mas que de vez enquanto os jumentos apareciam mortos na beira da estrada. Nesse momento, eu percebi o quanto era importante a minha presença diária no campo, pois só assim poderia captar melhor o cotidiano dos moradores da comunidade.

Outro problema referente aos jumentos, é que por Jatobá ser atravessada por uma rodovia estadual, é comum haver acidentes envolvendo carros e esses animais. Isso ocorre porque os animais são criados soltos pelos seus donos, pois eles não têm como mantê-los presos em suas casas. Como os animais não podem ficar dentro das fazendas, resta aos donos deixá-los soltos para se alimentarem nas margens das cercas das fazendas.

A permanência diária no campo permitiu-me um contato direto com os atores sociais envolvidos na pesquisa em seu próprio contexto. Isso possibilitou captar uma variedade de situações, que uma vez observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há demais dinâmico na vida real e que não pode ser obtido por meio de outras técnicas.

1.4. Dando adeus ao campo: sentimentos e emoções

Apesar do curto período em que permaneci diariamente no local, sendo o mês de julho e a segunda semana de agosto de 2001, este me permitiu conhecer o campo de pesquisa, bem como me familiarizar com alguns moradores da comunidade.

Para atingir os objetivos do estudo aqui proposto, talvez este tenha sido um período relativamente pequeno. Porém, acredito que minha presença diária no campo e a observação direta, que consiste no contato direto com o objeto investigado, possibilitou conhecer de um modo geral o cotidiano das mulheres e homens da comunidade, pois se trata de uma comunidade pequena em termos populacionais e territoriais, não apresentando grandes modificações no seu cotidiano.

Nas noites em que dormi na comunidade, fui convidada a visitar algumas casas, onde pude ter uma conversa descontraída - pois já estavam acostumados com minha presença - na soleira da casa com homens e mulheres que ali estavam presentes, o que foi bastante proveitoso, no sentido de muitas vezes gerar um debate, onde os assuntos giravam em torno da divisão sexual do trabalho, dos problemas da comunidade, dos papéis definidos tanto para as mulheres, quanto para os homens e, também, falavam sobre os problemas políticos locais.

Foi através de uma dessas conversas que descobri que Jatobá é dividido pelos moradores em Jatobá Velho e Jatobá Novo e que independente da divisão, a comunidade se situa numa zona de fronteira entre dois municípios Bacabal e Bom Lugar, ocasionando sérios problemas¹⁹ para os habitantes do lugar.

No decorrer do tempo, a minha relação com os moradores, mesmo os que não participaram das entrevistas, era de "velhos conhecidos". Devido a minha estatura física, eles me chamavam de "menina", o que me deixava apreensiva às vezes, mas, por outro lado, isso significava que eles me aceitavam e não lhes oferecia perigo.

Cicourel, retomando a idéia de Dean (1955), explica essa aceitação da seguinte maneira:

" uma pessoa torna-se aceita como observador participante devido em maior proporção ao tipo de pessoa que revela ser aos olhos dos seus contatos no campo, do que aquilo que a pesquisa representa pra eles. Os contatos no campo querem assegurar de que o pesquisador é um "bom sujeito", de que pode ter certeza de que não fará "nenhuma sujeira" com o que descobrir. Eles não estão interessados em entender a lógica de um estudo". (1975:90)

¹⁹Um dos problemas é o descaso político em termos de assistência médica, pois a comunidade não possui posto médico e quando vão nos municípios anteriormente citados procurar ajuda, eles jogam o problema para o outro, negando sua responsabilidade política. Mas, formalmente descobri que a comunidade pertence ao município de Bacabal.

Na segunda semana que estava em campo, percebi que as pessoas já não me olhavam desconfiadas, e com o tempo o relacionamento foi ficando cada vez melhor. No momento da saída de campo percebi que iria deixar saudade em algumas pessoas, como também sentiria falta das conversas e das brincadeiras que faziam comigo, como as histórias de que haviam fantasmas na comunidade. Damata (1981:169) coloca que " o elemento que se insinua no trabalho de campo é o elemento da emoção". Na despedida, senti-me angustiada, mas ao mesmo tempo feliz por ter aprendido com as mulheres uma lição de vida, reavaliando o sentido da minha vida e me descobrindo a partir desta experiência, um novo ser humano.

Apesar dos obstáculos encontrados, o trabalho de campo e os métodos utilizados nos deram o suporte empírico para a elaboração da presente dissertação.

CAPÍTULO 2: No Ritmo dos Cocais: aspectos geográficos, econômicos e sociais de Jatobá

2.1. A Floresta dos cocais: "O coco é a salvação dos pobres do interior...sem ele...ninguém vive"

Quando sai de Campina Grande para realizar a pesquisa de campo, durante a viagem, procurei observar a paisagem que me surgia através da janela do ônibus, principalmente, quando adentramos nas rodovias do Estado do Maranhão. Por ser de lá, nas minhas viagens de férias, sempre tive esse hábito de olhar a paisagem através da janela, mas, dessa vez, o meu olhar era diferente. As palmeiras de coco babaçu que antes eram para mim uma imagem comum, até mesmo banal, passaram a ser alvo de minha curiosidade.

Observei que já no Estado do Piauí podemos ver as primeiras palmeiras de coco babaçu, mas logo depois, ao sair de Terezina, a capital do Estado, em direção ao Maranhão, é possível perceber que as concentrações de babaçuais vão se tornando mais extensas, estendendo-se no horizonte ao longo das rodovias. Também vai tomando parte desse cenário, entre os cocais, as casas feitas de barro vermelho, com suas coberturas de palha de babaçu, com figuras de mulheres sentadas na frente das suas casas quebrando o coco.

Ao nos aproximar da região do Estado do Maranhão conhecida como Médio Mearim, pude perceber que o cenário que predominava era outro, o das grandes fazendas, com seus pastos e bois a pastarem. A imagem de mulheres e crianças quebrando o coco e, a figura de homens sentados nas

soleiras de suas casas, construídas entre as cercas das fazendas e a rodovia, também é percebida.

Assim é também o cenário geográfico em que se inscreve a comunidade de Jatobá.

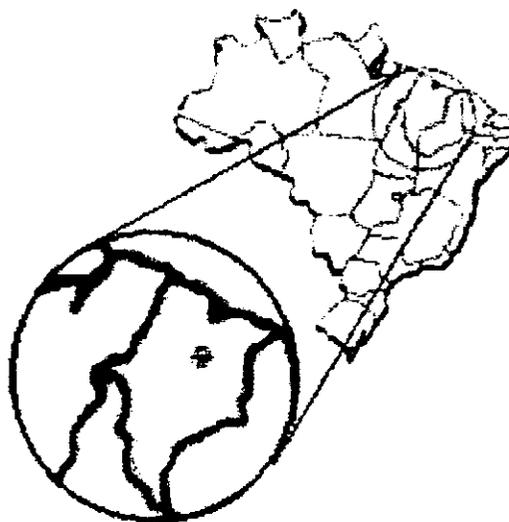


Figura 2: Região do Médio Mearim

A imagem de mulheres quebradeiras de coco babaçu faz parte da paisagem rural do Maranhão, assim como o babaçu faz parte da história de vida dessas mulheres. É dele que muitas delas tiram o seu sustento e de suas famílias.

“(…)O babaçu é uma planta típica da região de transição entre o cerrado, a mata amazônica e o semi-árido nordestino. Dos 18 milhões de hectares de babaçuais existentes no país, 10 milhões encontra-se no Maranhão, que produz 115 mil toneladas de amêndoa por ano. Ou seja, 70% da produção nacional. Da planta aproveita-se quase tudo. Da amêndoa extrai-se o óleo, de grande importância comercial; da casca, faz-se o carvão; do mesocarpo (a massa de amido encontrada após a casca), fabrica-se alimentos e remédios; a palha vira rede, cestos, esteiras, cordas etc. Num estudo pioneiro, o professor Antonio Vivacqua Filho, do Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais, extraiu industrialmente 64 subprodutos do babaçu. Segundo a ASSEMA (Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão) existem cerca de 400 mil quebradeiras de coco no Brasil, a maioria das quais vivendo em condições de semi – indigência, sem nenhum tipo de assistência médica dentária e social. Para essa legião de mulheres sem nada, quebrar coco é a única forma de trabalho remunerado e, freqüentemente o único meio de sobrevivência”. (GLOBO RURAL, 1999: 40)

Essa citação indica o quanto a palmeira babaçu é importante principalmente para as mulheres pobres das comunidades rurais do Maranhão. De acordo com a ocorrência dos palmeirais no Estado, a coleta do coco e a produção da amêndoa estão presentes, praticamente, em todas as regiões e em quase todos os municípios do Maranhão.



Figura 3: Palmeiras de coco Babaçu

Na microrregião conhecida como Vale do Mearim, a sua produção é bastante expressiva. O povoado de Jatobá situa-se nessa região. As mulheres quebradeiras de coco, são as maiores responsáveis por esta produção, uma vez que até hoje, todas as tentativas de mecanização do processo de extração não foram bem sucedidas. Sobre o fracasso da mecanização, D. Anastácia, uma quebradeira de coco experiente que mora em Jatobá há várias décadas acredita que:

"O motivo dessa máquina não dá certo é coisa de Deus, pois se eles fizer essa máquina nós tudim vamo morrer de fome, os fazendcro vão comprar a máquina e vão botar nós pra correr daqui, porque mermã a gente vive desse coquim...é a salvação da gente" (sic).

Para ela, em outras palavras, a mecanização do processo da extração do coco babaçu vai alterar toda a estrutura da unidade familiar de jatobá.

Ainda sobre esse tema, segundo as mulheres, apesar da renda advinda do coco ser pouca, dá para manter a família unida, ou seja, evita a saída dos homens para procurar trabalho em outras regiões do Estado ou fora dele. Numa ocasião em que conversava descontraidamente com algumas mulheres da comunidade, deu para perceber que a migração de seus homens (maridos/filhos) era uma de suas preocupações. A fala de "D. Quina", como é conhecida na comunidade, é emblemática.

" Enquanto eu tenho esse coco pra quebrar, dá pra segurar o marido dentro de casa, pois ruim é quando ele tem de ir atrás de serviço e passa é de mês sem aparecer...e quando aparece é com aquele poquim que não dá pra muita coisa. Por isso, mia fia, é mió ele ficar aqui me ajudando com o coco...caçando, fazendo carvão... e assim a gente vai levando" (sic).

D. Rosa também exprime um sentimento semelhante quando diz que "o bom mermo é que a gente sabe que denoitinha tá todo mundo aqui juntim, dormindo em paz...é fie, marido...não tão perdido no mundo".

Nessas falas está explicito que não é só o valor material da atividade extrativa do coco que conta para essas mulheres. Para elas, o importante mesmo é saber que com seu trabalho e com a ajuda de seus maridos/filhos, elas têm uma certa garantia de que manterão a família unida.

Para garantir a sobrevivência da unidade familiar, a atividade da quebra do coco é realizada diariamente de segunda a sábado, aproximadamente das 7:00 às 17:00 horas. O domingo é guardado para o "descanso do coco", a "lavação de roupa" ou para a pescaria que se constitui em um momento de lazer, tanto de homens quanto de mulheres.

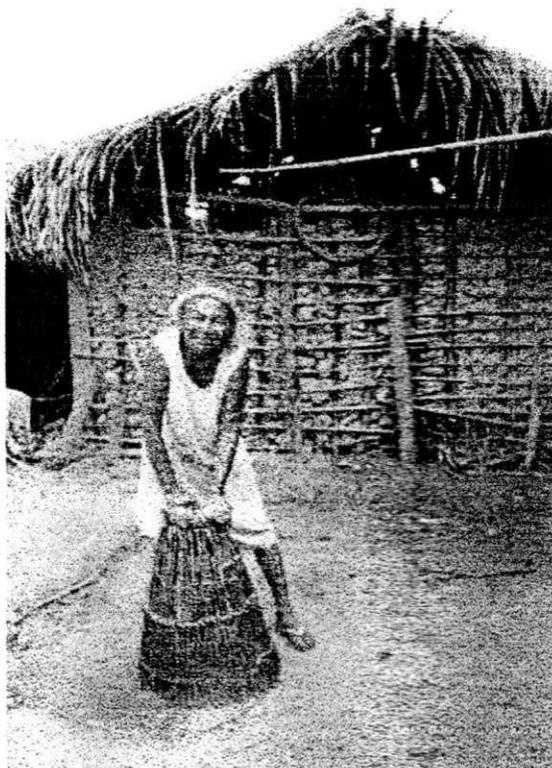


Figura 4: D. Raimunda com o Currú

Para a pesca eles fazem uso de vários instrumentos como rede e vara de anzol. Mas o que me chamou a atenção em uma dessas pescarias que presenciei foi um instrumento utilizado chamado de "currú", uma espécie de cesto feito de cipós e que serve para prender o peixe dentro d'água para logo em seguida capturá-lo com as mãos. A utilização do currú como instrumento de pesca é uma herança indígena deixada pelos índios que já povoaram essa região.

Convivendo com a comunidade não é difícil perceber que o cotidiano das quebradeiras de coco e de suas famílias gira em torno da atividade da coleta, quebra e venda do coco. O tempo gasto nas tarefas domésticas são conciliadas com a atividade da quebra do coco, como veremos mais detalhadamente no capítulo seguinte.

2.2. Origem do Povoado: "...de primeiro dona...tudo era fartura"

Andando pela comunidade e conversando com os moradores, através de seus relatos e vida, utilizando a memória como recurso, foi possível construir um pouco da história de como surgiu a comunidade.

De acordo com alguns moradores mais antigos, a origem do nome do povoado vem de uma árvore de grande porte que possui um fruto comestível denominado Jatobá (*Hymenaea courbaril*). Essa árvore existia em grande quantidade na região e servia de ponto de referência para os tropeiros que comercializavam na região do Mearim. Dai, originou-se o nome Jatobá.

Jatobá, como muitos outros povoados do Estado do Maranhão, foi formado por migrantes vindos de outros Estados nordestinos em busca de terra e trabalho. Apesar da região já ter sido habitada por negros descendentes de escravos e índios, atualmente, a maioria dos habitantes de Jatobá é descendente de cearenses ou piauienses que vieram para o Maranhão em busca de terra para plantar.

Esse fato, corrobora com o estudo feito por Shiraishi (1997) indicando que nas últimas décadas do século passado é que se inicia a penetração das chamadas "Frentes Nordestinas" no Maranhão em busca de terras e fugindo das secas e das dificuldades de trabalho encontradas no próprio nordeste.

O primeiro morador do povoado era filho de um desses migrantes cearenses, que vieram para o Maranhão em busca de um futuro melhor. Essa história nos foi contada pela neta desse "forasteiro", como ela mesma o chamou quando relatava a história da chegada de seu avô na região e que lhe foi transmitida por sua mãe falecida recentemente.

A história de vida de D. Maria Pereira (72 anos), moradora mais antiga da região, – neta do primeiro morador – se confunde com a história da comunidade e foi através de sua história de vida

que conseguimos a maioria das informações necessárias para fazer um pouco do resgate histórico da região.



Figura 5: D. Maria Pereira moradora mais antiga do povoado

Para falar sobre a origem do povoado D. Maria Pereira fez uso da memória e a todo momento se desculpava por ter informado algo fora do tempo, alegando que estava “esquecida pro mode já ter sofrido muito na vida” (sic). “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSL, 1995:53) Foi com as lembranças afloradas naquele instante em sua mente já cansada que D. Maria foi falando sobre a formação da comunidade.

De acordo com o relato de D. Maria, o seu avô João Teles foi o primeiro homem “estrangeiro” a chegar na região. Veio juntamente com sua avó e sua mãe ainda pequena. Relata que sua mãe contava que quando chegaram na região era tudo mata virgem, as terras não tinham dono (devolutas)

e tinham muitas palmeiras de coco babaçu, que devido a sua grande concentração, chegavam a formar agrupamentos homogêneos bastante densos e escuros, tal a proximidade entre os grandes coqueiros. Nessa época²⁰, existiam muitos “capelães”, uma espécie de macaco que habitava a região e que hoje devido aos desmatamentos não se vê mais.

Segundo nossa informante, antigamente existia muita "fartura" na região. Frutas regionais de vários tipos como manga, goiaba, saputi, cacau, açaí, etc. A caça tinha em abundância, vários animais silvestres habitavam a região, "chegavam a pegar tatu no próprio terreiro da casa".

Seu avô ficou maravilhado com o local, tratou logo de construir uma casa e plantou umas mangueiras no quintal, logo depois o local ficou conhecido como São José das Mangueiras. Um tempo depois, se sentindo sozinho, o seu João foi a um povoado chamado Saco Fundo e trouxe o seu amigo Severiano (uma espécie de médico daquela região) para morar numa casa que ele mesmo construiu próximo a sua residência.

Passado algum tempo, foi a São Luís Gonzaga e trouxe um outro amigo por nome de Chico Santo – vindo este a ser o terceiro morador – e o situou no local onde hoje é chamado pelos moradores de Jatobá velho. O local ficou conhecido como São José das Mangueiras de João Teles e Severiano e, Jatobá de Chico Santo.

Com o passar dos anos, aos poucos foram chegando junto com os tropeiros que comercializavam naquela região, outros migrantes vindos de outros Estados do nordeste²¹ e se apossaram de áreas de terra²² para cultivar, e assim o povoado foi crescendo.

Cada um tinha o seu pedaço de chão para plantar, não faltava comida na mesa, pois da roça e da floresta vinha todo o sustento da família. As mulheres quebravam o coco somente para comprar

²⁰ D. Maria não soube precisar em que ano seus avós chegaram na localidade, mas segundo sua mãe foi na "era de 1900".

²¹ A maioria dos Estados do Ceará e Piauí.

um perfume, um calçado ou um vestido novo. De acordo com D. Maria , "o coco era nosso banco, quando a gente precisava de um dinherim corria quebrava o coco e logo tava resolvido"(sic). Elas não "aperreavam" o marido com essas coisas. Usando suas palavras ela dizia "de primero dona, a vida era mió" (sic).

Com a chegada dos fazendeiros, a situação foi mudando e muitos tiveram que deixar suas terras para não perecerem nas mãos de pistoleiros contratados para expulsar os que ainda resistiam a sair de suas terras. Com a área sendo cercada, o acesso ao coco e a terra para plantar foi ficando cada vez mais difícil e só ficaram na região os que aceitaram viver às margens das cercas das fazendas.

2.3. Mudanças ocorridas: "...hoje jatobá tá muito diferente..."

O povoado de Jatobá situa-se na Mesorregião Centro-Maranhense, na Microrregião do Médio – Mearim, a 300 km de São Luís, capital do Estado. Localiza-se mais precisamente às margens da rodovia MA-245 que liga Bacabal a Lago da Pedra, estes sendo considerados dois importantes centros comerciais mais próximos da região.

No “Vale do Mearim” como é conhecida essa região, a vegetação predominante é a floresta equatorial aberta, onde se encontram os babaquais. Essa vegetação é chamada de “a mata dos cocais”. O clima predominante é o tropical, com temperaturas altas durante todo o ano. O relevo é caracterizado por planícies, onde se vêem extensos pastos das grandes fazendas da região.

²² Nessa época segundo D. Maria, eram terras devolutas e públicas.

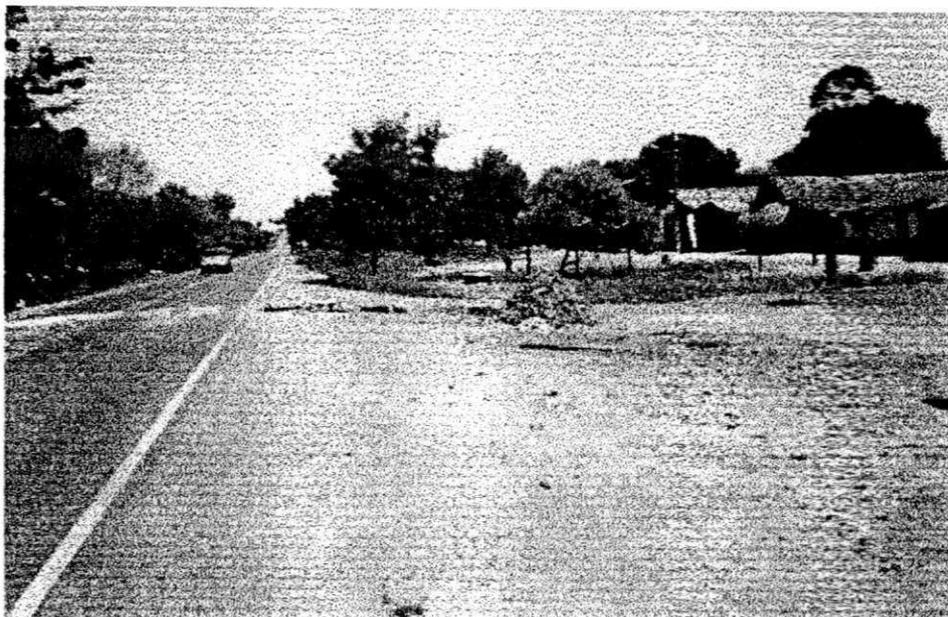


Figura 6: Jatobá às margens esquerda e direita da MA-245

Jatobá é cercada por quatro grandes fazendas de propriedade privada. As famílias de quebradeiras de coco residem às margens das cercas dessas fazendas na condição de posseiros, ou seja, os moradores têm direitos sobre suas casas, podendo vender ou trocar o seu direito de posse (sobre as benfeitorias), mas o terreno no qual sua casa foi construída é de propriedade do fazendeiro, não tendo aqueles direito algum sobre ele. De acordo com uma pesquisa feita pela comunidade local, hoje vivem aproximadamente 75 famílias nos arredores das fazendas.

A infra - estrutura do povoado comporta 01 lago, eletrificação, 01 Escola Pública do Ensino fundamental (1ª a 4ª séries), 01 Capela, 01 Igreja Evangélica da Assembléia de Deus, 02 comércios nas quais são vendidos produtos alimentícios e as quebradeiras comercializam as amêndoas do coco babaçu, e um bar que as vezes realiza festas nos finais de semana. Possui também um chafariz que se encontra desativado. O bar muitas vezes é palco de brigas entre homens alcoolizados, já havendo, inclusive, casos de morte.

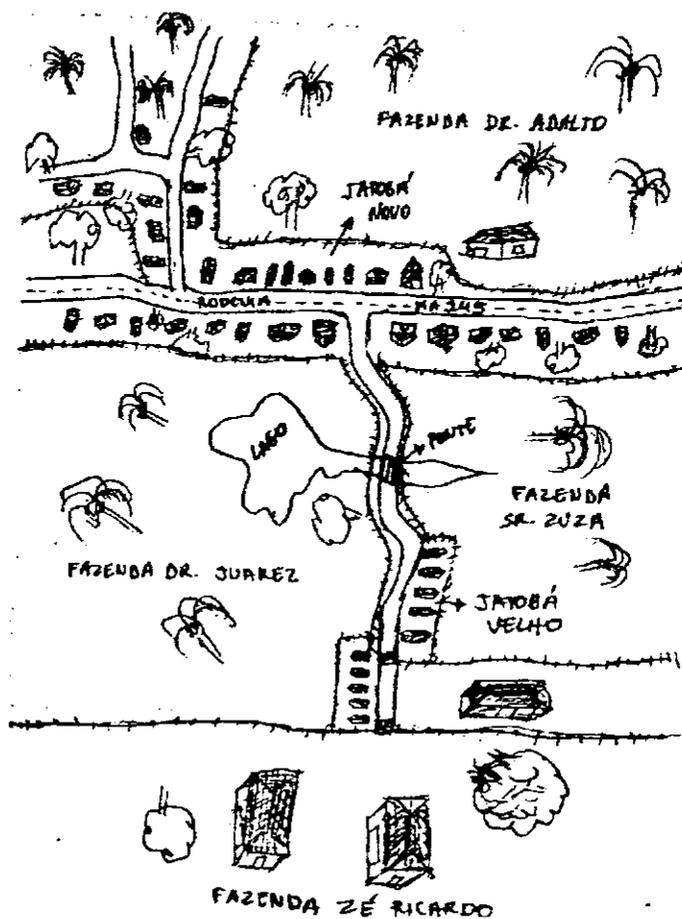


Figura 7: Croqui de Jatobá.

Para os moradores locais, o povoado é dividido informalmente em dois núcleos habitacionais que são chamadas por eles de Jatobá Velho e Jatobá Novo. Essa divisão se deu em decorrência da abertura de uma nova estrada, a MA-245 que corta o local ao meio, onde antes era conhecido como São José das Mangueiras e depois passou a se chamar de Jatobá Novo.

Este último, fica localizado às margens esquerda e direita da rodovia MA-245. Já Jatobá Velho fica localizado entre as cercas de duas fazendas, ficando a uma distancia de aproximadamente 1 km

da rodovia . A estrada que dá acesso às primeiras residências de jatobá Velho é de "chão", ladeada de uma pequena vegetação rasteira. Ao todo são doze casas, todas feitas de barro.



Figura 8: Casinha da quebra do coco

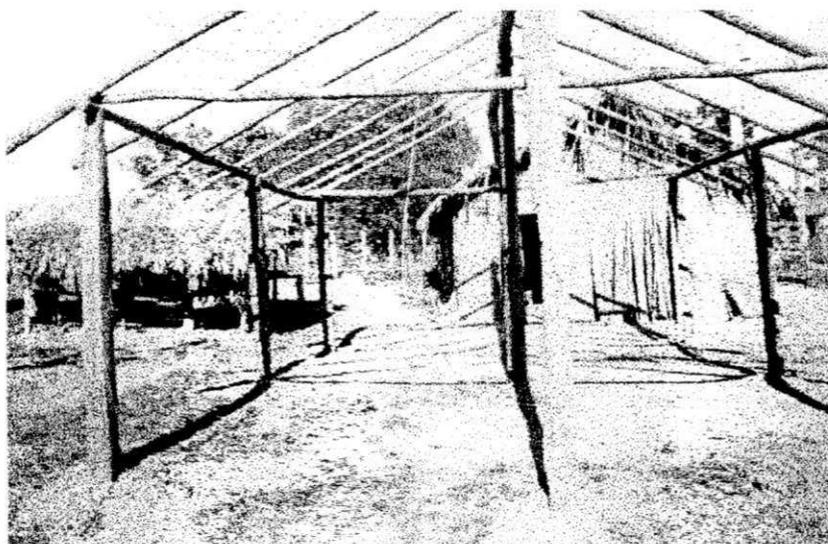


Figura 9: Início da construção de uma casa

famílias, nos vizinhos e na comunidade. São princípios que se caracterizam pelo respeito e cuidado ao cultivo das inter-relações. A partir dessa busca de viver uma vida cada vez mais solidária é que se torna possível superar as dificuldades naturais de quem vivem na mata, na floresta, garantindo a permanência e a continuidade do trabalho familiar na comunidade²⁵. A comunidade de Jatobá, como veremos mais adiante se mobiliza para o enfrentamento de dificuldades que ameaçam a reprodução de sua unidade familiar.

Atualmente, a comunidade de Jatobá possui uma população de aproximadamente 450 pessoas, segundo as informações de um censo feito pelo líder comunitário da localidade. As famílias são extensas, a maioria composta de avós, filhos e netos. Para a maioria, a renda principal vem da venda do coco e seus subprodutos e, apesar dos homens também quebrarem, as maiores responsáveis pela quebra do coco são as mulheres.

A coleta do coco é realizada na maioria das vezes, pelos homens, pois segundo mulheres/homens essa tarefa requer força para a retirada dos jacás cheios de coco do lombo do animal. O transporte do coco coletado até o local de quebra é feita por um animal (jumento, burro ou égua). Mesmo quando estão ocupados com outras atividades (roça, juquirá), os homens procuram conciliar o tempo disponível para ajudar suas mulheres na coleta do coco.

Aqui a atividade extrativa para algumas famílias é conjugada com a agricultura de subsistência (roça), organizadas com base na divisão do trabalho familiar e na capacidade de produção e consumo de cada um de seus membros.

A terra²⁶ conquistada por algumas famílias - doação feita por dois fazendeiros locais - veio contribuir para melhorar a vida desses pequenos agricultores, mas isso não indica que as "atividades

²⁵ Ver JESUS (2000).

²⁶ Em 1990 alguns pais de famílias revoltados com sua situação iniciaram um movimento junto a dois dos fazendeiros (Sr. Zuza e Sr. Adalto) locais por direito ao uso da terra para plantar. Os fazendeiros para evitar maiores

do coco" deixam de ser realizadas por essas famílias. O coco babaçu continua sendo uma importante fonte de renda para a família, ou principal, dependendo da produção da roça.

Como a maioria não tem terra para plantar, vive na miséria sem direito a quase nenhum tipo de assistência pública. As estratégias de sobrevivência utilizadas para obter renda por parte desses homens que não possuem terra – já que as mulheres quebram o coco o ano inteiro – é a venda da força de trabalho para os fazendeiros locais, roçando juquirá²⁷, levantando cerca ou sendo vaqueiro. Vale salientar, que o posto de vaqueiro é bastante cobiçado pelos homens da região, pois é sinônimo de *status* e segurança em termos financeiros.

Na falta de outro serviço, os homens acabam se empenhando na quebra e coleta do coco junto com suas mulheres para trocar por alimento para a família. O coco como disse D. Francisca "é a salvação dos pobre do interior...sem ele, mia fia, ninguém vive"(sic).

Devido às dificuldades encontradas, como o baixo preço do coco e a falta de implementos agrícolas, as famílias são obrigadas a praticar uma agricultura e um extrativismo de baixa produtividade, que inviabiliza qualquer processo de acumulação. O que importa é a sobrevivência.

O cotidiano das quebradeiras de coco não difere muito quanto ao fato de seus maridos terem ou não roça, pois o importante para essas mulheres é poder realizar o seu trabalho, quebrando o coco, contribuindo para o sustento da família de maneira complementar ou não. Como a relação do homem com a atividade do coco é mais de ajuda, o seu cotidiano só difere - para os que possuem terra - em períodos de plantio e colheita. Fora desse período todos **estão direta ou indiretamente dependentes** da atividade extrativa do coco babaçu.

conflitos resolveram doar 50 hec de terra cada um para a criação de uma roça comunitária. Foram beneficiados só os que participaram do movimento, pois no decorrer do processo houve desistência de alguns homens por medo de represálias por parte dos fazendeiros. No final foram contemplados 40 famílias.

²⁷ A juquirá consiste na retirada das pindovas (palmeiras novas) e outras plantas nativas da região para a limpeza do pasto.

Com o cercamento das terras - antes eram devolutas - o acesso ao coco babaçu passou a ser há poucas décadas atrás, proibido, o que ocasionou vários conflitos entre fazendeiros e camponeses, resultando em muitas mortes²⁸. Mas hoje, na região o acesso ao coco voltou a ser livre, mas algumas regras impostas pelos fazendeiros locais devem ser obedecidas, como veremos nos próximos capítulos.

2. 4. " ...nossa comunidade é esquecida... a gente só tem valor na eleição..."

Segundo algumas quebradeiras de coco, a comunidade é esquecida pelo poder local, poucas são as políticas públicas implementadas na comunidade. Promessas de melhoria são sempre feitas por políticos locais em épocas de eleição com o objetivo de angariar votos, entretanto, ao passar este período, eles não cumprem o que prometeram e os moradores aguardam novas eleições na esperança de um dia conseguirem melhorias pra comunidade. Assim, são anos de espera e frustração. A fala de seu Domingo (43 anos) demonstra a sua falta de esperança.

"a gente só tem valor na eleição...a gente bota eles lá em cima e quando é depois eles óia pra baixo e 'cospe' na cara da gente...eu mermo não espero mais por político nenhum" (sic).

Para essa população, os políticos locais estão *desacreditados como representantes* de seus interesses, pouquíssimos são os que ainda "olham" para a comunidade. Como já citei anteriormente, na época em que estive em campo (julho/2001) o único programa do governo que haviam

²⁸ Trataremos desta questão no capítulo quatro.

implementado em Jatobá era o denominado PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) que veio beneficiar algumas famílias.

Outro benefício advindo de um dos políticos locais é que a prefeitura do município de Bom Lugar oferece um ônibus que transporta gratuitamente os filhos das quebradeiras de coco que queiram estudar em Bacabal, uma das cidades mais próximas. De acordo com uma das mães, isso “é uma oportunidade que nossos filho tão tendo e que nós não tivemo pra sair dessa vida sofrida” (sic).

O líder comunitário da comunidade o Sr. Edson, mais conhecido como “Seu Petisco”, nos informou que há muito tempo tenta registrar oficialmente uma Cooperativa de Produção Rural, onde já realizaram reuniões e eleições para formar o corpo administrativo, inclusive, com a criação do estatuto²⁹ da Cooperativa, mas pelo desânimo de seus integrantes, e a falta de apoio político e financeiro, a mesma não saiu do papel. Mas, segundo ele, não vai desistir de lutar para incentivar os companheiros, pois segundo suas palavras “o povo precisa se conscientizar de que, se a gente não se organizar, nós nunca vamo conseguir melhorar a comunidade e nossas mulher vão continuar se acabando no coco” (sic).

Para o Sr. Edson, as mulheres são mais unidas, têm mais consciência de que precisam se organizar politicamente, só assim poderão lutar para melhorar suas condições de trabalho e de vida. Em junho de 2001, criaram um Clube de Mães³⁰, com estatuto e corpo administrativo já formado. Elas com a ajuda da Igreja Católica, estão tentando criar um projeto com o objetivo de ganharem casas populares junto ao governo do Estado do Maranhão. As reuniões são feitas aos domingos na capela da comunidade.

²⁹ O Estatuto está em anexos.

³⁰ Ver Estatuto em anexos.

Conversando com uma das integrantes do Clube de Mães, fiquei sabendo que elas gostariam de conseguir para a comunidade uma pequena fábrica de roupas, uma vez que muitas sabem costurar, mas para isso teriam que ganhar as máquinas para formar a malharia. O trabalho na fábrica, segundo elas, seria coletivo, e o lucro seria dividido entre elas. Isso, usando suas palavras "não faria que deixassem de quebrar o coco, seria apenas mais um meio delas adquirir uma renda" (sic).

2.5. "mesmo com as dificuldade aqui é um lugar bom de se morar"

Mesmo com todas as dificuldades, as mulheres enfrentam o dia a dia com otimismo. a vida no campo é para elas, uma vida tranqüila, sem violência, gostam de viver em contato direto com a natureza. É o que nos fala D. Pastora:

" quase tudo que precisamos tem aqui...é remédio do mato, comida vem do mato...pois é do coco que eu compro a comida né? E ainda tem peixe, caça...até a minha casa foi toda feita com madeira daqui".

Como podemos perceber a amêndoa do coco, e a casca para fazer o carvão, não são os únicos produtos que a comunidade utiliza da natureza. A palmeira de babaçu é o principal recurso natural que elas utilizam, pois esta tem um grande valor de uso para a comunidade. Para uso doméstico, eles aproveitam a palmeira de várias maneiras. As palhas das palmeiras eles utilizam para cobrir suas casas, fazer côfos³¹, janelas, cestos, abanos e portas.

Da amêndoa eles extraem o leite e o azeite que é bastante utilizado na culinária local. Algumas quebradeiras de coco de Jatobá usam a entrecasca (endocarpo) do coco moída para fazer mingaus

³¹ O côfo, é uma espécie de cesta feita da palha que utilizam para armazenar farinha, arroz em palha e, também, para colocar as amêndoas e os instrumentos de trabalho, machado e porrete quando vão quebrar o coco na mata.

para suas crianças e afirmam que é nutritivo. Fui convidada a provar um desses mingaus e achei muito saboroso. Essa massa obtida da entrecasca é extraída e comercializada por outras comunidades do Estado em nível nacional. O processo da retirada da massa é manual. O endocarpo é batido com um porrete até se soltar e depois deve ser submetido ao peneiramento.



Figura 14: Processo de extração da massa do coco.

A simplicidade faz parte do cotidiano dessas mulheres quebradeiras de coco. Elas, apesar das dificuldades enfrentadas, não gostariam de morar na cidade, uma vez que na zona rural elas se acham protegidas da violência urbana e da fome. Como relatou seu Valdemir “aqui só morre de fome quem tem preguiça, pois tem o coco pra comprar o arroz e feijão... e tem peixe nos riacho para quem quiser pescar” (sic).

A comida regional é composta basicamente de arroz, feijão, peixe, caça e carne bovina que, aos domingos, é comercializada pelo o Sr. Manoel em troca da amêndoa do coco. O peixe é pescado nos igarapés que ficam dentro das fazendas. As caças como o tatu e cutia ainda é encontrada na região. Nos terreiros são criados animais domésticos de pequeno porte, como galinha e porco, usados para o consumo doméstico ou guardados para ocasiões especiais, como visitas de parentes ou amigos.

A maneira de vestir das quebradeiras de coco é bastante funcional, ou seja, durante a semana elas tem a roupa do trabalho, que é geralmente velha e rasgada. Tem a roupa do domingo e, também, a do final dia a dia após a quebra do coco. Costumam andar descalças e foi possível observar que o calçado mais usado são as chamadas alparcatas estilo havaianas. Quando inquirei sobre o porquê de andarem descalças, uma quebradeira falou "eu gosto de sentir a terra nos pé...e dentro de casa é frie" (sic).



Figura 15: Quebradeira de Coco vestida para coletar e quebrar o coco na mata

O cotidiano dessas mulheres/homens se resume na luta diária pela sobrevivência. Apesar do sofrimento imposto pelo próprio trabalho e a falta de interesse político na melhoria de suas condições de vida e trabalho, ouvi relatos de que " Jatobá é um bom lugar pra se morar, só passa fome quem não quer trabalhar, aqui não tem ladrão, não tem essa violência que a gente ver na cidade grande" (sic). Os homens que entrevistei compartilham dessa idéia, só reclamam por não terem terra para plantar

Pensamos que as idéias de Brown (1978), em seu estudo da organização social das tribos australianas aponta-nos que o caminho mais fácil para observar a organização social de uma

localidade específica é iniciar com uma descrição do tipo geral. Desta forma, os fatos descritos acima que caracterizam a comunidade estudada, nos permitiram a compreensão dos aspectos relacionados ao modo de vida dessas mulheres quebradeiras de coco babaçu.

CAPÍTULO 3: No Ritmo do Machado: as relações sociais de gênero no decorrer do processo produtivo da extração do coco babaçu

3.1. Gênero e trabalho.

As abordagens dos temas relacionados às mulheres nas ciências sociais brasileira a partir dos anos 70 têm sido analisadas sob vários ângulos, sendo o tema do trabalho a porta de entrada desses estudos e os mesmos pautados basicamente pela ótica da produção, ou seja, fora da esfera da reprodução. A partir dos anos 80, os estudos e pesquisas passam a ser marcados pelas tentativas de ampliar essa área de conhecimento, iniciando-se a articulação entre produção e reprodução. Nicholson (1987) e Alambert (1986), por exemplo, ao refletirem sobre o feminino, do ponto de vista marxista, mostram a defasagem da categoria “produção”, de Marx, e a sua atualização feita por parte de teorias feministas, que adicionaram a categoria “reprodução” como referência para atividades dita feminina.

Essa mudança propõe uma nova abordagem nos estudos, pois diante da articulação entre produção e reprodução, tornou-se possível perceber que essas questões só poderiam ser entendidas quando analisadas no contexto das relações sociais.

Segundo Kergoat (1997:82), articular produção e reprodução é necessário, mas não é suficiente. Tem-se que se pensar em termos de relações sociais, definidas segundo a autora "pela contradição e antagonismos entre os grupos sociais. Uma dinâmica que está sempre em vias de modificação e recriação". A partir de então, passa a ser valorizada a relação entre os sujeitos sociais (homens e mulheres) que se constitui tanto na esfera privada, como na esfera pública. (Lobo,1991)

Portanto, vale ressaltar que para se entender as práticas sociais de homens e mulheres, seja no trabalho ou dentro da família, devemos levar em consideração as relações sociais de gênero. O gênero aqui entendido como uma construção social, ou seja, a atribuição social de funções e papéis a homens e mulheres a partir do sexo. Assim, é a partir da categoria gênero percebida como construções culturais que Scott escreve:

"Gênero tanto é substituto para mulheres como é igualmente utilizado para sugerir que a informação sobre o assunto "mulheres" é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Esta utilização insiste sobre o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens que ele é criado em e por este mundo". (Scott, 1990 : 7)

Assim, o gênero deve ser entendido como uma relação, rejeitando-se a idéia de esferas separadas. O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens e vice-versa. O masculino se define historicamente na relação com o feminino. Portanto, a partir da conceituação de gênero é possível analisar as relações sociais fundadas no que é determinado para o homem e para a mulher como meio de entender às práticas históricas atuais, buscando dar conta das desigualdades e experiências sociais diferentes para ambos os sexos.

É importante enfatizar que a construção de gênero como categoria analítica tem a ver com os impasses de teoria do patriarcado e das análises marxistas, tanto quanto com o desenvolvimento autônomo de abordagens psicanalíticas. "O certo é que o eixo de reflexão nas pesquisas feministas passa a ser muito mais o da busca dos significados das representações do feminino e do masculino, às construções culturais e históricas das relações de gênero". (LOBO, 1991:187)

É nesse contexto que buscamos apreender a percepção do trabalho extrativo da quebra do cocco babaçu, tanto para as mulheres que desenvolvem a maior parte desse trabalho como para os homens

que de alguma forma estão inseridos no processo das relações produtivas que vai desde a coleta até a venda do coco.

Como o foco de análise de nosso estudo está em compreender as relações de gênero no contexto do trabalho desenvolvido pelas quebradeiras de coco babaçu é que nesse estudo adotamos o conceito de trabalho enquanto uma dimensão totalizadora, ou seja, como um acontecimento fundamental da realidade humana, através do qual os homens e as mulheres garantem os meios de sua sobrevivência.

“O resgate do trabalho como uma dimensão totalizadora implica em analisar a complementaridade entre vida e trabalho entre esses camponeses, ao invés da ruptura entre vida e trabalho que ocorre nas relações de assalariamento. Por outro lado, esta complementaridade é determinada pelo conjunto das relações vivenciadas, relações definidas pelos papéis e atributos sociais de cada indivíduo. O trabalho, assim concebido, traz as marcas destes atributos, que são atributos da vida”. (SILVA, 1992:6)

Pensar o trabalho dessa maneira tornou possível **comprendermos a maneira** de viver das quebradeiras de coco, como também as relações de trabalho cotidianas diferenciadas entre homens e mulheres, permitindo-nos ver essas diferenças nas esferas produtivas e reprodutivas, ou seja, no trabalho da quebra do coco ou no trabalho do lar (doméstico).

A divisão sexual do trabalho em termos de relação social baseia-se na idéia de uma relação antagônica entre homens e mulheres. É nesse sentido que Hirata coloca:

“A divisão sexual do trabalho é considerada como um aspecto da divisão social do trabalho, e nela a dimensão opressão/dominação está fortemente contida. Essa divisão social e técnica do trabalho é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sociais de poder”. (HIRATA, 2002:280)

Essa colocação está de acordo com o pensamento de Danièle Kergoat:

" A divisão sexual do trabalho encontra-se em todas as sociedades (...) embora as modalidades - dessa divisão - mudam, a verdade é que a divisão sexual do trabalho é sempre estruturada por um princípio hierárquico: o trabalho feminino tem sempre um valor superior ao trabalho masculino". (KERGOAT, 1993:134)

No caso específico das quebradeiras de coco de Jatobá, pelo fato do coco babaçu ser encontrado e coletado na floresta, elas preferem – principalmente as mulheres com filhos menores – quebrá-lo no quintal de suas casas, não comprometendo suas atividades no lar.

Em decorrência disso, o trabalho da quebra do coco é, em parte, desvalorizado pelos homens e mulheres, devido ao fato de ser o mesmo considerado uma extensão do trabalho doméstico. Nesse sentido Hakiki-Talahite (1986) coloca que:

"este tipo de trabalho (doméstico) no pensamento clássico é visto como desprovido de valor, pois para este o trabalho doméstico, na medida que não é validado pela venda do seu produto ou pela remuneração da dona de casa, não pode ser criador de valor". (idem, 1986:97)

Apesar de sabermos que o alimento adquirido por elas através da troca vai garantir a reprodução da família, ou seja da força de trabalho, e que esta gera valor, pensamos que, para estas mulheres/homens, simbolicamente, por não haver o fator "dinheiro" envolvido no processo da venda de seu produto, o seu trabalho não passa de uma mera ocupação feminina que visa tão somente sua sobrevivência e de sua família. O depoimento a seguir justifica esta interpretação.

" esse coquim ajuda mais é muito pouco só dá mermo pra comprar o arroz a farinha o feijão...não dá pra muita coisa...já o meu marido e os meu fie quando tem com o que trabaia...dá pra trazer um dinherim pra casa...esse meu trabáio aqui só dá mermo pro cumê" (D. M. 43 anos) (sic).

Apesar das transformações pelas quais passaram as sociedades, as atividades domésticas, bem como as várias ocupações com características associadas a elas, continuam restritas às mulheres.

sendo por isso, pouco valorizadas, reconhecidas apenas como "ajuda". Isso ocorre porque se toma, como modelo ideal, o trabalho remunerado, regular e contínuo.

O cotidiano das mulheres quebradeiras de coco babaçu é permeado por uma divisão de tarefas que envolve toda a família. Apesar da quebra do coco ser, na maioria das vezes, realizada por elas, os filhos menores também ajudam. Já os filhos homens seguindo o comportamento dos seus pais em torno dos 12 anos não gostam de quebrar o coco por considerarem uma atividade feminina, ajudando apenas na coleta ou na fabricação de carvão.

Estudos revelam que as atividades são denominadas femininas pelo fato de que estas exigem uma certa habilidade, destreza e paciência, sendo, portanto, estas qualidades apresentadas como inerentes à "natureza feminina" (TOSI, 1994; GUIMARÃES, 1987). Com o desenvolver do estudo, procuramos verificar se isso se aplicaria à atividade das mulheres quebradeiras de coco, pois a maneira como elas extraem a amêndoa do coco exige muita habilidade e paciência, mas também força, sendo, segundo esses autores, esta uma característica culturalmente definida como "masculina".

O trabalho das quebradeiras de coco envolve uma mescla dessas características, mas é, principalmente, pelo fato das mulheres permanecerem sentadas, encurvadas de pernas abertas que os homens atribuem às mulheres a realização desta atividade. "...fica fei hôme de perna aberta...todo desajeitado...mulher não, ela tem jeito... é fraco pra hôme, viu." é o que nos diz Claudio de 28 anos.

Como já vimos, é comum em todas as culturas a designação de certas atividades como sendo "femininas". As sociedades têm naturalizado historicamente a distribuição de papéis sociais, tanto de mulher quanto de homens, baseadas no discurso de que a mulher é "frágil, dependente, emocional" em contraposição ao homem "forte, determinado e racional".

"É notória a ausência de uma abordagem que se fundamente em bases sócio-culturais de apreensão do real, capaz de visualizar os seres humanos como particularmente caracterizados, entre os demais seres animais, como eminentemente produtores de símbolos, e, portanto culturais. Explicar as relações sociais de gênero a partir de parâmetros de ordem natural é negar esta particularidade dos seres humanos e, do ponto de vista de compreender as relações entre homens e mulheres na sociedade, reduzir suas condições a determinantes sexuais (biológicos)". (LIMA, 1994:75)

Assim, também, é no mundo simbólico que poderemos compreender como as atividades de dentro de casa e outras que foram associadas como sendo femininas (p. Ex. A quebra do coco) passaram a ser vistas como não-produtivas, sendo pouco valorizadas em relação às atividades ditas masculinas. Stolck (1980), em seus estudos, parte da suposição de que os critérios científicos que determinam a divisão sexual do trabalho trazem embutido o discurso da adequação do masculino e do feminino. Lobo (1991) retomando suas idéias coloca que:

(...) a divisão sexual do trabalho parece estar inserida na divisão sexual da sociedade, na construção do masculino e do feminino no nível do conjunto da sociedade, como uma relação entre dois mundos, dois espaços, que é apresentada como natural e biológica. (LOBO, 1991:60)

Entretanto, dada a importância da atividade das "quebradeiras de coco" para a manutenção da família, percebemos que em Jatobá, o papel da mulher, na maioria das vezes, não é nem complementar nem secundário em relação a do homem já que ela proporciona uma contribuição significativa, talvez até maior do que a dada pelo homem, na renda familiar. Esta contradição, provavelmente, irá contra a crença recorrente, muitas vezes introjetada pela própria mulher, de que o homem é o legítimo "provedor familiar", conferindo, em consequência, uma posição complementar à mulher (PENA, 1981; SILVA, 1990; FONSECA, 2000). Isso ficou explícito em seus relatos quando eram inquiridas sobre a sua posição dentro da família.

A maioria das mulheres que entrevistamos tem seus companheiros, mas percebemos que a carga de trabalho para a mulher é bem maior que a do homem. Elas passam o ano inteiro coletando e quebrando o coco, para no final de cada dia de trabalho, trocar por alimento, enquanto os homens, mesmo os que ajudam na quebra e na coleta, tem uma carga de trabalho menor.

Sabemos que o modelo patriarcal tem atribuído historicamente papéis sociais a homens e mulheres, legitimando a condição de subordinação do feminino ao masculino. Este modelo estipula que os homens, prioritariamente, sejam designados para a produção e as mulheres para a reprodução.

O patriarcado é antecessor ao Capitalismo e à Revolução Industrial, mas é uma parte importante e funcional dentro do atual sistema capitalista. A razão da permanência do patriarcado durante a história se dá, principalmente, no campo da ideologia, onde o homem é preparado para o campo da produção (trabalho assalariado) e a mulher da reprodução (trabalho doméstico), compartilhando dessa ideologia a maioria das culturas ocidentais.

O sistema capitalista tira proveito dessas relações, sendo dentro deste sistema as mulheres normalmente encontradas em trabalhos denominados femininos e mal remuneradas. As possibilidades de promoção não são iguais para homens e mulheres, existindo uma divisão no trabalho. As relações de trabalho diferem de acordo com o gênero, sendo marcadas, por exemplo, pelos tipos de contrato, duração da jornada de trabalho, atitudes dentro do trabalho etc. Essas diferenças não podem ser justificadas pelos elementos biológicos, pois elas são construções sociais e históricas.

“Esta divisão sexual do trabalho indica os diferenciais de posicionamento de homens e mulheres na estrutura setorial, ocupacional e de remuneração, ou para indicar que o trabalho doméstico seria próprio da mulher” (KERGOAT, 1987:86)

Lobo (1991) trata a divisão sexual do trabalho como uma construção social e histórica, onde a separação e a relação de produção e reprodução social são também sexuadas e assimétricas, marcadas por hierarquias, produzindo subordinação de gênero e dominação.

No caso das quebradeiras de coco, a divisão do trabalho entre os sexos – mesmo não havendo uma rigidez nessa divisão – deve também ser compreendida como uma construção social e histórica segundo a lógica vigente na qual o trabalho da quebra do coco, pelo fato de, tradicionalmente, ter sido feito por mulheres, e ser considerado uma extensão do trabalho doméstico, tornou-se uma atividade de natureza feminina e, nessa qualidade pertencente ao domínio feminino e portanto pouco valorizada.

Adicionalmente, esta atividade, dado a posição tradicional como é realizada, implica que as mulheres permaneçam sentadas encurvadas, também fornece um referencial que vem a reforçar e justificar esta atividade como especificamente feminina. Trata-se de uma maneira específica de representar socialmente o corpo por parte das pessoas envolvidas com as atividades do coco babaçu, pois, segundo estas, *“quem quebra o coco cresce a bunda”*, o que leva os homens a partir dos 12 anos de idade se negarem a continuar inseridos neste tipo de atividade.

Bourdieu (1996) nos ajuda melhor a compreender estas questões quando coloca que tal oposição – divisão sexual do trabalho – existe na objetividade e também na cabeça, nas mentes, sob a forma de princípios de visão e de divisão, de princípios de classificação. Assim:

O que é preciso analisar para compreender a dominação masculina são, ao mesmo tempo, as estruturas inscritas na objetividade e aquelas que o são na subjetividade, quer dizer, nos corpos sob a forma de disposições corporais visíveis na maneira de usar o corpo e nos cérebros sob a forma de princípios de percepção dos corpos dos outros. (p.31)

Reforçando ainda mais esta interpretação Bourdieu chama a atenção para o fato que esta visão é ressaltada por todas as pessoas que tratam/analisam esta problemática, ou seja “tudo o que diz respeito ao gênero aparece sob a forma de evidências”. Scott (*apud* LOBO,1991) parece concordar com esta perspectiva quando na sua citação de Michelle Rosaldo “Parece-me que o lugar das mulheres na sociedade não é um produto direto do que elas fazem, mas do significado que suas atividades adquirem através da interação social concreta”.

Diante do que foi colocado, vale salientar que, analisar o valor e o significado do trabalho para a sociedade, ainda hoje, está associado à discussão da categoria produtividade. Estudar o trabalho feminino nos remete, portanto, a repensar os significados objetivos e subjetivos instaurados sobre a categoria trabalho por parte da ciência e pelos sujeitos sociais em curso, observando os significados dados ao trabalho feminino e masculino, tendo por especificidade neste estudo a comunidade de Jatobá/Ma.

3.2. Mulheres no ritmo do machado

Ao caminhar pelas veredas do povoado de Jatobá, é comum ver cenas de famílias inteiras sentadas no chão em frente ou próximas a suas casas, com um amontoado de coco babaçu ao seu redor, munidas com seus machados e macetes.

Mesmo ao longe, o som seco do macete desferido no coco pousado sobre a lâmina do machado denuncia a presença de mulheres (sendo maioria), crianças e homens na atividade extrativa de quebra do coco babaçu.

O dia-a-dia dessas mulheres e homens se resume numa luta diária pela sobrevivência, tendo como instrumentos de luta e trabalho os seus machados e macetes. Aqui, vida e trabalho s

complementam e assim vão sobrevivendo, construindo suas histórias de vidas de geração em geração.

Através de suas histórias de vida, entre relatos e desabafos, que foi possível conhecer um pouco o mundo dessas mulheres quebradeiras de coco, seus sonhos e esperanças de uma vida menos sofrida. Como ilustra os desabafos de D. Francisca e D. Vilaene, respectivamente.

“há mia fia eu as vez digo “tomara que eu já intere meus 55 ano que eu vou fazer vez de mim aposentar que é pra ver se as coisa amiora um pouco mais pra mim ...aí vês eu largo meno de quebrar esse coco eu sabendo que vou ter o meu dinheiro todo mês eu não vou mais me danar nesse coco. Eu sei que não aguento mais. A gente sabendo que vai ter dinheiro todo mês a gente compra fiado nas quitanda e no dia de receber o dinheiro paga...” (F. S 48 anos) (sic).

“eu tenho uma fia que ela diz que o sair dela é estudar mode num viver nessa correria assim. Eu disse que ela tem de se esforçar muito” (V.L 34 anos) (sic).

O "estudo" para as jovens e a aposentadoria para as mais velhas é o sonho da maioria dessas mulheres que lutam para ter uma renda que satisfaça suas necessidades básicas. Segundo a maioria dessas mulheres, o básico para sobreviver se resume em ter o arroz, feijão, farinha, café e açúcar em suas casas. A carne é um artigo de luxo, como ilustra o desbafo de D. Raimunda, quebradeira de coco aposentada: “carne só no domingo, e óia lá, só se tiver muito coco pra vender” (sic).

Como os relatos anteriores apontam, a aposentadoria representa algo muito importante para as mulheres quebradeiras de coco, pois permite para as mulheres beneficiadas, por exemplo, escolher os dias para quebrar coco. Uma vez com o benefício, elas não precisam quebrar coco todo os dias e, também, permite que planejem as suas compras e, inclusive, poupem alguns recursos para momentos de maior necessidade, como os de doença.

A quebra do coco é uma atividade tradicionalmente feminina e subjetivada como tal, mas esta comunidade tem sua especificidade que é o fato de os homens por não terem outra forma de

trabalho, ou tê-las por períodos intermitentes, em dados momentos também quebrarem o coco. Não é raro se ver homens nas casas quebrando o coco junto com filhos. Mas, nas ocasiões em que eu me aproximava do local onde quebravam, eles largavam o que estavam fazendo e se escondiam dentro de suas casas. Isto acontece só no momento da quebra do coco, mas não da coleta, venda, ou quando estão fazendo o carvão, indicando que estas atividades podem ser feitas por homens.

O relato de Ana Alice, confirma nossa observação empírica:

“você pode ir por aí que encontra hôme quebrando, mas na hora que a gente se aproxima ele se esconde ou larga de quebrar o coco principalmente os rapaz. Eles tem vergonha das moças não quererem mais eles são bestas né? É um trabalho. É pió se soubesse que ele é maconheiro ou ladrão isso sim é feio”. (A.A. 16 anos)

Mesmo existindo o preconceito, deu pra perceber que os jovens são mais flexíveis do que os mais velhos quando se trata da quebra do coco. Estes últimos, quando não tem outra atividade além da quebra do coco, preferem ajudar coletando e trazendo o coco pra suas mulheres quebrarem.

Nas conversas informais à noite, ao pé das soleiras das casas, onde vizinhos se reúnem para conversar, constatei que os homens têm vergonha de quebrar o coco na presença de pessoas estranhas. Alguns homens dizem não terem vergonha, mas nas palavras da maioria dos homens que entrevistei “isso é coisa de mulher”. A resistência deles a conceder uma entrevista, falando sobre a atividade do coco, confirma minha hipótese de que eles realmente não gostam de quebrar o coco por considerarem ser esta, uma atividade de “mulher”.

Vale salientar que o trabalho infantil do sexo masculino é expressivo na idade que vai dos sete aos doze anos. A partir desta última idade, o indivíduo está apto a desenvolver tarefas consideradas pelos homens mais pesadas, começando então, a participar mais das atividades agrícolas.

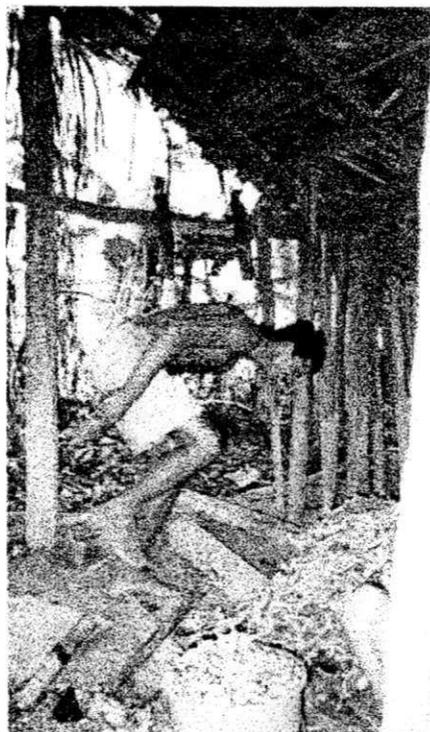


Figura 16: Homem fugindo para não ser visto quebrando coco

Entretanto, os homens adultos admitem quebrar o coco, mas só quando não existe outra forma de obter renda para prover o sustento da família. Mas o problema é que a maioria não tem acesso a um pedaço de terra para plantar, e a juquirá é um trabalho temporário. Isso nos aponta que a quebra do coco e o carvão feito de sua casca é muitas vezes a única maneira de obtenção de renda para prover o sustento da família. Como os depoimentos seguintes indicam.

“eu acho esse negócio de quebrar coco muito fraco tem que ter jeito e paciência. Mais a precisão obriga quando não tenho trabáio de juquirá eu quebro ajudo a muié..é o jeito...tem que comer né” (F.M.S, 18 anos) (sic).

“a muié é que tem jeito de quebrar o coco,home é desajeitado todo duro. A muié quebra em casa e faz a comida ao mermo tempo não atrapáia nada” (S.V 25 anos) (sic).

“esse negócio de quebrar coco é de muié ela fica em casa sem nada pra fazer então quebra o coco ganha um dinherim e compra as coisa pra casa não atrapáia o serviço de casa. Mas quando não tem outro trabáio eu ajudo a quebrar” (J.S 36 anos) (sic).

No contexto das relações de gênero dentro do processo produtivo da extração do coco babaçu, o trabalho desempenhado pela mulher quebradeira de coco foi construído historicamente como uma extensão do trabalho doméstico. Isso se deve ao fato de ele ser realizado na maioria das vezes dentro do espaço doméstico, sendo portanto, uma atividade considerada de domínio feminino.

Os homens quando quebram o coco, consideram o seu trabalho como mera “ajuda”, não o reconhecem como trabalho produtivo, uma vez que, o trabalho doméstico ou ocupações com características associadas a ela são pouco valorizadas. Oliveira (1996) explica que isso ocorre porque se toma como modelo o trabalho remunerado, regular e contínuo. Um de um dos relatos anteriores é emblemático: “ela fica em casa sem nada pra fazer”(sic). Isso tem uma conotação depreciativa, representando ao nosso ver, a desvalorização do trabalho doméstico.

Podemos dizer que a concepção de que os homens “ajudam”, decorre da própria divisão tradicional do trabalho que determina a homens e mulheres, formas diferenciadas de inserção, existindo uma identificação cultural entre as atividades e os papéis de cada um dos sexos. Isso nos faz deduzir que, como a quebra do coco é uma atividade tradicionalmente feminina, realizada na maioria das vezes no espaço doméstico, os homens quando quebram o coco, não consideram o que fazem, como um trabalho – como já foi colocado – mas, como “ajuda”.

Há várias gerações a quebra do coco é vista subjetivamente como tarefa predominantemente feminina, tanto pelos homens quanto pelas mulheres. É o que aponta os depoimentos abaixo, todos de mulheres.

“Esse negócio de home quebrar coco, eu acho muito feio porque antigamente os home era de roça hoje em dia você vê os home quebrando o coco você diz logo “tá achatando a bunda”. Graças a Deus o meu véi nunca deu pra coco não” (R.S, 67 anos) (sic).

“há! dona eu acho fei. Duas coisa é fei o home fazer lavar roupa e quebrar coco...porque é desajeitoso. Muié não fica ali sentadinha mas o home parece que não se ajeita pra lavar roupa e

quebrar coco mas não tem nada não a precisão é que obriga. Agora a muié não muié é bonito quando se ajunta tudo dentro de um barracão...uma casa....assim como na casa do seu Manel Joviano.... uma conta um caso, outra já diz uma prosa e assim é lavando roupa também..” (M.R.S. 72 anos) (sic).

“o coco assenta mais é pra muié porque é feio o homem quebrar...fica mais mió pra muié ficar ali sentada no chão apoiada do que o homem” (M.F. 28 anos) (sic).

Esses relatos apontam que as mulheres e homens da comunidade acham que o corpo feminino está mais predisposto para execução do trabalho da quebra do coco. Essa idéia nos remete a duas questões importantes. Primeiro, a predisposição do corpo humano para o trabalho, pois as mulheres e homens acham que a posição agachada de pernas abertas que exige a quebra do coco não fica bem para os homens, um mito bastante difundido na comunidade, por isso, usam o termo “achatando a bunda”.



Figura 17: Posição tradicional da quebra do coco.

A outra, é que isso vai de encontro as discussões sobre feminização do trabalho que argumentam que os trabalhos caracterizados como femininos demandam características como habilidade, paciência, e os masculinos características como a força e a coragem. A atividade de quebrar coco, além de exigir habilidade, demanda também duas características culturalmente consideradas do sexo masculino: a força física para rachar o coco e a coragem, porque muitas delas, enfrentam perigos na mata, como serem atacadas por bois bravos e cobras.

Portanto, na atividade aqui em estudo, são colocados em cheque os critérios que definem os padrões de feminino e masculino da nossa cultura. Lobo (1991) “a diversidade e a complexidade das formas de uso da mão-de-obra feminina sugerem que não existem fatores naturais, inerentes ou lógicos que instituem a divisão sexual do trabalho”. Para esta autora, o que existe são construções sociais de papéis para homens e mulheres subordinadas ao contexto histórico.

As diferenças biológicas não justificam essa divisão de tarefas que é transmitida por gerações, mas, para mulheres e homens da comunidade a quebra do coco é naturalizada como “tarefa de mulher”, mesmo quando a necessidade demanda a “ajuda” do homem.

Como vimos em depoimentos anteriores, esta atividade é vista pelos homens como uma tarefa repetitiva e monótona, que exige paciência e habilidade, características culturalmente atribuídas às mulheres, ou melhor dizendo, características de uma suposta “natureza feminina”.

Saffioti (1992) expressa em seu estudo que essa divisão sexual do trabalho adquire diversas formas conjunturais e históricas, com as diferenças observadas sendo produzidas historicamente e propagadas através de sistemas de representação, gramáticas de conduta no feminino e masculino e – particularmente importante – sendo fruto do processo de educação e da socialização dos indivíduos.

Portanto, a classificação de algumas atividades como femininas (quebrar o coco) e masculinas (coletar o coco, fazer o carvão) é um produto de uma construção social, que foi internalizada por

gerações e passada através da socialização dos indivíduos. Ou seja, a cristalização das ações é que reproduz a divisão sexual do trabalho.

3.3 Cotidiano e Aprendizagem: " ...mãe me insinô e esse é meu ofício"



Figura 18: Mãe quebrando o coco com o filho ao lado

O coco faz parte da vida dessas mulheres desde as suas infâncias. Elas aprendem esta atividade observando-a no cotidiano de suas mães. É comum a gente ver as mães jovens trabalhando com os filhos ainda bebês deitados sobre um saco ao seu lado e os filhos maiores brincando com o coco ou sendo iniciado na quebra do mesmo.

As quebradeiras de coco já fazem parte da tradição maranhense. Há séculos elas desempenham este tipo de atividade. Por isso, há todo um processo de naturalização na quebra do coco, onde o conhecimento e habilidade é transmitida de mãe para filha e netas de geração em geração.

E é na transmissão do saber/fazer de mãe para filha (o) que elas adquirem a habilidade para a quebra. A aprendizagem se dá no dia-a-dia no espaço do lar, entre as tarefas domésticas.



Figura 19: Crianças sendo iniciadas na quebra do coco

A iniciação se dá por volta dos seis ou sete anos de idade e no decorrer desse processo de aprendizagem algumas dificuldades são encontradas. Os cortes são inevitáveis e em alguns casos as crianças são mutiladas em decorrência de algum descuido na hora da quebra do coco. Habilidade e paciência são características essenciais para o bom desempenho na hora da quebra do coco. Seguem-se depoimentos de mulheres que nos mostram como se desenvolve o processo de aprendizagem da atividade.

“Eu comecei a quebrar coco desde os sete ano mia fia...mia mãe e meu pai todo tempo era pobre.. mia mãe rachava as taiáda...ela tinha muito fie parece que era onze que ela tinha e aí os maiozim ela ia botando pra treinar logo : ela fazia as taiadinha e a gente fazia um jeito de quebrar...e aí do

mei pro fim ela ia partindo era as banda que era pra gente quebrar...e nós quebrava e quando do mei pro fim o mais maiozim que já ia treinando ia mermo era pro coco...” (M.F. 48 anos) (sic).

“Essa piquininha de cinco ano, a outra que tá pro colégio tem sete ano e já quebra de dois quilo já...eu não quero deixar ela quebrar o coco que é piquininha e agente que quebra o coco se corta demais...o dinheiro dela compra comida também...já ajuda na casa...eu ensino dando as bandinha até pegar o jeito”. (F.E. 49 anos) (sic).

“Eu gosto de quebrar coco...eu quebro desde os dez anos, aprender com mia mãe. Ela quebrava as bandinha e me dava pra mim terminar de quebrar. Eu quebro dez quilo por dia (...) há eu já cortei meu dedo demais...quando o machado tá amolado aí que eu corto mermo... ”. (M.L.E. 16 anos) (sic).

Podemos perceber através desses relatos que a forma de aprendizado se faz naturalmente através do olhar atento do aprendiz (filha(o) sobre o fazer da sua mestre (mãe). Como bem coloca Albuquerque (2002) “Não é falando como se faz, ou teorizando sobre o fazer, que esse conhecimento é passado, mas através da observação, do olhar”.

Apesar dos perigos que envolvem esta atividade, a necessidade obriga as mães a ensinarem suas filhas e filhos. Como diz D. Francisca “eu tenho pena, mas é o jeito mia fia...a precisão obriga, se não, não comi...esse é o único ensinamento que posso dar...só sei isso”. Muitas vezes durante a entrevista ouvi mães repreenderem seus filhos dizendo pra eles estudarem pra não ter que se “danar” no coco como elas.

Outra quebradeira nos diz:

“Eu aprendi vendo mermo, pelejando e a necessidade mandando eu quebrar o coco. Aqui se num quebrar o coco, num tem condição todo mundo aqui quebra. No começo cortei muito o dedo mais depois a gente pega jeito” (M.L.S. 47 anos) (sic).

Como elas começam a quebrar coco muito cedo, com o tempo vão adquirindo habilidade através da prática do dia a dia. Na idade de aproximadamente 13 anos, estão aptas para o trabalho mantendo o pico de produção até os 40 anos, quando o corpo começa a sentir o desgaste físico e a produção consequentemente tende a diminuir.

Fazendo um recorte temporal, podemos perceber através dos relatos que se seguem, que a produtividade das mulheres na quebra do coco babaçu vai decaindo com o passar dos anos. Isso é devido ao fato que com a idade as mulheres perdem a agilidade e, com o tempo desenvolvem problemas de saúde devido à natureza do trabalho, que maltrata muito o corpo³². Já as mais jovens se orgulham de produzirem mais e até competem entre si para ver quem quebra mais quilos de coco.

“Tem vez que eu quebro quatro, cinco quilo mas no tempo de eu nova...eu quebrava de oito a dez.” (A.R.L. 73 anos) (sic).

“Quando eu era mais nova eu quebrava de 12Kg...eu quebrava mais adispois de lá pra cá foi diminuindo... diminuindo...é que a gente vai ficando véia do serviço da gente...vai ficando abafada do serviço aí vai diminuindo...não agüento mais não e aí tá assim” (F. 48 anos)

“Ja cheguei a quebrar 25kg de coco num dia só...foi no mato...eu apostei com uma amiga... em casa a gente quebra menos...lá(mata) não tem zuada...eu acho bom quebrar no mato...” (R.S. 27 anos) (sic).

“Menina hoje não sou mais muié...antigamente sim...eu quebrava de 30 kg (...) mais agora eu quebro de 8kg de, 9kg...o que eu mais faço é de 9kg...é difícil quebrar 10 kg de coco agora eu fico doente quando fico sem quebrar...logo eu tô acostumada a quebrar o bicho véi...” (F.O. 48 anos) (sic).

Para essas mulheres, falar da importância do coco é sinônimo de falar de suas vidas. No transcorrer das entrevistas foi possível perceber um misto de alegria e tristeza quando falavam do seu trabalho e de sua vida.

A história de vida da maioria dessas mulheres está diretamente entrelaçada com o seu trabalho, isto é, muitas delas quando falam de suas vidas, tomam como ponto de referência o tempo em que chegou a necessidade da quebra do coco em suas vidas.

Algumas partes da história de vida de D. Anastácia, chefe de uma família, são emblemáticas. Vejamos um trecho:

³² Mais a frete trataremos essa questão.

Na atividade extrativa do babaçu não existe um horário pré-determinado para se iniciar a quebra do coco. As quebradeiras de coco procuram organizar o seu horário de acordo com as tarefas domésticas.

Quando a quebra é realizada em casa, elas acordam por volta das cinco horas da manhã para acender o carvão do fogão de barro para fazer o café para família e às sete iniciam a quebra do coco. Geralmente esta atividade é realizada numa casinha feita exclusivamente para esta atividade que fica localizada ao lado da casa principal.



Figura 20: Mulher quebrando coco com o fogão de barro ao lado

Observei que na maioria das “casinhas de quebra” existe um fogão de barro, onde elas cozinham sua comida ao mesmo tempo que quebram o coco. De acordo com os depoimentos de várias quebradeiras de coco, elas conciliam a tarefa de cozinhar com a atividade da quebra do coco da seguinte maneira: às nove horas da manhã, colocam o arroz e o feijão no fogo - que já está aceso desde o café da manhã - e voltam para quebrar o coco.

Quando chega aproximadamente as onze da manhã elas param para terminar o almoço e logo após vão almoçar juntamente com a família e depois de lavar as louças do almoço, por volta das treze horas, retomam novamente a atividade da quebra do coco até as cinco da tarde, quando finalmente param, tomam banho e vão ou mandam seus maridos ou filhos deixar sua produção na mercearia do Sr. Manoel ou do Sr. Raimundo Duarte em troca de alimento.

Já quando a quebra é realizada na mata, levantam por volta das cinco horas da manhã, fazem suas tarefas domésticas ou deixam uma das filhas tomando conta e por volta das seis ou sete horas da manhã – geralmente com duas ou mais companheiras – vão para mata com seus instrumentos de trabalho, ou seja machado, macete e o côfo.

Como passam o dia todo na mata, retornando para casa por volta das dezessete horas da tarde, levam consigo algum alimento, geralmente farinha e peixe assado, para “matar a fome”, enquanto trabalham. Quando acontece de quebrarem o coco próximo a algum riacho ou igarapé, levam a farinha, o sal e pescam para se alimentarem. Só retornam as suas casas com o côfo cheio de amêndoas.

Vejamos o que elas falam a respeito da ida para o "mato":

“Quando a gente vai pro mato, a gente leva farinha nós vamo pra bêra do igarapé e pesca e come com pêxe...lá pra onde a gente vai tem um rancho e todo ano a gente vai quebrar lá” (A.C. 18 anos) (sic).

“Eu cansei de levar farinha, pimenta e sal pra comer no mato...a gente faz o xibeu (mistura de farinha sal pimenta e água) enche a barriga e não sente fome” (R.S. 22 anos) (sic).

“No mato tem muita manga e a gente quando acha come com farinha...é bom. As vezes eu chego de tarde toda melada de manga” (F.A.S. 12 anos) (sic).

Como podemos perceber elas não seguem um padrão rígido de horários, mesmo porque elas procuram conciliar o trabalho da quebra do coco com as tarefas domésticas. Assim, o uso do tempo

não é definido a partir de uma divisão entre tempo de trabalho na casa e fora dela, como ocorre nas relações de assalariamento em que as mulheres têm uma dupla, tripla jornada de trabalho. Aqui percebe-se que há uma imbricação entre tarefas domésticas e a quebra do coco.

Com toda essa carga de trabalho, são elas que, ajudadas ou não pelo companheiro, asseguram o alimento diário da família. A maioria dos brasileiros nunca ouviram falar das quebradeiras de coco babaçu, essas mulheres, de nenhuma ou pouca escolaridade, poucas vezes saíram da comunidade. Mas elas sabem o valor do seu trabalho dentro do processo produtivo do coco babaçu e têm consciência de suas condições de exploradas.

Inquiridas sobre o valor do seu trabalho, elas dizem:

“Tem muié que tem vergonha de quebrar coco. Eu não acho feio a pessoa ter sua arte e mostrar né... porque quem tem emprego vai mostrar que é empregado e quem não tem vai mostrar o seu serviço...o trabalho é esse e esse que tem de mostrar...não adianta você chegar aqui e eu esconder de que eu vivo né...eu tenho de mostrar de que eu vivo porque a gente tem que dá valor daquilo que a gente verve né...problema maior que eu acho é o coco muito barato. A gente é forçado a quebrar dez quilo de coco pra comprar um quilo de carne” (V.S. 36 anos) (sic).

“Eu gosto de quebrar porque é meu trabalho é minha arte...pois tá parado sem fazer nada é pió e eu não gosto de ficar esperando dinheiro de marido e é o que eu sei fazer não tenho vergonha e trabaíá é uma honra pra mim” (M.L.F 47 anos) (sic).

“Eles divia aumentar o coco mais um poquim pra miorá pra gente pois só é a gente que quebra mermo...duvide se a gente não quebrasse eles iam aumentar já já.” (S.F. 26 anos) (sic).

“Eu acho é bom quebrar coco, é o meu trabaíó...é a minha diversão...meu marido me dá valor e eu gosto de trabaíá...tem muié por aí que diz que quebra coco porque é o jeito...mas eu quebro porque gosto de quebrar” (J.M.S 39 anos) (sic)

“Esse serviço é minha vida, só deixo de quebrar o coco quando não puder mermo. Eu ouvi dizer que ia deixar de comprar o coco quebrado porque eles tinham uma máquina pra quebrar...mas depois morreu essa estória. Só tem nós mermo pra quebrar o coco...se a gente não quebrar não tem produto dele né...só é mais ruim porque nunca dá preço. Um quilo de coco por trinta centavos é muito pouco...eles deviam aumentar mais um pouquim porque dá muito trabalho e a gente se corta e fica parada aquela semana” (P.G.C. 68 anos) (sic).

Esses depoimentos apontam que para as mulheres quebradeiras de coco o valor do trabalho delas não é subjetivado apenas como gerador de renda, mas como uma parte fundamental de suas vidas. O seu papel dentro da família não é representado como de submissão e sim de igualdade e companheirismo.

Lendo Sarti (1996), quando faz uma análise da moral no mundo do trabalho, compreendemos que o valor do trabalho, para as famílias pobres, se define dentro de uma lógica em que conta não apenas o cálculo econômico, mas o benefício moral que retiram desta atividade. Esta lógica é vivenciada pelas quebradeiras de coco, pois seus relatos indicam que o que conta é poder participar ativamente para o sustento da família, mostrando o seu valor de mulher que tem disposição para cuidar dos filhos e do marido, contribuindo para sua afirmação de identidade feminina de mulher trabalhadora, dentro da família e fora dela.

3.4. Homens no trote do burro

No dia em que cheguei em jatobá para realizar a pesquisa de campo não foi difícil deparar-me com homens enxotando jumentos com cargas de jacás sobre o lombo do animal abarrotado de coco babaçu.

Na divisão de tarefas, a “caça do coco” é vista como uma atividade predominantemente masculina. São os homens que na maioria das vezes vão coletar o coco e trazem para suas mulheres quebrarem em casa, pois segundo as mulheres entrevistadas, é perigoso, uma vez que elas correm o risco de serem atacadas por outros homens de comunidades vizinhas.



Figura 21: Homem retirando os jacás de coco do lombo do animal

Com o desenvolver da pesquisa, foi possível observar que esse trabalho é subjetivado pelos homens e mulheres da comunidade, como um trabalho masculino. O que justifica tal pensamento segundo eles, é que o mesmo demanda força física para retirar os pesados jacás de coco do lombo do animal, uma tarefa muito pesada para as mulheres.

A força e a coragem são qualidades atribuídas culturalmente à "natureza masculina" e como a coleta do coco exige essas características, os homens ficam encarregados de trazer o coco pra dentro de casa, não "expondo" suas mulheres ao perigo e, por outro lado, não as afastam de exercer suas tarefas domésticas.

Rosilene de 18 anos nos explica:

“meu marido não gosta que eu vá quebrar no mato, tem ciúme, ele caça o coco e traz pra mim quebrar, assim não atrapaia de fazer as coisa de casa, ele gosta que eu faço a comida na hora.”
(sic).

Outra quebradeira, sobre o mesmo assunto declarou que:

“a gente quebra mais no mato é em grupo e eu merma não venho quebrar sozinha porque faz medo ficar aqui nos mato...as vez a mode gado contecer alguma coisa com a gente aqui no mato por isso a gente andando de duas de três é mió...por exemplo as vez fulano mata alguém e se esconde no mato é a época que a gente só anda se for mais os home da gente” (RS. 36 anos) (sic).

Como vimos com o depoimento a imagem da mulher como sexo frágil e dependente é facilmente introjetada, em contraposição a imagem do homem, forte e protetor. Mas, percebemos uma funcionalidade por trás desse discurso de proteção, uma vez que, a permanência em casa garante aos homens ter a comida na "hora".

Fazer a caieira³³, também é considerada uma atividade que pertence mais ao mundo masculino. pois é uma atividade considerada perigosa para as mulheres e homens. A feitura da mesma exige muita atenção na hora do preparo para obtenção do carvão, pois existem algumas técnicas que devem ser seguidas.

Para melhor compreendermos o processo de fazer o carvão, "Seu Bilino" um morador da região nos explica:

“Todo dia eu vou pegar o coco no mato e quando eu chego eu vou fazer a caieira pra fazer o carvão tem até uma ali queimando..eu queimo hoje e a manhã eu tiro praquê tem que tirar mas pode passar até quatro dias dentro do chão mas eu tiro ele é quente...pra fazer a gente cava o chão e bota o fogo num pouco de casca e depois de acesa coloca mais casca e deixa queima todim adispois a gente joga água em riba e cobre com páia ou saco mais bem aguado se não no otro dia sai incendiado o carvão vira só cinza...tem que deixar queimar todim pra depois cobrir...pois bem cobre com páia e depois com terra...abafa bem abafadim e no outro dia tira...se jogar a água contra o vento já morreu tem mais isso...tem que prestar atenção pra onde tá ventando se não o vapor queima a gente todim...o sangue cozinha na mesma hora é perigoso demais”(sic).

³³ É o buraco feito no chão, dentro do qual colocam as cascas do coco e ateiam fogo e cobrem com a terra para que queimem e virem carvão vegetal.

De acordo com informações dos moradores de jatobá, tem homens na comunidade com problema de saúde em consequência do “abafamento” da caieira, inclusive, um ano atrás um morador da região foi a óbito com queimaduras de terceiro grau quando realizada essa tarefa no campo.



Figura 22: Caieira aberta para queimar a casca do coco para fazer o carvão

Observamos que os homens procuram "proteger" suas mulheres das tarefas consideradas mais pesadas. A partir dessa idéia desenvolvem um discurso que define a quebra do coco uma atividade “leve”, que as mulheres podem realizar no espaço do lar, um espaço tradicionalmente considerado sagrado.

Quebrar coco para os homens é vergonhoso, “o hôme foi feito pra roça e não pra quebrar coco”(sic). Veja os depoimentos que corrobora com esse pensamento.

“Eu que ajudo minha mãe a quebrar quando não tem outra coisa pra fazer...eu não tenho vergonha não...no inverno no barracão do seu manel é homes e mulher”. (A.F. 18 anos)

“lá em casa os home sabe quebrar mas não quebram não eles são desajeitados ficam todo abertão com as pernas lá pra acolá...num tem nem jeito...o que eles fazem sem reclamar é caçar o coco”. (R. S. 21 anos)

“os home aqui só quebra quando tá parado fazem o carvão mais a muié é direto no coco...meus fie tudim sabe quebrar o coco...os minino são mei acanhado pra quebrar eles acham que esse serviço assenta mais pra muié...os home é pra roça fazer outras coisa...logo eles dizem ficar ali no mei das muié de pernas abertas é muito fraco”. (M.L.F. 47 anos)

“Antigamente o hôme não quebrava coco tinha vergonha...óia eu vou contar aqui quando eu era rapaz eu ia quebrar coco eu botava seis jacá e ia quebrar de trás escondido pra ninguém me ver. Eu quebrava mas na hora de vender eu mandava os menor...e até hoje eu não gosto de quebrar não...quebro mermo porque preciso mas não gosto não (...) se é da pessoa tá zonzando no mundo...mermo que ele ganhe dois real é mió pra ele...Há se esse negócio de dizer que a “bunda fica chata” pois a minha já tá...oia, quando eu tinha uns quatorze ano eu pegava o meu fritim e tirava pro mato com um machado um macete e um saco...eu nunca pegava um côfo mode eu botar nas mia costa não pro mode o povo num saber o que eu ia fazer. O pessoal pensava que eu ia tirar algum palmito mas eu ia era quebrar coco...eu deixava meu coco quebrado lá no mato e seis horas da tarde eu ia buscar...quem ia vender era meu irmão mais novo...ele tem agora vinte e seis ano mas quebra também...ele tem o emprego mas quando tá sem fazer nada ele quebra...é como eu digo mermo que tudim tem um emprego (juquira ou vaqueiro) mais quebra...só emprego não dá tem que quebrar coco...o salário que a gente ganha aqui é pouco...não dá pra cobrir as despesa não. Eu vou caço o coco e boto pra muié quebrar e quando posso eu ajudo a quebrar...se é pra mim ganhar dinheiro tá bom”. (C.D.L. 27 anos)

Diante do exposto, pode-se dizer que as esferas do domínio masculino e feminino dentro do processo da extração do coco babaçu podem ser relativizadas, dependendo da situação econômica em que se encontra a unidade familiar.

Tanto no campo, quanto na cidade, as atividades femininas são menos valorizadas, em detrimento dos trabalhos considerados masculinos. As relações de trabalho diferem de acordo com o gênero e as diferenças terminam sendo hierarquizadas. Na atividade extrativa da quebra do coco babaçu não é diferente.

Amaral (1990) em seu estudo sobre a economia do babaçu destaca que, o trabalho da quebra do coco babaçu é executado quase que exclusivamente pela força de trabalho feminino e/ou crianças. Esse exclusivismo do trabalho feminino explica-se pelo fato de se criar, dentro das unidades

produtivas uma divisão natural entre os dois sexos na execução das atividades agrícolas e extrativas, isto é, cada atividade destas contém características próprias de execução, emprego de energia e força etc, que determinam que haja uma certa especialização entre os membros e sexo da família do pequeno produtor.

As atividades agrícolas em Jatobá tem predominância da mão de obra masculina. Eles procuram conciliar o trabalho da roça com a atividade extrativa do babaçu. Já as mulheres tendem a ficar de fora das atividades agrícolas – exceto, as viúvas e as que não tem filho homem – no entanto, os homens procuram "ajudar" coletando o coco para suas mulheres ou mães quebrarem.

Esta separação vem corroborar com várias pesquisas desenvolvidas sobre este aspecto ao concluírem que geralmente as atividades agrícolas têm sido consideradas dentro de uma ótica da divisão sexual do trabalho como atividades masculinas.

Vale salientar que quando o homem, se envolve com a exploração do babaçu, ele prefere se ocupar da tarefa da coleta de coco que é posteriormente quebrado pela mulher, porque, segundo os homens esta tarefa é relativamente mais pesada, principalmente quando se trata do transporte dos cocos. Em suma, como podemos perceber, o que não se pode fazer é atribuir rigidez a essa divisão de tarefas por sexo no processo da extração do coco babaçu.

Através da observação do fazer e ser do cotidiano das mulheres e homens de Jatobá, de suas histórias de vida identificamos aspectos concretos da vida de todos os dias dos moradores desta comunidade, na qual vimos emergir não apenas a história de dominação, mas os papéis informais, as mediações sociais, a improvisação e a resistência dessa gente.

A compreensão do cotidiano possibilitou perceber as relações sociais que se estabelecem e o a diversidade e fluidez das relações de gênero relativas aos papéis desempenhados por homens e mulheres nas diversas atividades envolvidas como na produção e comercialização do babaçu.

3.5. Todo mundo envolvido com o babaçu: importância do coco para obtenção de renda da comunidade de Jatobá

O coco babaçu é o principal produto do extrativismo vegetal para as comunidades rurais do Maranhão. A comunidade de Jatobá é uma delas. Sua dinâmica gira em torno deste produto. Podemos dizer que aqui o babaçu comanda a vida das pessoas. Mesmo havendo agricultura de subsistência (roça), a quebra e venda do coco babaçu e seus subprodutos (carvão, azeite) – de acordo com os moradores de jatobá – constitui a principal ³⁴ fonte de renda para a região.

Neste povoado, algumas famílias praticam a agricultura de subsistência, ou seja, a denominada roça para o consumo doméstico, uma vez que a produção da mesma é muito pouca, não entrando portanto no circuito da comercialização. De acordo com um agricultor da região, depois da colheita os produtos (arroz, feijão) são consumidos dentro de três a quatro meses. Com a escassez desses alimentos, a única alternativa é quebrar coco para trocar por mantimento no comércio local.

Para os homens chefes de família que não têm terra para plantar a única saída para obter os meios de subsistência é procurar vender sua força de trabalho para os fazendeiros locais ou quebrar o coco. No caso em questão, as famílias recorrem ao trabalho alugado temporário, ou seja, a juquirá, como uma estratégia para garantir a sobrevivência da unidade doméstica. Como a juquirá é um trabalho temporário – ocorre duas vezes ao ano –, a única fonte de renda regular é a quebra do coco e a produção do carvão.

É como diz seu “Petisco”, o líder comunitário:

³⁴ Quero enfatizar que tomamos como base para saber qual é a principal fonte de renda das famílias locais o depoimento de homens e mulheres os quais entrevistamos ou mantemos contato. Mas para sermos mais precisos necessitaríamos de uma análise mais minuciosa ou quantitativa.

“O coco aqui é uma fonte de renda que tá em primero lugar...é uma atividade...é como se diz é mermo o trabalho responsável por tudo (...) todo mundo é envolvido com o babaçu mas o negócio é que cada um tem o seu jeito sua linha de trabalho. No caso do seu Manel (comerciante local) ele ganha do babaçu mas já não quebra...mas ajunta compra o coco com casca, faz um monte bota o pessoal pra quebrar compra o caroço de meia e vende. A casca também é dele. Tem o cara do bar aqui que não quebra e nem compra mas o dinheiro do que vai tomar a cervejinha ou pinga a maioria vem do babaçu” (sic).

Como aponta esse depoimento a renda básica de Jatobá é o coco babaçu. Mulheres, homens e crianças se dividem nas tarefas da coleta, quebra e venda do coco para satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência, ou melhor dizendo, para garantir o alimento diário para a família. Portanto, não podemos negar a relevância da atividade extrativa do babaçu para estas mulheres e suas respectivas famílias. O comércio como constata o depoimento de seu Petisco, depende diretamente do babaçu.

O coco babaçu foi perdendo seu valor econômico no mercado, mas por outro lado, ele tem uma função social muito importante, que é manter a unidade familiar e a sociabilidade entre os moradores de Jatobá. Isso se deve ao fato de que toda a família está diretamente envolvida na quebra do coco babaçu.

Como citamos anteriormente no capítulo anterior, a atividade extrativa do coco babaçu era visto antigamente como complemento da renda familiar, onde as mulheres o quebravam para comprar um café, um açúcar, ou então roupa, calçado, perfume etc., todos tinham acesso a um pedaço de chão para fazer sua roça, mas com o cercamento das terras, houve uma inversão como nos indicam os depoimentos a seguir. A quebra do coco babaçu, passou a ser de fundamental importância para a economia doméstica. Para a maioria das mulheres quebradeiras de coco entrevistadas, a sua produção vai toda no alimento do dia a dia.

“A gente quebra esse coco hoje quando é bem cedo o cabra tem de apanhar o dicomer na quitanda tem de comprar fiado lá na quitanda...e quando é de tarde tem de apanhar os coco e levar pra pagar e a manhã quebra de novo que é pra pagar aquele que a gente traz...e assim é todo dia ninguém tem folga não...dá trabalho até pro cabra vestir acredita? Só consegue roupa quando trabalha na juquira ou roçado...mas também trabalha uns dia e depois para” (B. S. 48 anos) (sic).

“O dinheiro do coco dá pra comprar muita coisa pois é dele que a gente se apega pra comprar carne café açúcar só que não vai comprado mermo do coco é o arroz e feijão pois meu marido participa da roça comunitária e daí dá pra tirar um feijãozinho um arroz não dá pro ano todo mais ajuda” (V.L. 32 anos) (sic).

“Como eu sempre digo quando é época de juquira o hôme ainda pega um dinherim pra ajudar na casa os rapaz pra comprar uma roupa um calçado um material pra escola e quando não tem é do coco mermo todo mundo. É home muié minino, véi, é tudo. Enquanto pode tá fazer aquela luta do coco a gente tá fazendo” (M. V. 28 anos) (sic).

“A comunidade aqui é boa mais pra mim não tem serviço pra gente que quer trabalhar na lavoura. Logo eu não participei pra ganhar essa terra. O único ofício que eu sei fazer é roça. Se não tiver isso o jeito é quebrar coco mais a muié. Mas isso não é serviço pra home não. Esse coco antigamente era só pras muié comprar as coisinha dela, o sustento de casa era tudo o home mas a vida dá volta né minha filha? O jeito que tem é se conformar” (J.A.S. 71 anos) (sic).

Como podemos perceber, quando os maridos estão sem trabalho são as mulheres que sustentam a casa quebrando o coco, apesar dos homens também participarem do processo da quebra do coco. Então, pode-se dizer que o papel do provedor do lar pode ser relativizado, dependendo do momento do desenvolvimento do ciclo de vida doméstico em que está situada a família.

Em Jatobá há um número considerável de mulheres chefes de família. Isso decorre da migração de seus maridos ou filhos para outras regiões em busca de emprego, ficando assim as mulheres responsáveis pela despesa da casa. A mulher passa a ser então a única provedora do lar. Mesmo assim, quando eram inquiridas sobre quem era o chefe da casa, muitas responderam que era o marido, mesmo este estando ausente ou presente.

“Isto nos sugere que a presença de um homem adulto no lar debilita ideologicamente a percepção da mulher, no seu verdadeiro papel que ela julga como produtora, mesmo nos casos em que o homem trabalhe secundariamente no campo. Nas circunstâncias, por exemplo, em que o homem se encontre ausente grande parte do ano ou quando é enfermo. Em ambos os casos, suas esposas se consideram suas atividades somente como ajuda em termos de produção.” (OLIVEIRA, 1996: 46)

Percebemos, que mesmo com o marido em casa e elas tendo que sustentar a família com a quebra do coco, provendo a família, a autoridade do marido não é contestada.

3.6. O processo de comercialização do coco babaçu

Em Jatobá, o babaçu é explorado pelas quebradeiras de coco babaçu sob duas formas, como valor de uso e valor de troca.

No primeiro caso, elas utilizam certas partes do coco babaçu e da palmeira para transformá-los em produtos de consumo doméstico. Por exemplo, a casca do coco é utilizada para fazer carvão, remédios; a amêndoa para extrair o leite e, também o azeite que é muito utilizado na culinária local. Já as folhas da palmeira servem para cobrir suas casas.

De acordo com experiências efetuadas pelo Instituto de Recursos Naturais e pela Escola Técnica Federal do Maranhão, o babaçu fornece cerca de 68 subprodutos. Dessa palmeira praticamente quase tudo pode ser reaproveitado.

O outro caso, ocorre quando elas colocam no circuito da comercialização a sua produção. Na comunidade em estudo os produtos comercializados são a amêndoa e o carvão. Com a venda da amêndoa e carvão, as quebradeiras de coco conseguem obter nas “quitandas” do povoado, o básico dos bens de consumo como arroz, feijão, carne e os de origem industrial como café, cigarro, açúcar, fósforo, querosene, sal etc.



Figura 23: Casas cobertas com a palha da palmeira babaçu.

Mesmo as famílias que plantam não conseguem que seus produtos (arroz, feijão) durem até a próxima safra, pois a produção é muito pouca, recorrendo, parte do ano a renda gerada na extração do babaçu para obter os produtos domésticos. É o que aponta esse depoimento: “...mirmã, mermo quem tem roça, o feijão e o arroz acaba logo, pois a produção é poquinho, só dá uns três , quatro mês e depois tem de comprar na quitanda de novo” . (V.S. 35 anos) (sic).

A exploração do coco babaçu, seja na forma de valor de uso ou de troca, está para as famílias de jatobá como uma relevante base econômica para a reprodução da unidade familiar, uma vez que a produção agrícola (roça), quando é o caso, não consegue suprir as necessidades da família.

É relevante salientar que em Jatobá a comercialização do coco babaçu, como em outras comunidades maranhenses, acontece de uma forma particular, ou seja, elas utilizam uma das formas mais primitivas de comercialização de produtos, o denominado *escambo*. Este caracteriza-se pela troca de um produto por outro.

As amêndoas e o carvão são comercializados pelas quebradeiras de coco em quitandas que ficam localizadas na própria comunidade. Em Jatobá só tem dois comerciantes que compram o coco babaçu. De acordo com os relatos a seguir, a venda do coco nesses comércios se processam da seguinte forma.

“Eu quebro coco o dia todim quando chega de tardzinha meu marido leva ali pro seu Manuel e troca por café açúcar fumo o que tá precisando nesse dia. O arroz e o feijão vem da roça mais só dura três meses e aí nós tem de comprar lá também. As vez quando dá pego carne mais é difícil qualquer coisa tem o pêxe do igarapé. Seu manel compra a trinta centavos o quilo mas seu Raimundo também é o mesmo preço. Mas nós prefere vender mais pro seu Manel que as vez eu preciso de dinheiro prum remédio ele dá. E assim é todo dia não tem folga tem que quebrar pra pagar a comida que traz” (I. S. 38 anos) (sic).

“Isso só de muié quebrar o coco... comigo não tem disso não! O que vale é o dinheiro...dinheiro não as coisa porque as vez agente nem ver o dinheiro só faz deixar lá e traz o dicomer...levo aquele coco de tarde e trago aquela comidinha...” (A.M.C.S, 21 anos) (sic).

É importante chamar a atenção para o aspecto de que a venda é realizada na maioria pelos homens (marido, filho) da família, sendo exceção, as mulheres que não tem uma presença masculina em casa. Aqui mais uma vez, evidencia-se diferenciações nos papéis de acordo com o sexo, ou melhor dizendo, as mulheres acham que os homens estão mais aptos para o comércio.

Para algumas mulheres quebradeiras de coco de Jatobá, “o home sabe negociar mió”, por isso preferem que seus maridos ou filhos venda o seu produto.

Vários estudos (AMARAL, 1990; ALMEIDA, 1995; CARIOCA, 1981) sobre a economia do babaçu apontam a exploração do babaçu como uma atividade complementar e acessória para as famílias que realizam a atividade extrativa, mas no caso aqui em estudo, como já foi colocado, a atividade da quebra do coco e seus subprodutos constitui a atividade econômica principal. Graças a ele a comunidade de Jatobá obtem quase tudode que necessita para sobreviver, permitindo ultrapassar os limites de seus recursos, limites impostos pela ecologia e por sua economia.

Por ser uma atividade de grande importância econômica para as famílias que dela necessitam, as quebradeiras de coco primam pela qualidade do seu produto, ou seja, procuram extrair a amêndoa sem quebrá-la ao meio e procuram não deixar vestígios da casca do coco, que elas chamam de “cavaco”, pois não tomando esses cuidados a amêndoa é desvalorizada no mercado local.

O coco babaçu tanto no comércio, como para uso doméstico, é classificado de acordo com suas características físicas, ou seja, dependendo do estado em que se encontra ele é mais valorizado tanto como valor de troca, como valor de uso. O depoimento a seguir exemplifica.

“O coco verde é bom pra fazer leite pra botar no dicomer e, serve também pra mode os bacuri (crianças) comer farinha com leite. Ele verde fica mais pesado que o coco seco então é mió pra vender. Já o coco seco é bom pra fazer azeite” (R.S. 61 anos) (sic).

Apesar de todo esse “controle de qualidade”, o coco babaçu continua sendo desvalorizado no mercado. As quebradeiras de coco têm consciência que o seu trabalho deveria ser mais valorizado economicamente, pois elas reclamam que o preço das mercadorias aumentam, enquanto o coco custa muito pouco. Segundo elas só ainda quebram o coco porque a casca depois de transformada em carvão tem um preço bem melhor que fica em torno de R\$ 2,50 a lata. O carvão também é trocado por comida na bodega do povoado, eles só solicitam o dinheiro quando precisam comprar algum remédio na cidade ou outra necessidade maior.

De acordo com alguns moradores, há uma espécie de combinação entre os comerciantes locais quanto ao preço do quilo de coco. É o que aponta este relato.

“Acredito que há uma espécie de organização através dos comprador, atravessador né(...) aqui só tem dois comerciante então elas (quebradeiras de coco) não tem opção (...) como é o caso do Ludovico lá tem uma Cooperativa uma Associação que se o coco aqui agora tá de trinta e cinco centavos lá talvez o coco seja de quarenta e cinco centavos aí elas ficam se perguntando mas porquê lá tá esse preço e aqui tá esse? Então você vê hoje agora pra se comprar um quilo de arroz tem que se quebrar três quilo de coco três quilo de coco pra trocar por um quilo de arroz” (E.R. 45 anos) (sic).

“Eu acho que nosso trabalho devia ser mais valorizado o coco não sobe só as mercadorias que sobe. Quando a gente vai falar eles dizem que o coco vai é abaixar mais. A gente só vende pra seu Manel”. (F.E. 49 anos) (sic).

Como vimos, as quebradeiras de coco não têm muita alternativa na hora de vender o seu produto, uma vez que as necessidades imediatas (alimento) não deixam que procurem outro meio para comercializá-los.

De acordo com um dos comerciantes de Jatobá, o fluxo de comercialização da amêndoa do babaçu e do carvão se dá da seguinte maneira:

FLUXO DE COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS EXTRATIVOS DE JATOBÁ

Da amêndoa

QUEBRADEIRAS	BODEGUEIRO	COMERCIANTE	INDÚSTRIA LOCAL
Produtores extrativista de Jatobá	Pequeno Intermediário Sr. Manoel	Médio intermediário Zé Cabloco	Caxias Pedreiras/Bacá

Do carvão

QUEBRADEIRAS	BODEGUEIRO	COMERCIANTES LOCAIS
Extrativistas	Pequeno Intermediário	Famílias/consumo doméstico Panificadoras

Através destes esquemas acima apresentados, podemos identificar os agentes comerciais envolvidos no processo da comercialização do coco babaçu e seus subprodutos.

3.7. A dinâmica do trabalho nos meses de inverno e verão

A exploração do coco babaçu tem sua dinâmica, ou seja, tem períodos em que as atividades da quebra e venda são mais e menos intensas. Para as quebradeiras de coco babaçu de Jatobá, essa

dinâmica da atividade está diretamente relacionada com as duas estações do ano, que no Maranhão basicamente se divide entre inverno e verão.

Estas duas estações são caracterizadas pelas quebradeiras de coco como tempo bom (verão) e tempo ruim (inverno) para a extração do coco babaçu. Assim é denominado, porque o inverno é um período marcado por fortes chuvas e que se intensifica ainda mais nos meses de março e abril, ocasionando mudanças no ritmo da atividade da quebra do coco.

De janeiro a agosto acontece a **entressafra** do coco babaçu, havendo nesse período uma redução da atividade da quebra do coco, devido à escassez do produto. Com as chuvas, a coleta do coco fica mais difícil, uma vez que os campos ficam alagados e o mato cresce escondendo o coco. De acordo com seu Bilino, “pra gente conseguir coco tem que atravessar lugar com a lama nos peito, se não tomar cuidado o animal atola, é um sofrimento” (sic).

Com a chegada do verão a atividade do coco toma um impulso, pois a safra do coco ocorre nesse período, que vai do mês de agosto até dezembro. A **produtividade das quebradeiras** de coco aumenta consideravelmente nesse período, tendo como pico máximo os meses de outubro e novembro. Veja o que nos diz uma quebradeira de coco:

“No verão tudo miora o coco aparece e a gente pode quebrar ele tanto em casa como no mato. No mato a gente vai passando e acha um monte de coco debaixo das palmera. No inverno é triste chove demais as vez a gente nem bota a venta pra fora de tanta chuva” (I.F. 43 anos) (sic).

No período da safra o coco cai em cachos ou individualmente e os homens/mulheres recolhem e os transportam até suas casas em jacás acoplados no lombo de um animal (burro, jumento ou égua).



Figura 24: Quebradeira de Coco na mata.

Algumas quebradeiras de coco, no período do verão preferem quebrar o coco na mata, no próprio local onde estão coletando. Elas juntam o coco e depois passam a quebrá-lo. As áreas onde quebram o coco são de propriedade privada, por isso, elas devem seguir algumas restrições feitas pelos fazendeiros locais, como não deixar as cascas do coco no local onde estão quebrando e também, não fazer caieiras.

O motivo de tais restrições, segundo alegam os fazendeiros, é que as cascas do coco entram nos cascos dos animais adoecendo-os e também; as caieiras além de provocarem incêndios, os buracos após a retirada do carvão ficam abertos facilitando a queda dos animais dentro dos mesmos. A saída é levar as cascas para serem queimadas no quintal de suas casas.

Outro dado relevante é que no verão algumas famílias coletam o coco e os estocam no quintal de suas casas para serem quebradas durante o inverno, pois como já coloquei, as chuvas dificultam muito a coleta nesse período.

Nos meses de fevereiro a maio as chuvas são mais freqüentes, então, elas preferem quebrar o coco em suas casas. Esses meses são caracterizados por um período difícil, pois o coco fica mais escasso e quem tem roça ainda não colheu sua produção.

Outro fato recorrente desse período é que os acidentes são mais freqüentes, os cortes são inevitáveis. O motivo é que no inverno o coco está encharcado e na hora da quebra ele escorrega com facilidade, cortando os dedos de quem os quebra.

Como as dificuldades no processo extrativo do coco babaçu aumentam no inverno, há um aumento de preço no quilo do coco. No inverno ele chega ao preço de R\$ 0,50 centavos. No verão o preço é de R\$ 0,35 centavos o quilo.

Apesar da oferta do babaçu sofrer variação ao longo dos meses, havendo uma divisão entre o período caracterizado como **safra**, que compreende os meses que antecedem as chuvas, de agosto a meados de dezembro, e a **entressafra**, de janeiro a meados de agosto, as famílias coletam a matéria prima durante todo o ano, se dividindo internamente para desempenhar a atividade extrativa em consonância com as outras atividades econômicas (roça e juquirá).

É de suma importância salientar que cada localidade tem sua especificidade, por isso a dinâmica do coco varia de acordo com o local. Deve-se levar em consideração alguns fatores, como a variação do clima e da quantidade e localização de babaçuais e trabalhadores extrativista. Esses fatores provocam mudanças no período que chamamos de safra e entressafra.

3.8. Principais doenças decorrentes da quebra do coco.

A quebra do coco é a parte mais difícil do processo produtivo da extração do coco babaçu, o qual, segundo Amaral (1990) pode ser descrito da seguinte forma: a quebra do coco é uma atividade penosa e demorada que é executada por meio extremamente simples. O trabalhador sentado no chão segura com os pés um machado, cujo gume é dirigido para cima. Sobre o gume ele coloca o coco e sobre este são aplicadas pancadas com um pau ou um macete, até que o mesocarpo e o endocarpo se partem e as amêndoas podem ser retiradas. Primeiro, o coco é fendido em duas partes que depois, até a soltura completa das amêndoas, continuam sendo trabalhadas da mesma maneira".

Essa tradicional postura da quebra do coco, além de exigir muito esforço físico, requer que as mulheres (homens) fiquem longos períodos sentadas(os) no chão com o corpo inclinado para frente e as pernas abertas.



Figura 25: Posição do homem quebrando coco

De acordo com os sujeitos envolvidos na pesquisa, isso ocasiona, a longo prazo, sérias complicações à saúde dessas mulheres (homens).

Não podemos aqui precisar em que grau isso acontece, mesmo porque esse não é o objetivo central deste estudo, o fato é que tanto as quebradeiras de coco quanto os homens com quem conversei ou entrevistei e que quebram o coco, se queixam de problemas de saúde ligadas às atividades. Vejamos o que nos dizem algumas quebradeiras de coco sobre essa questão:

“Eu não gosto de quebrar o coco eu quebro porque é o jeito porque dá uma dor nas costas da gente. Dói até o pé da barriga só de tá sentada” (C.A.S. 21anos) (sic).

“Minha coluna dói demais essas muié quase tudo que quebra o coco sente dor até nas unha do pé. O ovário atinge demais o útero aqui no maranhão quase toda muié que quebra coco mais cedo mais tarde tira o útero ovário e é só daquelas “purga” (corrimento), as muié pega quintura o dia todim” (M. 16 anos) (sic).

“Minha costa não dói não mais antes da operação *doía minhas parte (genitália)*. Me operei de útero quando boto peso ainda sinto doer fiz perina também. Tem tempo que eu sinto uma queimadura aqui nas minha parte fina nas virilha. É como se fosse um fogo selvagem eu passo aguardente pomada e não passa e depois cria umas papoca (bolha) de fogo chega eu fico quase sem andar doendo doendo chega fica na carne viva só pode ser por causa do coco da quintura do chão” (I.H.F. 61 anos) (sic).

Como indica esses depoimentos, problemas de coluna e inflamação dos ovários é queixa freqüente entre as quebradeiras de coco. Um outro problema também que elas enfrentam é a questão da mutilação de dedos, muito freqüente entre os mais jovens que ainda não pegaram a habilidade necessária para a quebra do coco. A esse respeito uma mãe fez o seguinte relato:

“Eu tenho um caçula de onze anos que hoje torou o dedo quebrando coco... meus dedo ôh, são aleijado... meus fie quase tudo já cortaram. Esse corte aqui (ela mostra) agravou o nervo eles pontiaram mas não deu pra ajeitar não ficou curvado mas é o jeito num tem outro mei. A gente tem que arrumar os pão pros fie” (R. S. 32 anos) (sic).

Os cortes são freqüentes até mesmo entre os mais experientes.

“meu dedo já terei muito mas hoje só aqui acolá quando o machado escorrega” (D.S. 40 anos) (sic).

Andando pela comunidade, pude observar também, que um número considerável dos moradores da comunidade sofrem de bronquite. Eles alegam que seja em consequência da exposição direta com a fumaça das caieiras que são feitas geralmente no quintal de suas casas.

Durante a realização de uma das entrevistas, tive que interromper por alguns momentos porque não suportei a fumaça que entrava dentro da casa. Meus olhos ardiam e estava me sentindo asfixiada. D. Francisca com sua voz tranqüila dizia: “há mia fia eu já estou acostumada...meus zói já se acostumou com a fumaça” (sic).



Figura 26: Quebradeira de coco envolta pela fumaça da caieira no quintal de sua casa.

Segundo o depoimento de Ana Alice (16 anos) “o coco tem uma estória boa, mas tem outra ruim. A boa, é a diversão, e que a gente sabe que dá pra comprar alguma coisa, mas o lado ruim, é que tem de se maltratar muito, tem muita doença que causa” (sic).

Muitas dessas meninas, de poucos recursos, têm sonhos de um dia serem professoras, médicas, advogadas, enfermeiras, mas por terem nascido e se criado entre as palmeiras de babaçu, vão ser antes de tudo, uma quebradeira de coco.

CAPÍTULO 4: O (Des) Compasso na Racionalidade: a reprodução da vida versus a acumulação do lucro

Como já vimos nos capítulos anteriores, os recursos advindos da natureza - como a exploração da palmeira de babaçu, incluindo em menor grau, a caça e a pesca - são imprescindíveis para garantir a sobrevivência das famílias carentes de Jatobá. Entretanto, devido a falta de controle e de políticas efetivas por parte das autoridades locais diante da derrubada e queimada indiscriminada das palmeiras, por grandes criadores de gado, essa atividade extrativa que faz parte do processo histórico da região está sendo ameaçada colocando em risco a própria sobrevivência das quebradeiras de coco babaçu e de suas famílias.

Assim, enquanto observamos nos atos, nas falas dessa gente uma certa racionalidade³⁵ econômica apontando para a reprodução da vida, ancorada na geração de recursos monetários ou não, há por outro lado, os grandes fazendeiros que atuam dentro da racionalidade da economia de mercado têm por objetivo a acumulação de capital.

A lógica das quebradeiras de coco obedece a uma lógica de sobrevivência, sua ação econômica é orientada para manutenção de suas próprias necessidades, onde predomina em sua luta por esse objetivo, a solidariedade e cooperação. É portanto, o inverso da lógica da empresa capitalista, baseada na busca do lucro fundamentado no cálculo de utilidade. A atividade das mulheres de Jatobá ainda não foi incorporada pela lógica do lucro e do mercado, organizando parcela considerável de sua produção em torno da auto-subsistência. Seu objetivo não é aquele de acumular para si, mas de

³⁵ Definido por Ferejohn (2001) como um ato, onde os agentes tem estados mentais - crenças e desejos - e escolhem as melhores ações que estejam de acordo com ele. Esses desejos são definidos antes da escolha da ação.

manter a vida. Difícil porém é impor essa lógica num mundo em que o que vale é a força do capital e a selvageria nas relações.

"O que está em jogo é a defesa do direito de continuar mantendo uma conexão vital entre a produção de alimentos e a terra. Impossível proteger a diversidade biológica sem proteger, concomitantemente, a sociodiversidade que a produz e conserva". (CASTRO, 1997:235)

Entretanto, objetivando preservar a reprodução da unidade familiar a comunidade de Jatobá se mobiliza, criando estratégias para o enfrentamento das dificuldades vivenciadas no cotidiano no que se refere às questões ambientais e aos agentes envolvidos. É o que veremos a seguir.

4.1. A sustentabilidade da quebra do coco

É comum no Estado do Maranhão a prática do extrativismo, uma vez que o território Maranhense é rico em recursos naturais (minerais, animais e vegetais). A exploração das palmeiras de coco babaçu existente no povoado de Jatobá ajuda várias famílias de quebradeiras de coco a sobreviverem em um espaço onde poucos têm terra para plantar. Entretanto, a devastação das florestas dos cocais é um dos sintomas da degradação ambiental que vem ocasionando uma redução na disponibilidade dos recursos naturais, comprometendo as atividades produtivas e conseqüentemente as populações que moram nas florestas e que dela dependem como é o caso aqui em estudo. Nesse sentido, Wolff coloca que.

A forma mais fácil de preservar a floresta, preservação esta exigida pela opinião pública e pelos bancos internacionais, é também preservar formas de vida e de uso dos recursos florestais 'sustentáveis', ou seja, que conseguem reproduzir-se sem a destruição da floresta. (1999:16)

Pensar nas populações tradicionais rurais que vivem da atividade extrativa, no caso aqui em estudo, as quebradeiras de coco babaçu, nos leva a refletir sobre as propostas do modelo de desenvolvimento sustentável, pautado no princípio básico de harmonização do crescimento econômico, da justiça social e da preservação ecológica.

Apesar da questão da sustentabilidade não ser uma preocupação central deste estudo, os dados levantados na pesquisa apontam que não se pode falar de sustentabilidade quando nos referimos ao modo de vida das mulheres quebradeiras de coco, uma vez que suas condições precárias de vida e trabalho não correspondem ao princípio básico do modelo de desenvolvimento acima mencionado. Não que a relação dessas mulheres com a natureza seja de degradação ou destruição dos recursos naturais como no caso dos fazendeiros, mas sim de uma verdadeira simbiose, buscando uma convivência sustentável com a natureza.

Essa é uma relação marcada por um saber tradicional de uma verdadeira interação com o meio ambiente. A construção desse saber tradicional se dá através da criação de conhecimentos tradicionais sob padrões de informalidade, cuja sociabilidade e valores do grupo contam na invenção, originam-se na coletividade e construindo-se através de gerações³⁶.

Já vimos que a organização da atividade extrativa desenvolvida pelas quebradeiras de coco está diretamente relacionada aos recursos oferecidos pela natureza, ou seja, tanto dos cocais ainda existentes, como dos ciclos da natureza, os quais, como vimos, interferem diretamente na dinâmica do trabalho da quebra e da coleta do coco babaçu.

³⁶ Castro (1997:233)



Figura 27: Quebradeiras de coco na atividade extrativa.

Como já foi explicitado anteriormente, o cotidiano das mulheres e homens da comunidade se altera com o ciclo da chegada das chuvas, mudando até a paisagem local. Podemos visualizar montanhas de cocos que são feitas às margens da rodovia e em frente as suas casas. Segundo uma quebradeira de coco, esses cocos são guardados para serem quebrados na época da entressafra em suas próprias casas ou no barracão do seu Manoel (quitandeiro), pois com as chuvas, elas não precisarão se aventurar de mata a dentro em busca do coco, pois nessa época, o acesso ao mesmo fica difícil.

Retomando a questão da dependência das populações tradicionais em relação a natureza Godelier (1984) coloca que as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, onde há grande dependência dos recursos naturais e dos ciclos da natureza, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total.

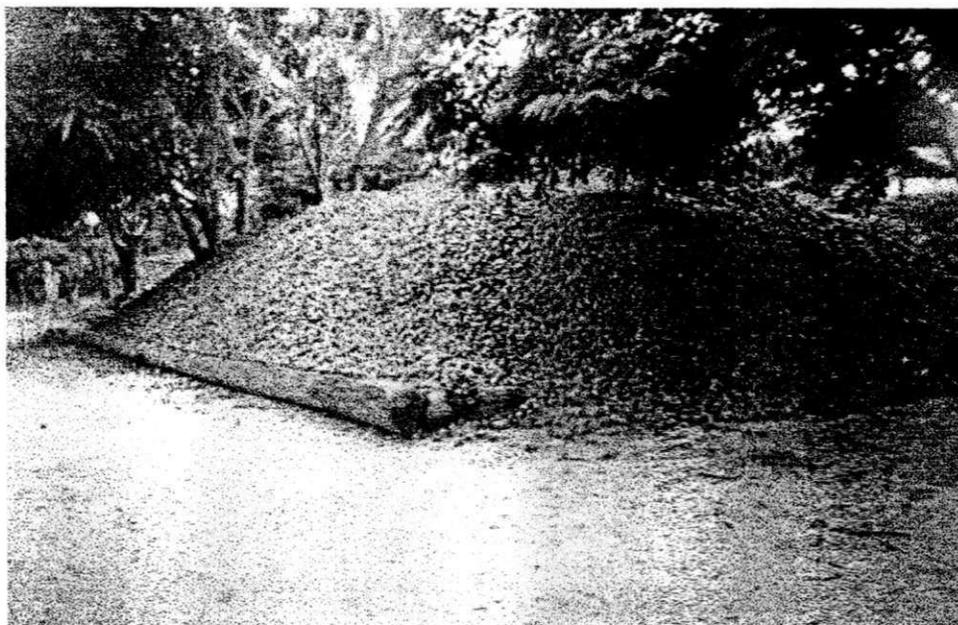


Figura 28: Cocos acumulados para serem quebrados no inverno.

Portanto, a preservação dos cocais é condição primordial para a sobrevivência das presentes e futuras gerações dessas populações, neste caso, as quebradeiras de coco babaçu. Maimom (1998:61), citando o Relatório de Brundtland, coloca que "o desenvolvimento sustentado é aquele que responde as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de responder às suas necessidades". Mas essa concepção é criticada, uma vez que não se pode pensar nas gerações futuras, quando parte das gerações do presente não tem atendidas as suas necessidades básicas.

É nesse sentido que durante o estudo de campo, foi possível perceber que as quebradeiras de coco vivem com poucos recursos, pois a quebra do coco não garante todas as suas "necessidades básicas", como exemplo, uma alimentação balanceada, vestuário, educação e saúde.

A fala de D. Domingas (43 anos) ilustra bem isso. Vejamo-la:

" aqui comprar roupa só quando o hôme pega um serviço de juquirá...e isso quando a gente num tá muito precisado. O dicomer vem primero num é muita coisa mais dá pra encher o bucho. Teve um dia que meu fie adoeceu e meu marido vendeu a calça mais nova dele pra mode comprar remédio pra ele".

Esse depoimento corrobora com vários outros relatos feitos durante as entrevistas ou mesmo durante as conversas informais que tive com as mulheres e homens da comunidade.

O que se vê, é que para se falar de sustentabilidade para essa comunidade, muita coisa tem que ser feita, e uma delas é a preservação dos cocais e da mata silvestre, como também, uma política de assistência social por parte dos poderes locais que garantem o mínimo necessário para que tenham uma qualidade de vida melhor. Essas são reivindicações feitas pela própria comunidade quando se referiam ao descaso político em relação as necessidades do povoado.

O relato de seu "Petisco", o líder comunitário enfatiza essa problemática.

" o que nossa comunidade precisa é de assistência política...nossas mulheres coitadas vivem se matando pra quebrar esse coco pra gente ter o que comer e nem posto de saúde a gente tem....as casa da gente vive caindo não tem nenhum incentivo do governo"

O "incentivo" de que fala é principalmente sobre o referido projeto criado pelo Clube de Mães com o apoio da Igreja Católica, citado no segundo capítulo deste estudo e que tem por objetivo ganhar casas populares, mas que nenhum político se interessou em ajudá-los. Vale salientar que a Igreja Católica é a única instituição de quem recebem influência e apoio.

4.2. " (...) o coco tá ficando longe: a contradição de duas lógicas

Há menos de 20 anos, bilhões de palmeiras cobriam milhares de hectares contínuos de terra na região dos cocais maranhenses, como um oceano vegetal. Podia-se contar até três mil palmeiras por

hectare. Hoje, depois de duas décadas de devastação, o “mar de babaçu” é uma miragem. Estima-se que foram destruídos quase dois milhões de hectares de lá para cá. Mesmo assim, o babaçu continua sendo uma planta de grande valor social, econômico e ecológico³⁷.

A devastação das palmeiras no Estado do Maranhão é um fato. E em Jatobá esse processo é visível. Nas minhas incursões pela comunidade foi possível observar que existe pouquíssimas palmeiras de coco babaçu próxima as casas, ou melhor dizendo, na região onde se localiza o povoado. Em uma das minhas caminhadas dentro de uma das fazendas não foi difícil encontrar palmeiras tombadas ao chão, o que vem reforçar as denúncias feitas por homens e mulheres durante o processo da coleta de dados. A distância dos cocais aumenta o peso na jornada de trabalho, tanto de homens quanto das mulheres.

A queimada e a derrubada das palmeiras pelos fazendeiros locais, de acordo com os relatos de moradores não é um processo recente. É um problema que a comunidade enfrenta desde a chegada dos fazendeiros na região por volta do final da década de 60. Esse crime ambiental³⁸, vem desestruturando a atividade exercida há várias gerações pelas quebradeiras de coco babaçu, sendo estas, portanto, as que mais sentem o problema.

Em Jatobá a relação da mulher com o meio ambiente é fundamental para o suprimento de suas necessidades e de sua família, já que é o babaçu seu principal meio de subsistência. Ramalho (2002:55) ao citar Shiva (1989) coloca que “a relação da mulher pobre com a natureza está vinculada a sua dependência material na produção de seu sustento. A destruição da natureza, neste caso, significa a destruição de sua fonte de vida”.

³⁷ Revista Globo Rural (1999).

³⁸ Veja Leis de Crime Ambiental, seção II

A destruição das palmeiras para a criação de pastos tem desorganizado consideravelmente a produção do babaçu. Isso faz com que ocorra uma desestruturação numa atividade tida como tradicional. Paulatinamente as grandes áreas vão sendo substituídas por outras culturas como, o capim, ocasionando sérios problemas ambientais e sociais para essas mulheres e suas famílias.

Essa derrubada das palmeiras para a cultura do capim, deve-se ao fato de que os fazendeiros não vêem mais o babaçu como uma mercadoria economicamente viável, devido a sua queda de preço, ocasionado pela entrada de outros tipos de óleo no mercado nacional.

Em síntese, a queda no valor econômico do coco se deu no seguinte cenário: um dos maiores obstáculos à produtividade do coco estava na redução da oferta de amêndoas na entressafra. Sem a matéria-prima, o preço disparava e o babaçu perdia competitividade para a soja que na década de 80 começava a entrar no mercado brasileiro. Mas o golpe final, veio no início dos anos 90, quando o presidente Fernando Collor reduziu as alíquotas de importação. E os óleos vindos da Malásia e das Filipinas (extraídos do palmiste e do Dendê) começaram a entrar aqui com um preço mais baixo que o óleo de coco babaçu. Diante desse fato, os fazendeiros optaram pela criação de gado de corte³⁹ em detrimento da produção do babaçu. Isso contribuiu para o desmatamento, e assim os grandes pastos foram surgindo na região.

Os pastos das fazendas que cercam o povoado de Jatobá, se perdem no horizonte. E ao longe, bem ao longe, ainda se vê alguns cocais dispersos em pequenas ilhas.

Esse cenário entristece as quebradeiras de coco da comunidade. Pois são elas as mais afetadas pela devastação dos babaçuais, uma vez que terão que caminhar muito mais para coletar e quebrar o coco na mata, aumentando, consideravelmente, sua carga de trabalho.



Figura 29: Palmeira derrubada em uma das fazendas

Homens e mulheres reclamam que a cada dia se agrava ainda mais a situação em que se encontram, uma vez que, as palmeiras são escassas e distantes uma das outras, o que implica aumento da distância e do esforço físico despendido na coleta. “A gente leva duas hora de caminhada pra chegar na primera palmeira e ainda tem de caçar o coco pra quebrar o que leva mais um tempão pois tem pouca palmeira”(sic), diz D. Raquel, de 25 anos.

Esta distância a ser vencida não somente tem implicações físicas para as mulheres, como também significa que elas disporão de menos tempo para cuidar da família, da produção e dos filhos.

Observamos, que como a maioria das famílias depende do coco para trocar por alimentos e assim garantir sua reprodução, a atividade da quebra é priorizada em detrimento das tarefas do lar, ou seja, quando vão quebrar o coco na mata as tarefas domésticas ficam delegadas a uma filha ou na ausência desta, adiada até elas retornarem. Geralmente voltam no final da tarde.

³⁹ É como chamam o gado criado para ser abatido e vendido no mercado regional ou nacional.

Ao perguntar como se organiza para quebrar o coco e fazer as tarefas do lar, apesar da distância, D. Marinalva, de 32 anos, relata o seguinte:

“Eu quando vou quebrar o coco no mato tenho que passar o dia todim...é o jeito se não a gente não quebra nada...o coco tá ficando longe...eu quebro e trago a casca pra queimar em casa pois é proibido deixar lá...as vez nós só come quando chega. Aqui vai todo mundo pro mato. É marido fie criança. Quanto mais gente mió ”.

Este depoimento parece indicar que deixar alguém em casa para fazer as tarefas domésticas compromete a produtividade da família. Ou seja, significa uma mão de obra a menos, o que equivale dizer que é menos coco para vender. E que também não é produtivo voltar para casa antes do final do dia, devido a distância dos cocais.

Há indícios de que essa estratégia de levar toda a família para a mata é consequência do desmatamento, pois de acordo com os relatos das mulheres e homens, antes com as palmeiras próximas, elas/eles podiam coletar e transportar o coco várias vezes para suas casas e quebravam entre uma tarefa e outra do lar. Mas ficando o coco cada vez mais distante, há uma dificuldade em transportar o coco até suas casas, portanto, segundo elas/eles é mais produtivo quebrar na mata.

D. Pastora, 68 anos, lamenta quando fala sobre a dificuldade cada vez maior para coletar o coco:

"Antes a gente enxergava as muié quebrar coco de dentro de casa, no terreiro debaixo das palmeira...há mia fia, agora tudo fica mais difícil...o coco tá ficando cada vez mais longe e mais difícil...esses menino que conhece biboca por biboca, coitado, mas andam...e quando chegam é com a carinha triste...quando chega eles diz 'eita mãe mas nós andamo pra caçar esse coco...mas andamo' é um sofrimento só."(sic).

D. Francisca, 48 anos, relata um momento em que presenciou a derrubada de palmeiras:

“ Eu mermo ficava zangada quando ia pro mato mermã e via os hôme derrubando as bichinha...eu chegava perto dela...acostumada a quebrar coco dela...palmeira boa, boa. Ai eu ficava oiando...êta mavadeza, fazendo isso com as bichinha...tão boa e não tá fazendo mavadeza nenhuma pra ele e derriba a bichinha boa desse jeito...e serve pra mim...pra nós...pra eles pode não servir, que são rico, mas pra nós pobre serve. Eu oiava e dizia ‘pronto dessa aí eu não quebro coco mais dela mais nunca’...tinha vez que eu chorava quando chegava no pé de uma palmeira e via ela no chão...eu dizia ‘eita, é um crime fazer uma mavadeza dessa que ajuda os pobre...os pobre não os precisado’...mas eu pensava será possive que num chegue um tempo pra eles empatar de derrubar...agora nunca mais eu ouvir falar que eles derriba” (sic).

Através das entrevistas feitas com as mulheres quebradeiras de coco, percebe-se que elas possuem uma relação harmoniosa com as palmeiras. Quando falavam da importância da palmeira em suas vidas, é comum se ouvir adjetivos carinhosos como, “boazinha”, “bichinha” ou “tadinha” se referindo as palmeiras quando estas eram derrubadas. A expressão em seus rostos é de tristeza quando eram indagadas sobre o problema do desmatamento. Nesse sentido, Lima (1994) expressa que a relação da mulher e do homem com o ambiente deve ser entendida como enraizada em suas necessidades materiais e nas formas específicas de interação adotadas.

Retomando uma parte da fala anterior "(...) êta mavadeza, fazendo isso com as bichinha...tão boa e não tá fazendo mavadeza nenhuma pra ele e derriba a bichinha boa desse jeito...e serve pra mim...pra nós...pra eles pode não servir, que são rico, mas pra nós pobre serve" (sic), podemos perceber que a percepção do meio ambiente difere de acordo com os interesses de cada agente social, no discurso das quebradeiras de coco a mudança é evocada pela derrubada dos cocais o que reflete na perda da fonte principal de sua sobrevivência, enquanto que para os fazendeiros, significa fonte de lucro.

Enquanto os fazendeiros possuem uma relação de dominação e degradação da natureza, representando esta um obstáculo a ser vencido, para se implantar, neste caso, a pecuária moderna, fonte potencial de lucro, as quebradeiras de coco babaçu, por outro lado, vivem em perfeita simbiose com a natureza, lutando para que a floresta seja preservada.

Desta oposição entre dois modos de perceber e representar o mesmo meio, podemos depreender algumas reflexões teóricas. O fundamento desta oposição repousa em última instancia na existência de dois sistemas técnico-econômicos diferentes que experimentam pressões opostas de funcionamento, e exercem efeitos distintos e opostos sobre a natureza. (Godelier, 1981:55)

Reforçando a idéia de Godolier, Diegues (1997:34) coloca que:

"a força mais profunda que movimenta o homem e faz com que invente novas formas de sociedade é sua capacidade de mudar suas relações com a natureza, ao transformá-la. No entanto, nenhuma ação intencional do homem sobre a natureza pode começar sem a existência de representações, de idéias que de modo algum, são somente reflexo das condições materiais de produção"

Torna-se necessário portanto, analisar o sistema de representações que os indivíduos e grupos fazem de seu ambiente, pois é a partir delas que eles agem sobre a natureza.

A pressão sofrida por essas mulheres, uma vez que a lógica do capital tem hegemonia na região, fez com que não só as mulheres, mas a comunidade se mobilizasse em torno da preservação dos cocais ainda existentes. Quando entrevistamos um morador da região, ele falou o seguinte:

"não sei se você já percebeu mas as mulher daqui são mais disposta a falar da realidade do dia a dia do que os hôme. É como disse um frei que passou por aqui que a necessidade é como a dor quando é pequena você não geme mas quando ela cresce você geme. É o caso das mulher aqui parece que elas sentem mais a necessidade que os hôme" (E.R. 48 anos) (sic).

Por sentir mais a "necessidade", as mulheres foram as primeiras a resistirem à pressão dos fazendeiros a dividir⁴⁰ sua produção com eles. É como elas dizem, "o coco é de todo mundo, foi Deus que deixou pros pobre...eles não prantaram nenhum pé de coco". Elas foram também as

⁴⁰ Com a chegada dos fazendeiros na região, o acesso ao coco só era permitido quando as mulheres dividiam a sua produção com o dono da fazenda.

primeiras a lutarem em defesa da indevida derrubada das palmeiras e pelo livre acesso ao coco. Sendo muitas vezes vítimas de violência. O depoimento acima retratado mostra que para estas mulheres a natureza é antes de tudo um reservatório de riquezas, um bem de todos que não pode ser apropriado individualmente. Portanto, as mais necessitadas, não se sujeitaram as “regras” dos fazendeiros, adentravam nas soltas das fazendas às escondidas, pulando as cercas de arame farpado para coletar e quebrar o coco babaçu. Elas faziam isso, mesmo correndo o risco de perderem sua produção do dia e serem ameaçadas verbal e fisicamente pelos fazendeiros ou seus representantes.

4.3. Do coco liberto ao coco preso: a reação da comunidade

A comunidade no passado, segundo os moradores, já foi cenário de muita violência. Com a chegada dos fazendeiros na região e o cercamento das terras, o coco, que antes era um bem comum a todos, passou a ser de propriedade privada. Isso ocasionou nos anos 70, muitos conflitos entre fazendeiros e posseiros, que ficaram vivendo às margens das cercas das terras privadas e que necessitavam do coco babaçu para sobreviverem. É o que aponta o depoimento a seguir:

“Aqui dentro das fazenda morava muita gente mas os fazendero expulsaram tudim os que resistiram ficaram morando aqui ao redor das fazenda...já houve muito conflito por aqui...esses conflito começaram em 70...morreram muita gente” (E.R.49 anos) (sic).

Com o cercamento, o acesso ao coco passou a depender da autorização do dono da fazenda e estava condicionado a algumas regras, como dividir ou vender a produção para o dono da fazenda ou para quem ele (quitandeiro, barraqueiro) indicasse. O coco que antes era considerado “coco

liberto⁴¹” passou a ser chamado “coco preso” pelas quebradeiras de coco. Mesmo com a proibição as mulheres adentravam nas fazendas às escondidas, tomando o cuidado para não serem vistas pelos vaqueiros ou "pistoleiros" da fazenda.



Figura 30: D. Isabel, filha de índios

As quebradeiras eram obrigadas a entregar a sua produção de amêndoa do coco aos “capangas” dos fazendeiros quando eram pegas quebrando o coco dentro das fazendas. O depoimento feito por D. Isabel, 61 anos, filha de índios e que foi criada por um casal branco cearense, nos relata uma experiência que exemplifica esta questão:

⁴¹ É a situação em que as mulheres têm acesso irrestrito aos babaquais, mesmo em terra de terceiros.

“Um dia eu vim chorando dos mato...eu trabaiáva quebrando os meus coquim pra comprar o dicomer pros fie então eu ia pro mato e colocava o monte lá pra eu quebrar e quando é com pouca um cão pula lá na minha frente com uma espingarda dizendo que é pra mim ir embora e deixar os coco se não ele ia me dá um tiro. E eu vim embora chorando...mas nenhum deles que me suvinava o coco, hoje, não tem mais vida...morreu tudim. Matei todos com a força do pensamento...pois é mia fia, índio quando diz as coisa com raiva acontece mermo”.

Um morador antigo da comunidade, que não quis ser identificado, também relata essa violência exercida pelos fazendeiros:

“Aqui tudo era privatizado. As mulheres não podiam entrar dentro de um terreno desse que o vaqueiro tava em cima com um animal botando pra correr. Teve mulheres aqui que passaram por risco de vida...fazendero atirando nos pé dela. Muitas mulheres correram na frente de vaqueiro...a pistolagem era muito grande aqui dentro. Então era um massacre só...só tivemo sossego quando os padre começaram a lutar com a gente conscientizando o povo”.

Com o apoio da Igreja Católica, o quadro de violência arrefeceu e os moradores passaram a lutar pelo direito de acesso ao coco e também pela proibição da derrubada indiscriminada das palmeiras, pois, ao longo dos anos, suas áreas foram sendo apropriadas e devastadas pelos fazendeiros, favorecendo a cultura do capim para criação de gado de corte.

Um dos instrumentos legais utilizados para garantir o direito ao acesso ao coco pelas quebradeiras junto às autoridades locais, está na Constituição Estadual do Maranhão, que assegura nas terras públicas e devolutas, o direito à exploração dos babaçuais em regime de economia familiar e comunitária (parágrafo único, do artigo 196: “Nas terras públicas e devolutas do Estado assegurar-se-á a exploração dos babaçuais em regime de economia familiar e comunitária.”); Sendo que o

Projeto de lei do Movimento Interestadual das Quebradeiras de coco (MIQCB⁴²), apresentado ao Congresso Nacional brasileiro, tenta estender esse direito às terras de domínio privado de incidência de palmeiras de babaçu⁴³.

No que tange à proteção das palmeiras de babaçu, no Maranhão elas estão amparadas pela Lei Estadual n 4.734, de 18 de junho de 1986, que “proíbe a derrubada de palmeira babaçu e dá outras providências” e da Lei Estadual n 5.405, de 18 de abril de 1992 – o denominado Código de Proteção do Meio Ambiente do Estado do Maranhão, cujo conteúdo não faz referência expressa à respeito da proteção dos babaçuais.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) é o responsável pela fiscalização da floresta dos cocais ainda existentes. A ameaça de punição inibiu a ação dos fazendeiros. Mas, segundo os moradores a ação do IBAMA ainda deixa a desejar e a comunidade resolveu se unir e fiscalizar diariamente as fazendas. As quebradeiras de coco sempre tiveram, consciência do seu direito ao uso dos recursos naturais ali existentes. O depoimento seguinte aponta nesse sentido:

⁴² Há dez anos o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) vem desenvolvendo um trabalho de articulação, envolvendo agricultoras familiares agroextrativistas, que se dedicam à coleta, quebra, beneficiamento e comercialização do coco babaçu nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Pará. Esse trabalho vem contribuindo para o avanço do nível das organizações coletivas para a produção das mulheres, denominadas quebradeiras de coco babaçu, atualmente presentes em associações de mulheres, cooperativas de pequenos produtores, associações de moradores, sindicatos e grupos de estudos do babaçu. Como resultado do processo de constituição e expansão do MIQCB podemos citar diferentes formas de mobilização expressos em encontros interestaduais, audiências públicas com governadores, parlamentares, Ministério Público e sociedade civil, cursos de formação e capacitação, realização de seminários, encontros, oficinas, elaboração de propostas de políticas públicas, de projetos de lei (a exemplo das leis municipais e estadual do babaçu livre), bem como pesquisas sobre a economia do coco babaçu. Atualmente o MIQCB é o proponente de uma proposta de desenvolvimento sustentável a ser financiado por um órgão de cooperação técnica da Grã Bretanha. Esses têm sido os canais de interlocução com os poderes públicos, empresas e entidades da sociedade civil, sempre em defesa da preservação dos babaçuais e de outros recursos florestais estratégicos. Ao longo desses anos, o MIQCB, em conjunto com outras entidades, tem buscado alternativas econômicas com o objetivo de superar a situação de pobreza e de carência vivenciada na área de ocorrência dos babaçuais dos quatro estados citados e, ao mesmo tempo, despertar o respeito ao meio ambiente e à sustentabilidade.

⁴³ Ver Almeida (1990) p. 44-49

“Já pensou, o coco é da Nação pobre, num é? Num é de fazendero...mas graças a Deus hoje ele não tem mais se importado não. A gente pega a vontade. Nós lutemo demais pra ter coco pois se eles não libertassem ia ter guerra aí eles libertaram. Já pensou muié quando esses cocos era preso e eles tomavam da minha mão...ameaçavam tomar até o machado” (I.F. 61 anos) (sic).

As quebradeiras de coco de Jatobá se organizaram com o apoio da família para proteger os cocais. A derrubada, segundo a comunidade diminuiu consideravelmente. D. Pastora se alegra ao comentar "eles pararam de derrubar e isso trouxe um refrigero pra nossa alma, pois a gente tava com medo de ficar sem o coco. O que seria de nós sem o coco de todo dia?" (sic).

A comunidade conquistou o acesso ao coco e as mulheres puderam coletar e quebrar o coco livremente. A organização coletiva dos moradores foi fundamental para essa conquista. Em suma, o que importa para as quebradeiras de coco é o acesso comum às áreas de incidência de palmeiras, situação pré-existente aos cercamentos e apropriações das áreas de ocorrência de babaçu. Isso explica um reconhecimento desse "direito cotidiano" que não se encontra normatizado no direito estatal brasileiro e que, inclusive, a ele se opõe por meio do direito de propriedade e por considerar a palmeira de babaçu um mero acessório a terra.

4.4. Consciência da Comunidade Sobre os Ideais de Preservação

Com as entrevistas e os relatos deu para entender que a comunidade conseguiu se organizar de forma coletiva para preservar os cocais, criando estratégias para esse fim. Uma delas é que o uso das palmeiras é feita por eles/elas de forma racional, sendo por exemplo, proibido derrubar os cachos de coco com a foice (instrumento de roça), pois todos só devem pegar os cocos que já estão maduros e que estão no chão.

Essas práticas ecológicas encontradas em Jatobá estão de acordo com a visão de Lett (2000:227) quando coloca que "as sociedades tradicionais desenvolvem sistemas de conhecimentos

mediante os quais se discodifica a natureza e se estabelecem as regras sociais de acesso e apropriação de seus recursos".

Isso faz com que todos utilizem seus recursos com cautela e saiam beneficiados e que a palmeira tenha seu ciclo natural de produção. Essa percepção de resguardar os recursos só é possível porque ao longo do tempo as gerações de quebradeiras armazenaram um vasto conhecimento empírico do funcionamento do mundo natural em que vivem, criando sistemas de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, à sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas..

Antes quando as palmeiras não eram protegidas por lei, um dos comerciantes locais com a devida autorização do dono da fazenda, mandava cortar os cachos de cocos das palmeiras considerados ainda verdes, para vender para uma indústria paulista. Isso prejudicava as famílias que dependiam do coco.



Figura 31: Quebradeira de coco entre palmeiras novas que estão sendo preservadas

Outro modo de preservar é que as folhas utilizadas para cobrir as casas devem ser retiradas de palmeiras maduras com foice, pois antes retiravam as folhas quando a palmeira ainda era nova, ficando prejudicada o desenvolvimento da palmeira. D. Raimunda, 67 anos explica.

“aqui tem que tirar a páia com foice...põe a foice na vara e derriba as páia da palmeira. Tem vista (perigo) de matar até um...que aquilo é sujeito cair lá de cima...porque tora e aí ela vem de ponta e enfia na pessoa. Porquê antes a gente tirava páia quando ainda tava cascuda...cascuda é quando ela não é alta, ainda é baixa e dá pra tirar as páia sem perigo, com facilidade...mas só que custava crescer” (sic).

Tanto as mulheres quanto homens e crianças se articulam quando sabem que algum fazendeiro está derrubando palmeira. É o que indicam os depoimentos seguintes:

"As vez quando a gente sabe que tem alguém derrubando palmeira se junta um bocado de home muié minino e vamo lá empatar...mas aí eles derruba de noite...teve uma fazenda ai que tavam derrubando de noite pra mode nós num vê." (J. R 39 anos) (sic).

"Aqui não derribam mais não a gente denuncia...a comunidade dá em cima viu? Há não são doido pra derrubar palmeira aqui" (C. S. 27 anos) (sic).

Viver nesta área passam assim a depender de estratégias familiares e comunitárias envolvendo homens, mulheres e crianças em múltiplas tarefas e por isso a sustentabilidade da floresta também é uma questão de gênero. Essa participação de toda a comunidade na luta pela preservação dos cocais indica que no contexto das relações sociais de gênero, a questão ambiental é responsabilidade tanto dos homens quanto das mulheres. Essa é a proposta feita por Tossi (1994) quando critica a posição de autores ecofeministas (MIES, 1994; VIERA, 1994) que vêem que a responsabilidade no tocante ao gerenciamento dos recursos naturais como cabendo prioritariamente, da mulhere uma vez que ela está mais próxima da natureza.

Discordamos da proposta ecofeminista quando esta afirma que a proximidade entre mulher e natureza é consequência natural de sua função reprodutiva. O homem também é parte da natureza e também tem função no processo reprodutivo. As diferenças são mais de nível cultural que biológico.

Apesar dos obstáculos encontrados, como não poder interferir diretamente no gerenciamento dos recursos naturais existente dentro do espaço privado (as fazendas), a comunidade não desiste do objetivo de preservar os cocais ainda existentes. As quebradeiras de coco babaçu com seus saberes tradicionais valorizam os recursos naturais, controlando e racionalizando seus usos sob padrões de sustentabilidade. É através dessas ações que vão garantir no futuro a continuidade da atividade extrativa e das gerações que dela necessitar.

Considerações Finais

A incerteza é um sentimento que nos envolve ao terminarmos este estudo. Incerteza de não termos cumprido a tarefa de expressar o verdadeiro sentido das palavras, gestos e percepções dessas mulheres e homens envolvidos na atividade produtiva do coco babaçu. Tentamos construir, mesmo de forma incipiente, um conhecimento sobre o contexto em que se insere a organização da vida e trabalho dessas mulheres e homens. Para tanto, nos fizemos ouvintes e espectadoras, buscando apreender aspectos, aparentemente corriqueiros da vida cotidiana. Os aspectos do cotidiano foram se transformando em informações de singular importância ao nosso estudo.

O grupo de mulheres e homens entrevistados, em vários aspectos do cotidiano, apresentou-se com alto grau de homogeneidade, possibilitando-nos compreender como as relações sociais entre mulheres e homens são estabelecidas e construídas. São relações marcadas por uma divisão de tarefas, tanto no lar, quanto na atividade da quebra, onde os espaços são definidos pela lógica simbólica do que é ser homem e ser mulher, mas que, contraditoriamente, se interpenetram e se contradizem. Isso pode ser apontado quando percebemos que o trabalho desenvolvido pelas quebradeiras de coco babaçu lhe confere dentro da família um status de trabalho de complementaridade, em relação ao trabalho desenvolvido pelo homem, havendo uma contradição, uma vez que a renda principal para a reprodução da família vem do coco babaçu. Ainda constatamos que na divisão de tarefas por sexo existe um número expressivo de homens que quebram o coco, mas devido à posição tradicional para se realizar esta atividade, é subjetivada no imaginário social como atividade feminina, criando um certo desconforto e descrença quanto a sua própria masculinidade e virilidade. Concluimos que a posição que o homem e a mulher ocupam dentro da família, nesta comunidade, é basicamente determinada pelo sexo a que pertence.

No que se refere ao meio ambiente, através da luta diária pela sobrevivência, percebemos que a relação da mulher e do homem com a natureza deve ser entendida como enraizada em suas condições materiais e simbólicas, como também nas formas de interação adotadas. O babaçu tem um relevante significado para as mulheres da comunidade estudada, não apenas como um recurso natural gerador de renda, mas que é parte da sua história de vida, da construção de sua identidade de mulher trabalhadora, quebradeira de coco.

As palmeiras de coco babaçu é sua fonte de vida cuja preservação requer a realização de ações por parte daqueles que deles necessitam, sua derrubada indiscriminada pode significar não só a degradação do meio ambiente, mas o desaparecimento da quebradeira de coco que delas dependem para sua sobrevivência. As atitudes dos moradores da comunidade de Jatobá, homens e mulheres, em relação ao meio ambiente fazem deles, em seu procedimento cognitivo, protetores da natureza.

Referências Bibliográficas

- ALTVATER, E.; Os desafios da Globalização e da crise ecológica para o discurso da democracia e dos direitos humanos. Ed. Contraponto- Corecon. Rio de Janeiro, 1999.
- ALBURQUERQUE. Else de Farias. Desmanchando Novelos e Tecendo Sonhos: a vida das rendeiras de Camalaú. Tese de Mestrado, 2000, UFPB, PPGS/Campina Grande.
- ALMEIDA. Alfredo Wagner Berno de (org.). Economia do Babaçu: levantamento preliminar de dados/ Almeida, Shiraishi, Mesquita (orgs.), Araújo, Martins, Silva. São Luis, MIQCB/Balaios Typhografia, 2000.
- _____, Quebradeiras de Coco Babaçu: Identidade e Mobilização. São Luís: III Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. 1995.
- AMARAL FILHO. Jair do. A Economia Política do Babaçu: um estudo da organização da extrato-indústria do babaçu no Maranhão e suas tendências. São Luís, SIOGE, 1990.
- ARAÚJO, D. Z de O.; O coco babaçu, um fator importante na economia de Coroatá. São Luís: UEMA, 1997.
- BARUQUE, F.; Revista Planeta Coppe. <http://www.coppe.ufrj//planeta>.
- BOSI, Ecléa; Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos/ 3ª Edição: São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. Novas reflexões sobre a dominação masculina: In. Gênero e Saúde. Lopes, Marta júlia Marques et. ali. (org). Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.
- BULPORT, A. Et. al. O sexo do trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1997. A Lei da Natureza: lei de crimes ambientais/ Instituto Brasileiro do meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Brasília: IBAMA, 1998.
- BEZERRA, O.B.; Localização de Postos de Coleta para o apoio ao escoamento de produtos extrativistas – um estudo de caso aplicado ao babaçu. Florianópolis: UFSC, 1995. P.67 (Tese Mestrado).
- BEZERRA, A.J.; Revista Globo Rural. As guerreiras do mearim. Ed. Globo, nº 161, p. 40 – 45.
- CARIOCA, O.; O babaçu e suas perspectivas. São Luís IPES, 1981.
- CASTRO, Célia; Fazendo Gênero: reprodução/desconstrução das relações de gênero na educação familiar e escolar (estudo de caso nos sítios Salgadinho e Curralinho). Tese Mestrado, UFPB, 1999, Campina Grande.

CASTRO, Edna.; Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais: In. Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente? Edna Castro Florence Pinton (orgs) - Belém: Cejup: UFPA, 1997.

CERTEAU, Michel.; A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

CICOUREL, Aaron. Teoria e Método em Pesquisa de Campo: In. Desvendando Máscaras Sociais Guimarães, Alba Zaluar (org). Rio de Janeiro. Francisco Alves Editora S.A. 1975.

COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina; Uma questão de gênero. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos. Fundação Carlos Chagas: 1992.

CHIZZOTTI, A.; Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Cortez, 1998.

DA MATA, Roberto. " O ofício do etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues": In. A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Edson de Oliveira Nunes (Org). Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1978.

_____, Relativizando: uma introdução a antropologia social. Petrópolis, Vozes. 1981.

DEMO, P.; Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo, ATLAS, 1991.

DI CIOMMO, Regina C.; Educação Ambiental e as Novas Relações Sociais de Gênero. UNESP. São Paulo 1985.

DIEGUES, Antonio Carlos.; O mito do paraíso desabitado nas florestas tropicais brasileiras: In. Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente? Edna Castro, Florence Pinton (orgs) - Belém: Cejup: UFPA, 1997.

FEREJOHN, John e PASQUINO, Pasquale. A teoria da escolha racional na ciência política: conceitos de racionalidade em teoria política. Rev. bras. Ci. Soc., Fev. 2001. V.16, nº 45, p. 05-24. ISSN 0102-6909.

FONSECA, Tania Mara Galli.; Gênero, Subjetividade e Trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes. 2000

GEERTZ, Clifford. (1989). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.

_____, Está lá, escrever aqui. In: Diálogo nº 3, vol. 22, 1989, p.p. 58-63.

GIL, Antonio Carlos; Método e Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1994.

GODELIER, Maurice. A Racionalidade dos Sistemas Econômicos. Antropologia/ Edgard de Assis Carvalho; Tradução de Evaldo Sintoni et al. - São Paulo: Ática, 1981. (Grandes Cientistas Sociais ; 21).

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DO CLUBE DE MÃES DO POVOADO JATOBÁ.

Aos 24 dias do mês de junho do ano de dois mil e um às três horas da tarde na Igreja Católica de Jatobá neste Município de Bom Lugar, Estado do Maranhão, reuniram-se com o propósito de constituir uma sociedade do Clube de Mães nos termos da Legislação Vigente, 46 mães se reuniram para se organizar em associação, para desenvolvimento familiar e social de interesses comuns. Depois de debatido conforme as necessidades de se desenvolver para o bem estar social de cada família foi aclamada para coordenar os trabalhos da Assembléia: O Sr Edson Ribeiro de Sousa, que convidou a mim Aldeane Sousa de Assis, para secretariar e lavrar a seguinte ata, assumindo a direção dos trabalhos o Sr. Coordenador solicitou que fosse lido, explicado e debatido o projeto do estatuto da sociedade anteriormente elaborado o que foi feito artigo por artigo, na qual o estatuto foi aprovado pelo voto dos demais fundadores, cujos nomes estão devidamente consignados nesta ata, em seguida o coordenador determinou que se procedesse a eleição dos membros dos órgãos sociais, conforme dispõe o estatuto recém aprovado, procedida à votação foram eleitos para compor o Conselho de Administração as seguintes associadas: Para Presidente Marilene Sousa Lima; Vice Presidente Maria Bernardes da Silva; Secretária Raimunda Pinto Sousa de Assis; Tesoureira Marinethe dos Santos Ferreira; Primeira Conselheira Regiane dos Santos Andrade; Segunda Conselheira Rosana Ribeiro da Silva; Terceira Conselheira Maria de Fátima da Silva Veras, para membros afetivos do Conselho Fiscal: A Sr. Antonia Raquel Ribeiro de Sousa, Rosângela Pereira de Azevedo da Conceição, Joaquina Moura de Sousa, para Suplentes: Rosa Angela Bernardes Lima, Maria da Conceição Silva Almeida, Maria do Socorro Trindade e já devidamente qualificadas nesta ata, todas foram empossadas nos seus cargos e a Presidente do Conselho de Administração a Sr. Marilene Sousa Lima assumiu a direção dos trabalhos, agradeceu a colaboração de seus antecessores nesta tarefa, e declarou definitivamente constituída desta data para o futuro com a denominação Clube de Mães de Jatobá, tendo sede no povoado Jatobá neste Município de Bom Lugar, Estado do Maranhão, e tendo como objetivo social: 1º - O estímulo, desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades econômicas de caráter comum, 2º - A venda em comum de sua produção agrícola nos mercados locais e nacionais, 3º - O trabalho em conjunto de suas associadas em atividades de cultivo, extração e industrialização rural em terras ou imóveis que o Clube possua ou que venha a possuir, promovendo o aproveitamento dessas terras. As associadas eleitas sobre as penas da Lei declaram que não estão encruzadas em quais quer dos crimes previstos em Lei ou mais restrições legais que possa impedi-las de exercer atividades mercantis. Como nada mais houvesse a trabalho a Presidente da sociedade deu por encerrado os trabalhos, e eu Aldeane Sousa de Assis que servi de secretária, lavrei a presente ata que lida e achada conforme contem as assinaturas de todas as associadas fundadoras que tiveram a livre vontade de organizar o Clube de Mães.

MARILENE SOUSA LIMA

Presidente

Raimunda P. Sousa de Assis

RAIMUNDA PINTO S. DE ASSIS

Secretaria

Marinethe dos Santos Ferreira

MARINETHE DOS S. FERREIRA

Tesoureira

ESTATUTO DO CLUBE DE MÃES DO POVOADO JATOBÁ, MUNICÍPIO DE BOM LUGAR, ESTADO DO MARANHÃO/MA.

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art. 1º - O Clube de Mães do povoado Jatobá, fundada em 24 de junho de 2001, é uma entidade Civil sem fins lucrativos, que terá duração que terá duração por tempo indeterminado com sede no povoado Jatobá, Município de Bom Lugar/MA.

Art. 2º - A Associação tem por finalidade:

I – promover atividades sociais, culturais e desportivas.

II – Representar e defender os legítimos interesses dos associados em assuntos concernentes ao desempenho das atividades profissionais, comerciais e legais.

III – Buscar junto às instituições financeiras recursos através de projetos que visem a melhoria sócio-econômica de seus associados.

IV– Desenvolver projetos agropecuários visando o fortalecimento da comunidade.

Art. 3º - No desenvolvimento de suas atividades a associação não terá distinção de raça, cor, idade, estado civil e política partidária.

Art. 4º - A Associação terá um regimento interno que, aprovado pela assembléia geral que disciplinará o seu funcionamento.

Art. 5º - A fim de cumprir suas finalidades, a entidade se organizará em tantas unidades de prestação e serviços, quantas se fizerem necessárias, as quais se regerão pelo regimento interno aludido no art. 4º.

CAPÍTULO II

DOS SÓCIOS

Art. 6º - A Associação é constituída por número ilimitado de sócios distribuídos nas seguintes categorias:

- a) - Contribuintes: são moradores que se inscreverem no quadro social e tem seus nomes aprovados pela diretoria e se dispõem a cumprir o estatuto da sociedade.
- b) - Beneméritos: são os que havendo feito doação valiosa e prestação de serviços relevantes à Associação, tem os seus nomes aprovados pela assembleia geral.

Art. 7º - São direitos dos sócios quites com suas obrigações sociais:

- I - votar e ser votado para os cargos eletivos;
- II - gozar das vantagens oferecidas pela Associação;
- III - tomar parte nas assembleias gerais.

Art. 8º - São deveres dos Sócios:

- I - cumprir as disposições estatutárias e regimentais;
- II - acatar as determinações da diretoria e da assembleia geral;
- III - contribuir financeiramente com a Associação quando assim for estipulado em assembleia.

Art. 9º - Os sócios não responderão subsidiariamente pelos encargos da entidade.

CAPÍTULO III
DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 10 – A Associação será administrada por:

I – assembléia geral

II – diretoria

III – Conselho Fiscal

Art. 11 – A assembléia geral órgão soberano da entidade, constituir-se-á dos sócios em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 12 – Compete à assembléia geral:

I – eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal;

II – decidir sobre a reforma do estatuto;

III – decidir sobre a extinção da entidade nos termos do art. 30;

IV – decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais;

V – aprovar o regime interno;

VI – autorizar a realização de empréstimos bancários.

Art. 13 – A assembléia geral reunir-se-á ordinariamente duas vezes por ano para:

I – apreciar o relatório anual da Diretoria;

II – discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo Conselho Fiscal e outras que julgar necessário.

Art. 14 - A assembleia reunir-se-á extraordinariamente quando convocada:

I - pela diretoria;

II - pelo Conselho Fiscal;

III - por requerimento de 1/3 dos sócios quites com suas obrigações sociais;

Art. 15 - A convocação da assembleia geral será feita por meio de edital de convocação afixado na sede da Entidade, por circulares, pela imprensa local com antecedência mínima de dois dias.

PARÁGRAFO ÚNICO: Qualquer assembleia instalar-se-á em primeira convocação com a maioria simples dos sócios e em segunda convocação com quaisquer números de sócios uma hora depois da primeira.

Art. 16 - A diretoria será constituída por um presidente, vice-presidente, 1º e 2º secretário, 1º e 2º tesoureiro.

PARÁGRAFO ÚNICO: O mandato da diretoria será de dois anos podendo ser reeleita.

Art. 17 - Compete à diretoria:

I - elaborar e executar programas anuais de atividades;

II - elaborar e representar à assembleia geral o relatório;

III - entrosar-se com instituições publicas e privadas para mútua colaboração de interesse comum;

IV - outras que julgar necessário.

Art. 18 - A diretoria reunir-se-á no mínimo uma vez por mês.

Art. 19 – Compete ao presidente:

I – representar a Associação judicial e extrajudicialmente;

II – cumprir e fazer cumprir este estatuto e o regimento interno;

III – presidir a Assembléia Geral;

IV – convocar e presidir as reuniões da diretoria;

V – representar a Associação junto às instituições de crédito oficiais e particulares.

Art. 20 – Compete ao vice-presidente:

I – substituir o presidente em suas faltas ou impedimentos;

II – assumir o mandato em caso de vacância até seu término;

III – prestar de modo geral a sua colaboração ao presidente.

Art. 21 – Compete ao primeiro secretário:

I – secretariar as reuniões da diretoria e assembléia geral;

II – redigir as atas;

III – publicar todas as notícias das atividades da entidade;

IV – expedir correspondências em nome da Associação.

Art. 22 – Compete ao segundo secretário:

I – substituir o 1º secretário em suas faltas ou impedimentos;

II – assumir o mandato em caso de vacância até seu término;

III – prestar de modo geral a sua colaboração ao 1º secretário.

Art. 23 – Compete ao primeiro tesoureiro:

I – arrecadar e contabilizar as contribuições dos associados, rendas, auxílios e donativos mantendo em dia a escrituração;

II – pagar as contas autorizadas pelo presidente;

III – apresentar o relatório das despesas e receitas sempre que forem solicitadas;

IV – conservar sobre sua guarda e responsabilidade os documentos relativos à tesouraria;

V – assinar junto com o presidente cheques, cédulas rurais pignoratícias e hipotecárias.

Art. 24 – Compete ao segundo tesoureiro:

I – substituir o primeiro em suas faltas ou impedimentos ;

II – assumir o mandato em caso de vacância até seu término;

III – prestar de modo geral a sua colaboração ao 1º tesoureiro.

Art. 25 – O Conselho Fiscal será constituído por três membros efetivos e seus respectivos suplentes eleitos pela assembleia geral.

§ 1º - O mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da diretoria.

§ 2º - Em caso de vacância, o mandato será assumido pelos respectivos suplentes até seu término.

Art. 26 – Compete ao Conselho Fiscal:

I – examinar o livro de escrituração da associação;

II – examinar o balanço semestral apresentado pelo tesoureiro opinando a respeito;

III – apreciar os balanços e inventários que acompanham o relatório anual da diretoria;

IV – opinar sobre aquisição e alienação de bens.

PARÁGRAFO ÚNICO: O Conselho reunir-se-á ordinariamente a cada 02(dois) meses e extraordinariamente sempre que necessário.

Art. 27 – As atividades dos diretores e conselheiros, bem como as dos sócios serão inteiramente gratuitas, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro, gratificação, bonificação ou vantagem.

CAPÍTULO IV

DO PATRIMÔNIO

Art. 28 – O patrimônio da Associação será constituído de bens móveis, imóveis, veículos, semoventes, ações e apólices de dívida pública.

Art. 29 – No caso de dissolução os bens remanescentes serão destinados à outra entidade congênere com personalidade jurídica, sem fins lucrativos.

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 30 – A Associação só poderá ser dissolvida por decisão da assembleia geral extraordinária espacialmente convocada por esse fim quando se tornar impossível à continuação de suas atividades.

Art. 31 – O presente estatuto poderá ser reformado em qualquer tempo por decisão da maioria dos associados em assembleia geral, espacialmente convocada para esse fim e entrará em vigor na data de seu registro em cartório.

Art. 32 – Os casos omissos serão resolvidos pela diretoria e confirmados ou reformulados pela assembleia geral.

Bom Lugar/MA _____ / _____ / _____

MARILENE SOUSA LIM
Presidente

Raimunda P. Sousa de Assis
RAIMUNDA PINTO S. DE ASSIS
1º Secretária

Marinete dos Santos Ferreira
MARINETHE DOS S. FERREIRA
1º Tesoureira

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINARIA DA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO RURAL DO POVOADO JATOBÁ NO MUNICÍPIO DE BOM LUGAR ESTADO DO MARANHÃO

Aos dez dias do mês de Junho do ano de dois mil e um, às nove horas da manhã na Igreja Católica do povoado Jatobá neste município de Bom Lugar Estado do Maranhão realizou-se Assembléia Geral da Cooperativa de Produção Rural do Povoado Jatobá com a finalidade de criar uma nova diretoria com chapa única, com a presença de 25 (vinte e cinco) associados, foi feita a eleição, na qual foram para com o conselho de administração, Edson Ribeiro de Sousa para Presidente, Francisco Lima Sampaio para Vice-presidente, Rosilene Bernardo para 1ª Secretária, José Lima Filho para 2º Secretário, Maria Lúcia da Conceição 1ª Tesoureira e Raimundo Ferreira Veras para 2º Tesoureiro, para membros afetivos do Conselho Fiscal: Francisco Alves Neto, Antonio Silva, Antonio Pereira Gomes, para suplentes: João Evangelista dos Santos, Pedro de Oliveira Pereira e Manoel Gomes da Silva, já devidamente eleito o Presidente Edson Ribeiro de Sousa, assumiu a direção dos trabalhos, agradeceu a colaboração de seus antecessores nessa tarefa e decretou definitivamente constituída desta ata para o futuro a Cooperativa de Produção Rural de Jatobá com a denominação de Cooperativa de Jatobá, tendo sede no povoado neste município de Bom Lugar, tem por objetivo social, primeiro: o estímulo, o desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades económicas de carácter comum, segundo: a venda em comum de sua produção agrícola ou pecuária nos mercados locais e nacionais, terceiro: o trabalho em conjunto de seus associados em atividades de cultivos, extração e industrialização rural em terras ou moveis que a cooperativa possua ou que venha possuir os sócios eleitos sobre as penas da lei declaram que não estão em inclusão em quaisquer crimes previstos em lei ou nas restrições legais que possam impedi-los de exercer atividades mercantis como nada mais houvesse a ser tratado o presidente encerrou os trabalhos e eu Rosilene Bernardo lavrei a seguinte ata, que lida e achada conforme vai ser assinada.

EDSON RIBEIRO DE SOUSA

Presidente

ROSILENE BERNARDO

Secretária

MARIA LUCIA DA CONCEIÇÃO

Tesoureira

**ESTATUTO DA COOPERATIVA DE PRUDUÇÃO RURAL DO POVOADO
JATOBÁ, MUNICÍPIO DE BOM LUGAR, ESTADO DO MARANHÃO/MA.**

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art. 1º - A Cooperativa de Produção Rural do povoado Jatobá, fundada em 10 de junho de 2001, é uma entidade Civil sem fins lucrativos, que terá duração que terá duração por tempo indeterminado com sede no povoado Jatobá, Município de Bom Lugar/MA.

Art. 2º - A Associação tem por finalidade:

I – promover atividades sociais, culturais e desportivas.

II – Representar e defender os legítimos interesses dos associados em assuntos concernentes ao desempenho das atividades profissionais, comerciais e legais.

III – Buscar junto às instituições financeiras recursos através de projetos que visem a melhoria sócio-econômica de seus associados.

IV– Desenvolver projetos agropecuários visando o fortalecimento da comunidade.

Art. 3º - No desenvolvimento de suas atividades a associação não terá distinção de raça, cor, idade, estado civil e política partidária.

Art. 4º - A Associação terá um regimento interno que, aprovado pela assembleia geral que disciplinará o seu funcionamento.

Art. 5º - A fim de cumprir suas finalidades, a entidade se organizará em tantas unidades de prestação e serviços, quantas se fizerem necessárias, as quais se regerão pelo regimento interno aludido no art. 4º.

CAPÍTULO II

DOS SÓCIOS

Art. 6º - A Associação é constituída por número ilimitado de sócios distribuídos nas seguintes categorias:

- a) – Contribuintes: são moradores que se inscreverem no quadro social e tem seus nomes aprovados pela diretoria e se dispõem a cumprir o estatuto da sociedade.
- b) – Beneméritos: são os que havendo feito doação valiosa e prestação de serviços relevantes à Associação, tem os seus nomes aprovados pela assembleia geral.

Art. 7º - São direitos dos sócios quites com suas obrigações sociais:

I – votar e ser votado para os cargos eletivos;

Art. 14 – A assembléia reunir-se-á extraordinariamente quando convocada:

I – pela diretoria;

II – pelo Conselho Fiscal;

III – por requerimento de 1/3 dos sócios quites com suas obrigações sociais;

Art. 15 – A convocação da assembléia geral será feita por meio de edital de convocação afixado na sede da Entidade, por circulares, pela imprensa local com antecedência mínima de dois dias.

PARÁGRAFO ÚNICO: Qualquer assembléia instalar-se-á em primeira convocação com a maioria simples dos sócios e em segunda convocação com quaisquer números de sócios uma hora depois da primeira.

Art. 16 – A diretoria será constituída por um presidente, vice-presidente, 1º e 2º secretario, 1º e 2º tesoureiro.

PARÁGRAFO ÚNICO: O mandato da diretoria será de dois anos podendo ser reeleita.

Art. 17 – Compete à diretoria:

I – elaborar e executar programas anuais de atividades;

II – elaborar e representar à assembléia geral o relatório;

III – entrosar-se com instituições publicas e privadas para mútua colaboração de interesse comum;

IV – outras que julgar necessário.

Art. 18 – A diretoria reunir-se-á no mínimo uma vez por mês.

Art. 19 – Compete ao presidente:

I – representar a Associação judicial e extrajudicialmente;

II – cumprir e fazer cumprir este estatuto e o regimento interno;

III – presidir a Assembléia Geral;

IV – convocar e presidir as reuniões da diretoria;

V – representar a Associação junto às instituições de crédito oficiais e particulares.

Art. 20 – Compete ao vice-presidente:

I – substituir o presidente em suas faltas ou impedimentos;

II – assumir o mandato em caso de vacância até seu término;

III – prestar de modo geral a sua colaboração ao presidente.

Art. 21 – Compete ao primeiro secretário:

I – secretariar as reuniões da diretoria e assembléia geral;

II – redigir as atas;

III – publicar todas as notícias das atividades da entidade;

IV – expedir correspondências em nome da Associação.

Art. 22 – Compete ao segundo secretário:

I – substituir o 1º secretário em suas faltas ou impedimentos;

II – assumir o mandato em caso de vacância até seu término;

III – prestar de modo geral a sua colaboração ao 1º secretário.

Art. 23 – Compete ao primeiro tesoureiro:

I – arrecadar e contabilizar as contribuições dos associados, rendas, auxílios e donativos mantendo em dia a escrituração;

II – pagar as contas autorizadas pelo presidente;

III – apresentar o relatório das despesas e receitas sempre que forem solicitadas;

IV – conservar sobre sua guarda e responsabilidade os documentos relativos à tesouraria;

V – assinar junto com o presidente cheques, cédulas rurais pignoratícias e hipotecárias.

Art. 24 – Compete ao segundo tesoureiro:

I – substituir o primeiro em suas faltas ou impedimentos ;

II – assumir o mandato em caso de vacância até seu término;

III – prestar de modo geral a sua colaboração ao 1º tesoureiro.

Art. 25 – O Conselho Fiscal será constituído por três membros efetivos e seus respectivos suplentes eleitos pela assembléia geral.

§ 1º - O mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da diretoria.

§ 2º - Em caso de vacância, o mandato será assumido pelos respectivos suplentes até seu término.

Art. 26 – Compete ao Conselho Fiscal:

I – examinar o livro de escrituração da associação;

II – examinar o balanço semestral apresentado pelo tesoureiro opinando a respeito;

III – apreciar os balanços e inventários que acompanham o relatório anual da diretoria;

IV – opinar sobre aquisição e alienação de bens.

PARÁGRAFO ÚNICO: O Conselho reunir-se-á ordinariamente a cada 02(dois) meses e extraordinariamente sempre que necessário.

Art. 27 – As atividades dos diretores e conselheiros, bem como as dos sócios serão inteiramente gratuitas, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro, gratificação, bonificação ou vantagem.

CAPÍTULO IV

DO PATRIMÔNIO

Art. 28 – O patrimônio da Associação será constituído de bens móveis, imóveis, veículos, semoventes, ações e apólices de dívida pública.

Art. 29 – No caso de dissolução os bens remanescentes serão destinados à outra entidade congênere com personalidade jurídica, sem fins lucrativos.

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 30 – A Associação só poderá ser dissolvida por decisão da assembleia geral extraordinária especialmente convocada por esse fim quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 31 – O presente estatuto poderá ser reformado em qualquer tempo por decisão da maioria dos associados em assembleia geral, especialmente convocada para esse fim e entrará em vigor na data de seu registro em cartório.

Art. 32 – Os casos omissos serão resolvidos pela diretoria e confirmados ou reformulados pela assembleia geral.

Bom Lugar/MA _____ / _____ / _____

EDSON RIBEIRO DE SOUSA
Presidente

ROSILENE BERNARDO
1º Secretária

AMBROZIO PEREIRA DA SILVA
1º Tesoureiro

III – apreciar os balanços e inventários que acompanham o relatório anual da diretoria;

IV – opinar sobre aquisição e alienação de bens.

PARÁGRAFO ÚNICO: O Conselho reunir-se-á ordinariamente a cada 02(dois) meses e extraordinariamente sempre que necessário.

Art. 27 – As atividades dos diretores e conselheiros, bem como as dos sócios serão inteiramente gratuitas, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro, gratificação, bonificação ou vantagem.

CAPÍTULO IV

DO PATRIMÔNIO

Art. 28 – O patrimônio da Associação será constituído de bens móveis, imóveis, veículos, semoventes, ações e apólices de dívida pública.

Art. 29 – No caso de dissolução os bens remanescentes serão destinados à outra entidade congênere com personalidade jurídica, sem fins lucrativos.

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 30 – A Associação só poderá ser dissolvida por decisão da assembleia geral extraordinária especialmente convocada por esse fim quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 31 – O presente estatuto poderá ser reformado em qualquer tempo por decisão da maioria dos associados em assembleia geral, especialmente convocada para esse fim e entrará em vigor na data de seu registro em cartório.

Art. 32 – Os casos omissos serão resolvidos pela diretoria e confirmados ou reformulados pela assembleia geral.

Bom Lugar/MA _____ / _____ / _____

EDSON RIBEIRO DE SOUSA
Presidente

ROSILENE BERNARDO
1º Secretária

AMBROZIO PEREIRA DA SILVA
1º Tesoureiro